



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANGELANE FAUSTINO FIRMO

A HIBRIDIZAÇÃO DOS SUBSISTEMAS ATITUDE E GRADAÇÃO NO GÊNERO
MEMÓRIAS LITERÁRIAS

FORTALEZA

2014

ANGELANE FAUSTINO FIRMO

A HIBRIDIZAÇÃO DOS SUBSISTEMAS ATITUDE E GRADAÇÃO NO GÊNERO
MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Dissertação apresentada ao Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mônica de Souza Serafim.

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

F557h Firmo, Angelane Faustino.
A hibridização dos subsistemas atitude e gradação no gênero memórias literárias / Angelane Faustino Firmo. – 2014.
117 f. : il., enc. ; 30 cm.

Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.
Área de Concentração: Linguística aplicada.
Orientação: Profa. Dra. Mônica de Souza Serafim.

1.Língua portuguesa – Aspectos sociais – Brasil. 2.Análise crítica do discurso – Brasil. 3.Narrativas pessoais. I.Título.

CDD 469.80071081

ANGELANE FAUSTINO FIRMO

A HIBRIDIZAÇÃO DOS SUBSISTEMAS ATITUDE E GRADAÇÃO NO GÊNERO
MEMÓRIAS LITERÁRIAS

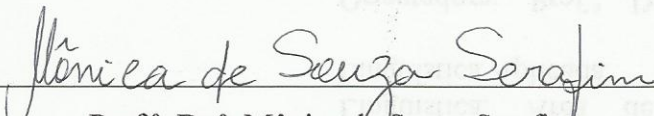
Dissertação apresentada ao Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

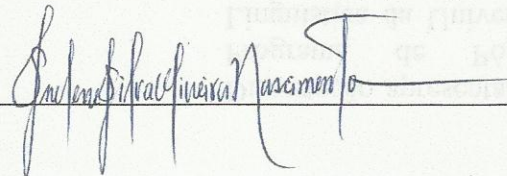
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mônica de Souza Serafim.

Aprovada em 21/11/2014

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Mônica de Souza Serafim

Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof.^a Dr.^a Suelene Silva Oliveira Nascimento

Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Prof.^a Dr.^a Ana Célia Clementino Moura

Universidade Federal do Ceará (UFC)

"Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra."

Carlos Drummond de Andrade

AGRADECIMENTOS

O amor que tenho pelas letras foi em mim alimentado desde a mais terna idade. Lembro-me do momento em que um amontoado de sinais, espalhados em uma folha de papel, começaram a juntar-se e fazerem sentido, foi um momento mágico, uma lembrança que não posso esquecer. Durante toda a minha vida acadêmica, esse amor pelas letras aumentou graças ao fermento da inquietação e ao germe da pesquisa linguística. Hoje, vejo nessas linhas o resultado de minhas inquietações e de minha sede de encontrar as respostas para elas. Não posso deixar de destacar que durante todo esse percurso nunca estive só e que, portanto, devo dar honra a quem me honra, por isso seguem os meus agradecimentos:

Por tudo o que tenho e por tudo o que sou, agradeço a Deus, Senhor e Salvador de minha alma, meu amigo e protetor em todos os momentos, pois Ele é o meu socorro e refúgio nas horas de dor e é a Quem um dia voltarei para descansar em seus braços de Amor.

À minha amada mãe, Maria Angelina Faustino Firmo, mulher guerreira e preciosa, o sol que irradia meus dias sobre a Terra, agradeço o cuidado e a dedicação de mãe e de amiga e espero a cada dia recompensar todo esse amor que me é dado. À meu precioso pai, Sebastião Firmo, em memória, principal responsável por meus estudos, incentivador e protetor, já que foi, é e sempre será um pai em todos os sentidos que essa palavra possa ter. Infelizmente, não deu tempo de ele ver todos os frutos de seu zelo por mim, mas seus ensinamentos e seu sobrenome prosseguirá em mim, eterna saudade.

Às minhas irmãs, Jaqueline Firmo, minha protetora desde o berço, agradeço cada cuidado, cada cantiga de ninar que embalava meus doces sonhos de infância, cada olhar em mim lançado cheio de ternura e que me diz o quanto ainda sou como uma criança ante seus olhos; à Angeliana Faustino Firmo, minha maninha, alvo de todo meu amor, agradeço a paciência, tolerância e ajuda, sem ela este trabalho não seria possível, já que inúmeras vezes me auxiliou na busca da melhor palavra para essa dissertação ou até na interpretação dos dados, me indicando se aquilo que eu afirmava estava claramente explicado no meu trabalho.

Na Universidade, recebi um presente que foi o de encontrar pessoas tão especiais e queridas a ponto de suportarem minhas mudanças de humor, minhas ausências e mesmo assim não me condenarem por isso. Eu tive o prazer de encontrar a Leilane Lima Almeida Evangelista, minha amiga tão especial, que me ajuda, me aconselha e me acalma, por tudo isso sou grata a minha gêmea. Encontrei a Francisca Elane Rocha Ires, um ser humano admirável, que sempre que preciso me auxilia, seja com os resumos de trabalhos, nas correções gramaticais ou na simples ação de me ouvir, quando preciso de alguém que me

escute; eu sei que ela sempre torce por mim, por isso sou grata. Encontrei a Patrícia de Oliveira Batista, um ser humano maravilhoso e inteligente, que me apoia e diante das minhas vitórias me diz: Que bom, amiga!, com uma voz doce e sincera, meus agradecimentos. Por fim, encontrei a Maria Viviane Matos de Lima, um ser forte e guerreiro que não se abate diante das dificuldades, pessoa que primeiro encontrei ainda na fila da matrícula, à minha companhia de trabalhos e de conversas na graduação meu muito obrigada.

À Ana Kelly Costa Abreu, mais do que uma amiga, uma irmã, agradeço pela torcida e pelas vezes em que estive ao meu lado, me apoiando, quando tudo parecia desmoronar, grata sempre.

À família Sena, que sempre acolhe a mim e a minha família tão carinhosamente, agradeço todas as orações a nós voltadas.

À Letícia Joaquina de Castro Rodrigues Souza e Souza, dona de um nome tão grande quanto à bondade, humildade e inteligência que preenchem o seu ser, sou grata pela ajuda de uma doutoranda nas ideias e no texto ainda confuso de uma mestranda, pelas conversas simples e felizes e pela disponibilidade.

À Fabrício Garcia pela ajuda e pelas inúmeras conversas alegres, sou grata, pois mesmo distante sua ajuda se fez presente.

A todos os meus professores que fizeram ou fazem parte da minha vida, desde a Educação Básica até a Pós-Graduação. À minha eterna professora, Ana Célia Clementino Moura, alvo de todo meu respeito e carinho, pois é quem me ensina, me ajuda, me faz rir e com quem divido boas conversas, sou grata a Deus pela sua vida e pelas suas orientações. A quem tive a sorte de ter como minha orientadora, Mônica de Souza Serafim, um ser humano inteligente, íntegro, forte, mas ao mesmo tempo doce e divertido, sou grata pelas orientações, correções, apoio e incentivo.

Aos diretores das escolas EEFM Presidente Vargas e EEFM Irmão Urbano Gonzalez Rodriguez que sempre compreenderam meus horários de estudo e de trabalho, meus agradecimentos.

RESUMO

A língua é avaliativa, ou seja, não podemos escrever ou dizer alguma coisa sem que deixemos marcas de nossos sentimentos, ideologias ou posições, já que a palavra é potencialmente significativa, como afirma Bakhtin (2009; 2011), Halliday (2004) e Halliday e Matthiessen (2006). A palavra ganha diferentes significados nos mais diferentes contextos. Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007) desenvolveram um modelo avaliativo, baseado nas ideias elaboradas pela Linguística Sistêmico-Funcional, que objetiva identificar os recursos léxico-gramaticais pelos quais o falante ou o escritor expressa seus sentimentos, avaliações ou até outras vozes no seu texto. O modelo desenvolvido por esses autores é denominado de Teoria da Avaliatividade e se divide em três subsistemas: Atitude, Gradação e Engajamento. O estudo aqui proposto tem por objetivos averiguar a possibilidade de ocorrência do processo de hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação e comprovar que esse processo ocorre, primordialmente, através de um único item lexical, ou seja, da palavra, devido ao seu potencial significativo. Como tratamos da emoção do autor no texto, abordamos a emoção do ponto de vista linguístico, por isso utilizamos Charaudeau (2010; 2011). O objeto de análise desse trabalho são 38 textos finalistas, pertencentes ao gênero Memórias Literárias, oriundos da *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro* em sua 2ª edição, no ano de 2010. Sendo assim, analisamos a ocorrência do sistema avaliativo neste gênero confessional. Após a análise dos dados, observamos a ocorrência da hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação, sendo que o principal recurso utilizado para a realização desse fenômeno é o léxico. Observamos também que quanto mais descritivo é o relato das vivências do narrador, mais encontramos marcas atitudinais e graduais nos textos, favorecendo a ocorrências desses subsistemas por fusão. Este estudo é importante para a Teoria da Avaliatividade e para o estudo do texto porque auxilia na compreensão do modelo avaliativo e coloca em destaque uma nova forma de manifestação da valoração através da hibridização de subsistemas, antes considerados ligados, mas não imbricados. Além disso, fazemos um traçado sobre a implicação do sistema avaliativo na construção da emoção do narrador no gênero Memória Literária, o que contribui para o estudo desse gênero.

Palavras-chave: Hibridização, Atitude, Gradação, Memórias Literárias.

ABSTRACT

The language is evaluative, which is, we cannot write or say something without leaving marks of our feelings, ideologies or positions, since the word is potentially significant, as Bakhtin (2009; 2011), Halliday (2004) and Halliday and Matthiessen (2006) state the word gains different meanings in different contexts. Martin and White (2005) and Martin and Rose (2007) developed a model evaluation, based on the ideas developed by Linguistic Systemic-Functional, which aims to identify the resources lexicon-grammar by which the speaker or writer expresses their feelings, assessments or to other voices in your text. The model developed by the authors is called Theory of Valuation and is divided into three subsystems: Attitude, Graduation and Engagement. The study proposed here aims at investigating the possibility of the occurrence of the process of hybridization between the subsystems Attitude and Graduation and demonstrate that this process occurs primarily through a single lexical item, which is, the word due to its significant potential. As we are dealing with the emotion of the author in the text, we focus on the emotion from the linguistic point of view, that is why we take into account Charaudeau (2010; 2011). The object of analysis of this study are 38 finalists texts, belonging to the genre Literary Memories from the Olympics in Portuguese Language Writing the Future in its 2nd edition, in the year of 2010. Thus, we analyzed the occurrence of evaluative system in this genre confessional. After the analysis of the data, we observed the occurrence of hybridization of subsystems Attitude and Graduation, being that the main resource used for the realization of this phenomenon is the lexicon. We also observed that the more descriptive is the reporting of experiences of the narrator, the more we find attitudinal and gradual marks in the texts, by favoring the occurrences of these subsystems by melting. This study is important for the Theory of Valuation and for the study of the text because it assists in understanding the evaluative model and highlights a new manifestation of valuation through hybridization of subsystems, before considered related, but not imbricate. In addition, we do a trace on the implication of evaluative system in the construction of the emotion of the narrator in gender Literary Memory, which contributes to the study of this kind.

Keywords: Hybridization, Attitude, Graduation, Literary Memories

LISTA DE QUADROS E DE TABELAS

Quadro 1: Relação entre variáveis de contexto, metafunções e realização linguística	25
Quadro 2: Julgamento baseado na sanção social	43
Quadro 3: Julgamento baseado na estima social	43
Quadro 4: Tipos de Apreciação	44
Tabela 1- A graduabilidade dos significados atitudinais	55
Tabela 2- A graduabilidade dos valores de Engajamento	57

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	Descrição topo-base	23
Figura 2-	Estrato da linguagem	31
Figura 3-	Escala de instanciação	33
Figura 4-	Escala de instanciação do Sistema para a leitura e da Avaliatividade para a reação	33
Figura 5-	Esquema do subsistema Engajamento	37
Figura 6-	As subdivisões da Atitude	38
Figura 7-	Variação da tipologia do Afeto	41
Figura 8-	Esquema de intensidade dos numerativos quantitativos indefinidos	51
Figura 9-	Realização da subcategoria Força	52
Figura 10-	Escala gradual de Bom	56
Figura 11-	Escala gradual de Chateado	56
Figura 12-	Escala gradual de Desorganizado	57
Figura 13-	Escala gradual de Afirmação	58
Figura 14-	Escala gradual de Maravilhoso	71
Figura 15-	Escala gradual de Enorme	85
Figura 16-	Escala gradual de Extraordinário	86
Figura 17-	Escala gradual de Desenfreada	87
Figura 18-	Escala gradual de Incrível	89

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
	CAPÍTULO I	
2	O POTENCIAL SIGNIFICATIVO DA LINGUAGEM	18
2.1	O potencial significativo da linguagem: a perspectiva bakhtiniana	19
2.2	O potencial significativo da linguagem: a perspectiva hallydiana	22
	CAPÍTULO II	
3	O SISTEMA AVALIATIVO E O JOGO DAS EMOÇÕES	27
3.1	As diferentes perspectivas da emoção	27
3.2	O Sistema Avaliativo	31
3.2.1	<i>Atitude: as emoções reconstruídas através das palavras</i>	37
3.2.2	<i>Gradação: a intensificação das emoções e das avaliações</i>	45
3.3	Hibridização de subsistemas	52
	CAPÍTULO III	
4	METODOLOGIA	59
4.1	A pesquisa	60
4.2	O corpus	61
4.2.1	<i>As Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro</i>	62
4.3	Procedimento para a coleta de dados	65
4.3.1	<i>Instrumentos</i>	65
	CAPÍTULO IV	
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	67
5.1	O gênero Memórias Literárias e o Sistema Avaliativo	67
5.2	A hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação	84
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	100
	ANEXOS	103

1 INTRODUÇÃO

A Teoria da Avaliatividade, como ficou conhecida no Brasil, pode ser considerada um modelo de análise da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) mais do que uma teoria propriamente dita. Afirmamos ser um modelo de análise, pois os seus criadores, James Robert Martin, Peter White e David Rose elaboraram e continuam aprimorando um complexo sistema avaliativo aplicável às estruturas lexicais ou gramaticais que trazem marcas valorativas em suas escolhas. Martin e White, adotando uma perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional, desenvolveram seus estudos no âmbito da avaliação e das perspectivas textuais. Segundo esses autores, todo falante/escritor utilizaria os mais diversos e diferentes recursos léxico-gramaticais para expressar sentimentos, julgamentos, posicionamentos ou até outras vozes textuais nos enunciados produzidos.

Segundo Martin e White (2005), a avaliatividade faz parte dos três grupos principais de recursos da Semântica do Discurso juntamente com a negociação (relacionado às funções de fala e às estruturas de troca) e o envolvimento (relacionado aos recursos usados para negociar as relações, especialmente as relações de solidariedade). O sistema da avaliatividade foi elaborado com a finalidade de analisar a realização da avaliatividade em língua inglesa e é constituído por três subsistemas: Atitude, Gradação e Engajamento. Cada um desses subsistemas se subdivide em outras subcategorias, que serão melhor abordadas no capítulo II desta dissertação, onde iremos focalizar sobretudo os subsistemas Atitude e Gradação visto que analisamos a ocorrência desses dois subsistemas nos textos Memórias Literárias, alvos de nossa análise.

Alguns autores e estudiosos brasileiros já vêm utilizando, há alguns anos, a Teoria da Avaliatividade em seus trabalhos e pesquisas, numa tentativa de contribuir com o pensamento de Martin, White e Rose e de auxiliar nos estudos da avaliatividade em língua portuguesa, como poderemos ver nas considerações que se seguem.

Dentre os trabalhos brasileiros que tratam da avaliatividade está o de Cabral (2007). Em sua tese, tendo por base os estudos de Fairclough sobre o discurso jornalístico e os estudos de Halliday com o seu modelo da Gramática Sistêmico-Funcional, a autora busca investigar as manifestações linguísticas de julgamento, autoral ou não, em textos produzidos a partir da polêmica gerada pelo jornalista do *The New York Time*, Larry Rother. O jornalista desse importante jornal americano produziu uma reportagem em que comentava o gosto exagerado do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, por bebidas alcoólicas. A

reportagem americana gerou uma avalanche de artigos de opinião abordando o mesmo assunto, porém os artigos não eram mais originários da imprensa americana, mas sim da imprensa brasileira. Para análise, focada na área da Semântica do Discurso, Cabral coletou 153 artigos escritos por jornalistas brasileiros e os analisou com base na subcategoria Julgamento do subsistema Atitude. A análise visava o reconhecimento dos recursos utilizados pelo jornalista para julgar a imagem do ex-presidente Lula. Cabral (2007) tinha a hipótese de que os julgamentos, presentes nos artigos de opinião, levariam mais em conta os aspectos relacionados à sanção social do que os aspectos relacionados à Estima Social, o que foi confirmado.

Outro trabalho que aborda a Teoria da Avaliatividade é o de Sobhie (2008). O autor objetivou analisar a avaliação na linguagem empresarial e, para isso, ele utilizou as noções da gramática sistêmico-funcional de Halliday e o conceito de avaliatividade de Martin e White. O autor utilizou como *corpus* o *press release* de duas empresas de telecomunicação, totalizando 678 *press releases* e 54 notícias publicadas por um jornal *on line* sobre o mesmo assunto. A conclusão do trabalho de Sobhie (2008) foi que o *press release* tende a atribuir avaliações positivas aos serviços prestados aos clientes, à capacidade da empresa, às ações que aumentam essa capacidade empresarial e aos problemas internos das empresas. Essa conclusão possibilita às empresas o desenvolvimento de estratégias para uma melhor comunicação com os seus diferentes públicos e contribui para a educação dos leitores, tornando-os mais críticos.

Dando continuidade ao relato de trabalhos brasileiros sobre a Avaliatividade, podemos apontar a pesquisa de Cruz (2012) que teve por objetivo analisar pareceres de artigos científicos de uma revista de Linguística. O *corpus* utilizado no trabalho é formado por 67 pareceres de artigos científicos que foram analisados com base nos três subsistemas da Avaliatividade (Atitude, Engajamento e Gradação). A análise dos dados permitiu classificar os pareceres em aprovados, aprovados com restrições ou reprovados.

Jornada (2009) analisou as versões da realidade presentes nos artigos de opinião do jornalista Diogo Mainardi e nas suas representações para o presidente Lula e para o período que compreende o seu governo. O objetivo do trabalho da autora é entender as representações que o jornalista faz do ator social Lula, do seu governo e do seu partido. Após a análise dos dados e tendo por base a subcategoria Julgamento, a autora concluiu que houve um predomínio de Julgamentos de Estima Social por Capacidade, nas representações do presidente Lula, e a predominância de Julgamentos de Sanção Social por Propriedade nas

representações dos que fazem parte do seu governo. Ficou claro também que os julgamentos e os posicionamentos de Mainardi, em relação ao ex-presidente Lula e ao seu governo, foram negativos.

Por fim, ressaltamos a pesquisa de Weber (2007). A autora utilizou o gênero História de Vida (publicado em um jornal de cooperativa agropecuária cuja abrangência são as regiões oeste, extremo-oeste e planalto-norte do estado de Santa Catarina) para analisar a linguagem avaliativa. Weber (2007) coletou 23 histórias de vida e observou que prevalecia a subcategoria Julgamento nos textos analisados. Após a análise do *corpus*, ela percebeu que a avaliação se manifestava nos textos de forma tanto implícita quanto explícita.

Após a leitura e a análise desses trabalhos, podemos perceber que as pesquisas, geralmente, se fixam na análise de um único subsistema (Atitude, Gradação ou Engajamento) como em Cabral (2007), Weber (2007) e Jornada (2009) e em um determinado gênero textual. Frequentemente, os gêneros textuais mais escolhidos são aqueles que têm a sequência argumentativa como sequência predominante, como os artigos de opinião analisados em Cabral (2007) e em Jornada (2009) e os artigos científicos de Cruz (2012). Talvez, a escolha desses gêneros textuais para a análise do sistema da avaliatividade tenha sido motivada pelo fato de que as ideologias e os posicionamentos do autor são mais facilmente reconhecidos nesse tipo de gênero textual. O que também nos chama a atenção é o fato de os pesquisadores terem, regularmente, escolhido gêneros jornalísticos como em Cabral (2007), Weber (2007), Sobhie (2008) e Jornada (2009), provavelmente essa escolha se deve à tentativa de evidenciar que, mesmo em gêneros cuja escrita prima por uma total imparcialidade ou impessoalidade, o falante/escritor produz enunciados com marcas de subjetividade sejam elas conscientes ou não.

Em resumo, o que se percebe claramente ao longo das pesquisas acima citadas é, na maioria dos casos, a elaboração de uma taxonomia avaliativa em língua portuguesa, para isso ocorre a análise de cada subsistema de forma isolada. As valorações presentes nos textos são tratadas como realizações de um ou de outro subsistema. O que é evidenciado nesses trabalhos é a preocupação em definir em qual subsistema cada avaliação se encontra, já que pela leitura e apreciação das dissertações e teses percebemos uma clara intenção de enquadrar a avaliação em um ou outro subsistema avaliativo. No entanto, apesar dessas análises estarem mais voltadas para a nomeação, a organização ou o encaixotamento de um recurso linguístico dentro do sistema avaliativo, observamos o interesse em saber quais as implicações das

escolhas avaliativas feitas pelo falante/escritor para as imagens construídas ao longo do texto, visto que a Teoria da Avaliatividade está relacionada com a Semântica.

Levando isso em consideração, julgamos importante abordar um ponto ainda não explorado que é o caso da possibilidade de existência da hibridização entre pelo menos dois subsistemas avaliativos, uma vez que os subsistemas costumam ser vistos de forma isolada e nunca fundidos. Dessa forma, temos como objetivo geral de nosso trabalho investigar a possibilidade de ocorrência da hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação, através de um único item lexical, no gênero Memórias Literárias.

A ideia de hibridização de subsistemas avaliativos surge da observação de alguns estudos e análises baseados no modelo valorativo. Após a leitura, o estudo e a análise dos exemplos apresentados por vários autores, incluindo Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007), percebemos que é possível a hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação e que isso se manifesta, primordialmente, através de itens lexicais, ou seja, da lexicalização. Acreditando no potencial significativo da palavra, afirmamos que um único item lexical pode expressar ao mesmo tempo emoções ou atitudes maximizadas ou reduzidas. Os próprios autores da teoria valorativa, Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007), tratam da questão dos híbridos entre as subcategorias Apreciação e Julgamento, mas não se referem ao hibridismo entre os subsistemas Atitude e Gradação, por isso a importância do desenvolvimento dessa pesquisa.

Como estamos defendendo a ideia de hibridização de subsistemas avaliativos e sabendo que a Teoria Avaliativa está diretamente ligada à semântica, temos como objetivos específicos: analisar os recursos linguísticos pelos quais ocorre a hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação e averiguar as implicações semânticas e estruturais da escolha de uma forma avaliativa híbrida na escrita do gênero Memórias Literárias. Para alcançarmos nossos objetivos fazemos as seguintes indagações: Como se realiza linguisticamente a hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação nas valorações presentes nas Memórias Literárias analisadas? O que influencia o escritor a escolher, dentre uma lista de recursos avaliativos, um híbrido e qual a sua intenção? Pretendemos, ao longo desse trabalho, responder a essas indagações.

Como *corpus* de análise, escolhemos 38 textos pertencentes ao gênero Memórias Literárias por acreditamos que esse gênero possibilita um maior posicionamento avaliativo do autor no texto, já que se trata de um gênero marcado por um conteúdo íntimo e sentimental, por uma linguagem criativa e, portanto, fecunda para a manifestação do hibridismo dos

subsistemas Atitude e Gradação. Afirmamos isso uma vez que a própria estrutura do texto permite a colocação valorativa do autor logo no início do texto. Além disso, o gênero apresenta como sequências predominantes a narrativa e a descritiva, o que também facilita a apresentação das emoções e julgamentos do autor, já que instiga a imaginação, a criatividade e, no nosso caso, a memória do escritor. O *corpus* é composto por textos finalistas de alunos da escola pública participantes da *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro* em sua 2ª edição, no ano de 2010.

É importante destacar que este trabalho se faz necessário frente à necessidade de complementação dos estudos do Sistema da Avaliatividade, já existente em nossa língua, para que se possa entender e analisar a Avaliatividade em textos não jornalísticos. Quanto mais estudos e contribuições possam ser dados a essa teoria ou modelo de análise, mais aperfeiçoado tornar-se-á o modelo.

A base teórica para o estudo aqui apresentado é a noção de dialogismo e de potencial significativo da língua de Bakhtin (2009; 2011); a noção de língua e significado de Halliday e Matthiessen (2006); a gramática funcional descrita por Halliday (2004); a conceituação de emoção de Charaudeau (2010; 2011) e o estudo avaliativo da Teoria da Avaliatividade de Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007).

Visando a uma melhor compreensão da Teoria da Avaliatividade, é importante compreender alguns conceitos importantes para o desenvolvimento da ideia de valoração nos textos. Por esta razão, nosso trabalho encontra-se dividido em dois capítulos de fundamentação teórica. No primeiro capítulo, abordamos o tema do potencial significativo da linguagem sob o ponto de vista de Bakhtin e de Halliday. Nesse capítulo, tratamos das noções de dialogismo e de interação verbal assim como da base da Linguística Sistêmico-Funcional e da sua contribuição para a teoria avaliativa. No segundo capítulo, apresentamos algumas considerações sobre as diferentes perspectivas da emoção de acordo com as visões da Psicologia, da Sociologia e, principalmente, da Linguística, dando destaque às contribuições de Charaudeau sobre a emoção. Avaliamos como necessária essa reflexão sobre a emoção, pois abordamos o subsistema Atitude, tido por Martin e White (2005) como o mais emotivo. No capítulo II também nos reportamos ao Sistema Avaliativo e aos seus subsistemas, enfatizando os subsistemas Atitude e Gradação. Objetivamos com isso nos deter na explicação desses subsistemas e de suas subcategorias a fim de que possamos entender a sua realização nos textos em análise e de que possamos encontrar evidências da manifestação da hibridização entre eles. A hibridização é o último tema abordado no capítulo II.

Após a fundamentação teórica, no terceiro capítulo, apresentamos a metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho. Caracterizamos a nossa pesquisa e descrevemos todo o seu processo de desenvolvimento, desde a coleta de dados até a sua análise. Nesse capítulo também tecemos algumas considerações sobre a origem, o desenvolvimento e os resultados da *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro* de 2010, já que julgamos importante saber como esse projeto começou e quais seus objetivos, assim como conhecer a situação na qual foram produzidos os textos das Memórias Literárias, que fazem parte do nosso *corpus*.

No quarto capítulo, apresentamos a análise e discussão dos dados. Inicialmente, abordamos a ocorrência dos elementos avaliativos na composição estrutural do gênero Memórias Literárias, para isso dividimos a estrutura do gênero em três partes (apresentação, corpo e fechamento) e apresentamos exemplos de ocorrências atitudinais e graduais em cada uma dessas partes. Dessa forma, objetivamos realizar um estudo composicional do gênero Memórias Literárias desde a perspectiva avaliativa, pois acreditamos que as escolhas avaliativas, manifestadas por isolamento ou pelo uso de elementos híbridos, estão relacionadas a critérios subjetivos, ou seja, de intenção do autor ao escrever o seu texto e as escolhas a nível estrutural, isto é, de organização do discurso.

Ainda no quarto capítulo, observamos a realização linguística das expressões de sentimento e de julgamento do autor das memórias a fim de identificarmos traços de intensificação para mais ou para menos da emoção, atitude ou julgamento do autor. Dessa forma, discutimos as possibilidades de realização dos casos de hibridismo entre os subsistemas Atitude e Gradação em um único elemento linguístico.

No quinto capítulo, tecemos algumas considerações sobre o resultado de nossa análise, as implicações do nosso estudo para a área da Linguística Sistêmico-Funcional e para a Avaliatividade, assim como possíveis encaminhamentos para o desenvolvimento de outros estudos a partir da ideia aqui apresentada.

No Anexo, apresentamos ao leitor parte do *corpus* analisado. Expomos os 15 textos discutidos no capítulo Análise e Discussão dos dados. Julgamos importante anexar esse material a fim de que o nosso leitor tenha contato com o texto na íntegra e tenha liberdade de concordar ou discordar de nossa análise, afinal é das inquietações, das dúvidas e da busca por respostas que surgem as pesquisas.

CAPÍTULO I

2 O POTENCIAL SIGNIFICATIVO DA LINGUAGEM

O que faz da palavra uma palavra é a sua significação.

(Bakhtin)

Neste capítulo tratamos da concepção de potencial significativo da linguagem, segundo o pensamento de Bakhtin (2009; 2011) e de Halliday (2004), dando destaque para o estudo do item lexical e de todo o seu potencial significativo. Partimos do estudo da palavra por acreditarmos que a hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação ocorre, principalmente, por meio do léxico, pois uma única palavra pode apresentar, simultaneamente, marcas de valoração ou de emoção assim como aumentar ou reduzir essas marcas.

Conforme apresenta Stella (2012), a palavra foi abordada de diferentes formas pela Gramática, pela Filologia e pela Linguística. A Gramática segmentou a palavra, organizando suas partes em paradigmas de flexão e de declinação, um resquício da tradição dos estudos greco-latinos. A Filologia, através da observação e da análise de documentos antigos, descreveu as mudanças histórico-fonéticas da palavra. A Linguística observou as palavras em dois momentos distintos e com perspectivas distintas: em um primeiro período, ela estudava as palavras em documentos, a fim de organizar as línguas existentes e de encontrar a origem comum a todas elas; em um segundo momento, descrevia as relações estruturais nos seus diferentes níveis a partir da palavra; dentre eles podemos citar o nível semântico. A autora apresenta as ideias de Bakhtin sobre o conceito de palavra entendida como algo concreto e de realização ideológica. Esse conceito é útil para o que nos propomos a averiguar neste trabalho, uma vez que a palavra traz marcas dos pensamentos de seu enunciador e, portanto, pode apresentar valorações sobre algo ou alguém.

O que podemos afirmar é que a língua vista apenas como um conjunto de regras e de “sinais” não é língua. Ela é algo mais que sinais, pois não falamos por meio de sinais que formam palavras, o que falamos são verdades, mentiras, coisas boas, ruins, novidades etc. A palavra ganha uma pluralidade de significados em diferentes contextos, na boca de diferentes indivíduos ou na ponta do lápis dos mais diversos escritores. É pela palavra que se chega ao

outro e que o outro se chega a mim, ela é como uma ponte de ligação entre o “eu” e o “outro”, na concepção bakhtiniana.

Nosso objetivo não é apresentarmos com profundidade o estudo da palavra ao longo da história humana, nem tampouco darmos um conceito fechado do que é a palavra. O que pretendemos destacar é toda a capacidade significativa da palavra na língua. Mostraremos que tanto as ideias de Bakhtin quanto as defendidas por Halliday, em relação ao potencial significativo da palavra, são úteis à teoria por nós abordada e à defesa de nosso pensamento, porque sendo a língua expressiva e sendo o homem um indivíduo que se expressa por meio dela, é possível identificar nas palavras do falante/escritor suas emoções e os seus posicionamentos frente ao que acontece no mundo exterior ou interior.

Vejamos a seguir, algumas reflexões sobre o potencial significativo da linguagem desde a ótica de Bakhtin e de Halliday.

2.1 O potencial significativo da linguagem: a perspectiva bakhtiniana

Bakhtin compreendia a língua¹ como sendo fruto da interação verbal, concebendo a existência de pelo menos um locutor e um receptor no discurso. A palavra² para ele teria duas faces que se determinariam pelo fato de que toda palavra procede de alguém e se dirige a alguém, ou seja, a palavra se constitui como produto da interação entre locutor e receptor. A palavra é entendida como uma ponte que leva o "eu" ao "outro". O ouvinte, ao compreender a mensagem que lhe é passada, completa, exemplifica, responde, amplia ou contesta e a manda de volta ao falante que, nesse turno, virou ouvinte. O próprio falante espera uma postura responsiva do seu ouvinte. Bakhtin (2011, p.275) afirma que “o falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva.”

Bakhtin (2009) explica a palavra por meio da sua pureza semiótica, da sua neutralidade ideológica, da sua interiorização e da sua participação em todo ato consciente. Na concepção desse teórico, a palavra apresenta uma pureza semiótica uma vez que ela tem a capacidade de circular nas diferentes esferas sociais como um signo ideológico que é, não

¹ É importante destacarmos que não fazemos distinção entre língua e linguagem, por isso o termo *língua* não está sendo usado no mesmo sentido utilizado por Bakhtin. Segundo esse autor, *língua* seria o sistema propriamente dito, enquanto que o *discurso* seria o sistema + a interação social. O termo língua é entendido e usado, ao longo deste trabalho, como sendo o produto da interação social.

² Nós usamos o termo palavra como sinônimo de léxico, porém a palavra ganha uma abordagem mais ampla na concepção bakhtiniana, visto que ela é usada como sinônimo de discurso.

sendo como determinados elementos que só podem ser utilizados em uma determinada esfera. A palavra é um signo ideológico³, ou seja, um produto ideológico vivo capaz de atuar em qualquer situação social, porque acumula os valores sociais, fruto das lentas modificações ocorridas na sociedade.

Quando esse autor define a palavra através da sua neutralidade, isso não implica dizer que a palavra, vista como neutra, seja marcada pela ausência de carga de sentido, já que como pode a palavra ser um signo ideológico e ser neutra? Bakhtin afirma que a palavra é neutra, porque ela recebe diferentes cargas significativas⁴ a cada momento de uso, podendo assumir qualquer função ideológica seja ela estética, científica, moral ou religiosa.

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas concernentes à vida [...]. A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida. (BAKHTIN, 2009, p.99)

Quando o autor fala sobre a possibilidade da palavra assumir diferentes funções, ele está tratando da palavra se (re)significar em diferentes contextos. Nesse caso, Bakhtin (2009) estabelece uma diferenciação entre tema e significação. Segundo ele, o tema é o sentido da enunciação completo, único, individual e não reiterável, só passando a existir através de uma situação histórica completa. O tema estaria em um estágio superior real da capacidade linguística de significar, ele é identificado não só pelo conjunto de elementos linguísticos presentes no enunciado, mas também pelos elementos extraverbiais. A significação é definida como possuidora de elementos enunciativos idênticos e reiteráveis, quando repetidos, ela ocuparia um estágio inferior da capacidade de significar. De acordo com o autor, a significação está na relação de um elemento ou de um conjunto de elementos com o todo.

A fim de facilitarmos a compreensão dos conceitos bakhtinianos de tema e de significação, podemos utilizar o exemplo dado pelo autor com a frase "Que horas são?", a significação desse enunciado vai depender da situação em que é dita. Se estamos defendendo as ideias contidas em nossa dissertação e fazemos essa pergunta, possivelmente estamos querendo saber se ainda temos tempo para concluir a defesa. Se pensarmos em outra situação, na de um pedreiro que está trabalhando em sua casa e faminto ele lhe faz essa pergunta, o

³ O autor apresenta o pão e o vinho como exemplos de signos ideológicos que se convertem em símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão.

⁴ Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2009) há mais informações sobre tema e significação.

trabalhador pode estar sugerindo que está na hora de servir o seu almoço ou o seu lanche, sendo assim, o enunciado se (re)significa a cada contexto.

Essa ideia bakhtiniana é muito importante para o que defendemos aqui, já que um elemento linguístico qualquer pode assumir diferentes significados ou evidenciar diferentes valorações e sentimentos, dependendo do contexto em que está inserido. Não é a sua morfologia ou o seu sentido dicionarizado que definirá o seu significado dentro do texto. Bakhtin (2009, p.134) advoga que "é impossível designar a significação de uma palavra isolada (...) sem fazer dela o elemento de um tema, isto é sem construir uma enunciação, um 'exemplo'." Dessa forma, nossa análise do item lexical é desde a perspectiva textual.

Segundo Bakhtin (2009), a investigação da significação de um elemento linguístico pode ir em duas direções: a primeira se refere ao estudo da significação contextual de uma determinada palavra em situação de enunciação concreta; a segunda diz respeito a investigação do significado da palavra dentro do sistema linguístico ao qual ela pertenceria, sendo, portanto, uma investigação dicionarizada. Nós optamos por seguir o primeiro tipo de investigação, já que uma palavra pode apresentar uma valoração explícita ou implícita, o que dificulta a análise avaliativa do texto se vista de forma isolada. O que nos permitirá analisar determinado elemento linguístico, no nosso caso a palavra, como detentor de marcas avaliativas de emoção, atitude ou como detentor de marcas das impressões do autor sobre determinado acontecimento, objeto ou pessoa será o todo textual no qual esse elemento se encontra inserido.

Dando continuidade à abordagem sobre as ideias bakhtinianas, encontramos o conceito de neutralidade. O autor também se refere ao enunciado e advoga que não existe enunciado neutro, visto que é impossível alguém enunciar algo sem deixar suas marcas, seus julgamentos e suas atitudes ou mesmo que é impossível enunciar sem que se tenha a voz do "outro", a voz da mãe, do pai, do amigo, de um filósofo, de um político, da igreja ou do estado.

Em relação à interiorização, Bakhtin afirma que a consciência necessita de um material flexível para se desenvolver, uma espécie de signo interior: a palavra. A palavra é o elemento pelo qual se estabelece o contato entre o conteúdo interior do sujeito (a consciência), formado por palavras, e o mundo exterior também construído por palavras. O mundo do sujeito é elaborado a partir do encontro das palavras da consciência com as palavras que lhe circulam no mundo exterior. Assim, na concepção bakhtiniana, a palavra participa de todo ato consciente na medida em que é útil tanto para os processos internos, já que atua na

compreensão e interpretação do mundo pelo sujeito, quanto na compreensão e interpretação dos processos externos de circulação da palavra em todas as esferas ideológicas.

A palavra é compreendida como algo sempre relacionado à vida, à realidade, uma vez que ela faz parte de um processo de interação entre interlocutores e é marcada pela entoação⁵ do falante. Quando o falante/escritor acrescenta vida à palavra com a sua entoação ele está expressando suas emoções e pontos de vista baseados nos valores da sociedade a qual ele pertence, ou seja, ao dar vida à palavra o falante/escritor está diretamente dialogando com os valores da sociedade. Levando isso em consideração, a palavra não pode ser vista apenas em seus aspectos fonológicos, morfológicos ou semânticos isoladamente; a palavra compõe enunciados que, por sua vez, "estão ligados ao contexto vivido extraverbal por milhares de fios e, quando são arrancados deste contexto, perdem quase a totalidade de sentido; quando ignoramos seu imediato contexto vivido, não podemos compreendê-los".⁶ (VOLOSHINOV, 1926, p.7, tradução nossa) Sendo assim, não observamos a manifestação das emoções ou dos julgamentos (maximizados ou mitigados) nas palavras de forma isolada, observando apenas suas composições mórnicas ou o seu tema, o traçado metodológico adotado neste trabalho parte da análise em um nível maior, o texto, até alcançarmos a palavra.

É importante destacarmos que para Bakhtin todas as formas, orais ou escritas, presentes no cotidiano são consideradas como gêneros discursivos repletos de significados que são revelados por meio do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional do gênero, por isso acreditamos que o gênero Memórias Literárias, pelo seu conteúdo e pela sua estrutura, nos possibilita comprovar a hipótese de que um único item lexical apresenta traços de emoção do autor de forma intensificada ou reduzida.

Halliday (2004) e Halliday e Matthiessen (2006) baseados nos conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional entendem a língua como algo significativo, o que veremos na subseção seguinte.

2.2 O potencial significativo da linguagem: a perspectiva hallydiana

A Teoria da Avaliatividade apresenta como base teórica as ideias da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) na medida em que concebe o estudo da língua a partir da

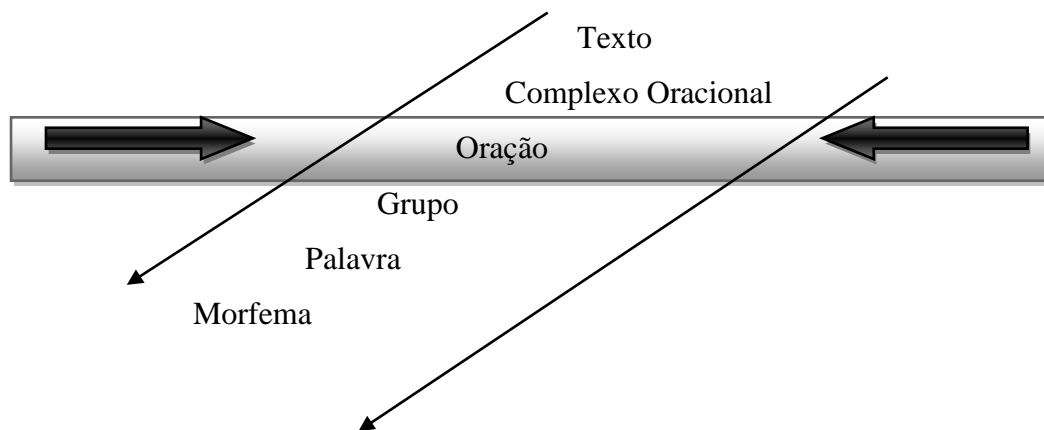
⁵ Bakhtin chama de entoações aos valores, desejos, necessidades, emoções e interesses que são dados ou agregados ao que é dito pelo falante.

⁶ "En esto consiste la particularidad de los enunciados cotidianos: están ligados por miles de hilos al contexto vivido extraverbal y, cuando se los arranca de ese contexto, pierden la casi totalidad de su sentido; si se ignora su contexto vivido inmediato, no se los puede comprender."

sociedade e da situação de uso. A LSF é uma teoria geral da linguagem humana de caráter descritivo-pragmática, que visa fornecer explicações sobre o como e o porquê de a língua variar em determinados contextos de uso, sendo assim, ela parte do significado e não da forma. Para essa corrente da Linguística, a unidade semântica é o texto, que pode ser compreendido como algo além de um conjunto de signos ou orações, abrangendo desde um simples gesto até todo o discurso. Duas noções são importantes para este estudo: a de texto e a de unidade semântica. O texto é local de instanciação da linguagem (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2006), enquanto que a semântica está presente em qualquer interação entre indivíduos ou consigo mesmo, pois na interação há a produção de significados.

A LSF adota um modelo de descrição gramatical socialmente orientado que parte do uso para a análise do texto, já que o texto é considerado como um resultado de toda interação comunicativa. Esse tipo de abordagem de análise chama-se topo-base ou *top-down*, pois parte de uma unidade maior para uma unidade menor. Acreditamos importante salientar esse tipo de abordagem, porque partimos da análise de todo o texto e não somente das orações ou do léxico para refletirmos sobre as estruturas avaliativas na construção de sentido. Gouveia (2009) apresenta um quadro explicativo desta abordagem:

Figura 1- Descrição topo- base



Fonte: Gouveia (2009, p.21)

Na Figura 1, é possível perceber o movimento do topo, no caso, do texto para a base, o morfema, evidenciando o percurso da análise da LSF. Ainda é possível perceber que, embora se parta do texto, o centro da análise é a oração. Para os linguístas sistêmico-funcionais, “a oração é a principal unidade de processamento da léxico-gramática, porque é nela que os significados são mapeados numa estrutura gramatical integrada. (HALLIDAY, 2004, p.10). No entanto, segundo a concepção da LSF, o significado é o determinante da

forma, ou seja, o falante/escritor escolheria, segundo algumas variáveis de contexto de uso, as formas que melhor atenderiam o seu objetivo comunicativo. Levando isso em consideração, buscamos compreender a escolha do autor por um elemento avaliativo híbrido segundo a sua intenção e o seu propósito comunicativo.

Halliday, como um teórico sistêmico-funcional, entende a linguagem como um potencial de significado e propõe a sua divisão em metafunções de acordo com os três tipos de significados realizáveis em determinados contextos social ou cultural. Os três significados da língua, delimitados por Halliday, são o significado experiencial, o interpessoal e o textual. O significado experiencial trata da experiência de mundo do falante/escritor, o interpessoal aborda as questões de interação entre os indivíduos, já o significado textual se refere à realização das escolhas que o indivíduo faz na organização e na construção da mensagem. Os três significados da língua estão diretamente relacionados com os elementos contextuais ou as variáveis de contexto de uso.

Segundo Halliday e Hassan (1989), as variáveis de contexto são o campo, as relações e o modo. O campo trata da atividade social que está sendo realizada no momento em que se usa a língua, ou seja, se refere ao que a interação trata, é realizada linguisticamente pelas escolhas feitas pelo falante no sistema da transitividade da língua. A relação trata dos papéis sociais assumidos por cada falante e das suas relações interpessoais, é realizada linguisticamente pelo Modo e pela Modalidade. O modo ou a organização simbólica se refere ao papel da linguagem, quer dizer, ao que espera cada participante da comunicação, seja ela falada ou escrita. Dessa forma, o falante/escritor escolheria os componentes de sua mensagem para ser tema/ rema e dado/ novo. A relação entre as variáveis de contexto de uso gera o registro, que diz respeito à situação imediata de realização do texto, ao contexto situacional. Falamos das variáveis de contexto de uso, porque elas estão relacionadas as metafunções hallidyianas, importantes para a teoria da avaliatividade, principalmente no que trata a metafunção interpessoal.

A linguagem é utilizada para expressar experiências, interagir com os outros e para organizar julgamentos e atitudes de forma coerente. Segundo Halliday (2004), haveria funções na linguagem que visavam a atender a todas essas necessidades humanas, a essas funções ele chamou de metafunções e as dividiu em experiencial ou ideacional, interpessoal e textual. A metafunção ideacional ou experiencial corresponde à função que trata da expressão do mundo interno ou externo do falante, “é por meio dessa função que o falante e o ouvinte organizam e incorporam à língua sua experiência dos fenômenos do mundo real, o que inclui

sua experiência dos fenômenos do mundo interno da própria consciência.” (NEVES, 1997, pp.12;13). A metafunção textual diz respeito à organização textual e a todos os seus recursos linguísticos sejam eles orais ou escritos.

A metafunção interpessoal trata das relações sociais estabelecidas na comunicação, ou seja, trata das relações existentes entre falante e ouvinte. Através dessa metafunção podemos expressar o afastamento ou o distanciamento dos interlocutores, assim como a noção de poder ou de solidariedade existente entre eles. Ela é muito útil às ideias da Teoria da Avaliatividade, pois o sistema avaliativo foca nas relações interpessoais, quer dizer, no modo como os autores se posicionam no texto produzido ou diante daqueles com os quais eles se comunicam. Estudos sobre a imagem do autor podem ser desenvolvidos a partir da ideia de escolhas feitas pelo indivíduo durante essa interação. Alguns textos que primam pela imparcialidade, como os pertencentes ao gênero jornalístico, podem aparentar uma maior preservação da face do autor; no entanto, podemos encontrar marcas emocionais, atitudinais ou ideológicas implícitas ou não nos textos pertencentes à esse gênero, como já afirmamos anteriormente.

Levando em consideração tudo o que já expomos aqui sobre a divisão de significado da língua, proposta por Halliday e Hasan (1989), Halliday (2004) e Halliday e Matthiessen (2006), podemos identificar alguns traços de semelhanças entre as metafunções e as variáveis de registro, logo percebemos que cada uma dessas variáveis está diretamente ligada a uma metafunção, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1: Relação entre variáveis de contexto, metafunções e realização linguística

Metafunções	Variáveis de contexto	Realizações léxico-gramaticais
Ideacional	Campo	Transitividade
Interpessoal	Relações	Modo e Modalidade
Textual	Modo	Tema e Rema

Fonte: Elaborado pela autora .

A relação entre as variáveis de registro e as metafunções permite depreender que qualquer mudança em uma das metafunções da linguagem acarretará mudanças de registro. Se há uma mudança na relação interpessoal, um maior afastamento entre autor e leitor ou entre

falante e ouvinte, então haverá a presença de itens léxico-gramaticais que marcariam esse distanciamento como o uso de pronomes de tratamento mais formais e o uso de verbos em 3ª pessoa. Sendo assim, no caso de nossa pesquisa, os textos analisados apresentam na metafunção interpessoal um caráter de proximidade com o leitor, visto o caráter intimista do gênero analisado, o que tenderá para um registro que reflete essa proximidade.

Dentro da perspectiva Sistêmico-Funcional, a linguagem seria um sistema de criação de significados que surgiriam de escolhas paradigmáticas feitas pelo falante ou escritor. Essa concepção de estudo da língua permite que identifiquemos as características vivas de uma sociedade assim como as ideologias e as emoções de um indivíduo, nela inserido, através da análise dos textos produzidos por ele. Ela permite identificar como o falante/escritor utiliza a língua e gera significado.

A LSF é a base teórica da Teoria da Avaliatividade pelos seguintes motivos: primeiro, porque compreende a língua como um sistema semântico; segundo, porque analisa por meio da descrição topo-base e, terceiro, porque identifica, através de uma análise descritivo-gramatical, a maneira como escritores e falantes se instauram nos textos por eles produzidos. O modelo avaliativo de Martin e White (2005) e de Martin e Rose (2007) é uma opção para a realização da análise dos textos.

Após a exposição da ideia de potencial significativo da linguagem e dos conceitos base da LSF, podemos nos referir ao Sistema Avaliativo e a sua representação das emoções, atitudes e avaliações.

CAPÍTULO II

3 O SISTEMA AVALIATIVO E O JOGO DAS EMOÇÕES

Neste capítulo nos propomos a apresentar as bases conceituais do sistema avaliativo assim como a forma pela qual ele está organizado e a sua função dentro da língua. O sistema avaliativo ou também denominado modelo de avaliatividade trata, no seu subsistema Atitude, da emoção, atitude e julgamento que o falante/escritor expressa no enunciado por ele produzido. Levando isso em consideração, julgamos importante tecer alguns comentários e explorar de forma mais detida os estudos a respeito das emoções humanas, sobretudo do ponto vista linguístico, antes de detalharmos o modelo avaliativo. Por essa razão, tratamos do conceito de emoção difundido pela Psicologia, Sociologia e pela Linguística, dando ênfase à visão linguística da emoção.

Nas subseções deste capítulo, abordamos de forma mais detalhada os subsistemas Atitude e Gradação, visto que a realização híbrida desses subsistemas é estudada por nós nos textos analisados. Por essa razão, apresentamos exemplos linguísticos de realização de cada um desses subsistemas a fim de que possamos compreendê-los melhor e, posteriormente, possamos entender o processo de fusão desses subsistemas, ocasionando a hibridização entre Atitude e Gradação.

3. 1 As diferentes perspectivas da emoção

As emoções podem ser expressas de diferentes formas sejam elas por gestos, imagens ou palavras. Quando alguém pega, cuidadosamente, em seus braços uma criança órfã da guerra está demonstrando, através do seu gesto, compaixão pelo desamparo no qual se encontra a criança. Quando em uma propaganda alguém utiliza algum símbolo ou imagem que evoque uma lembrança marcante e compartilhada socialmente por determinado grupo, por exemplo, a imagem de uma mulher espancada como símbolo de uma campanha contra a violência doméstica, está gerando revolta ou até ira em quem vê a campanha, produzindo, portanto, emoção por imagem. As emoções podem também ser expressas pelos signos linguísticos uma vez que é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui no mundo exterior e expõe o seu mundo interior. Entendemos que analisar as emoções humanas, nos mais diferentes meios semióticos, constitui um bom tema para ser explorado em estudos

futuros devido à riqueza de recursos emotivos ainda a serem explorados, desde uma perspectiva da Semiótica. No entanto, neste trabalho nos prendemos na análise da expressão das emoções humanas pelo signo linguístico através do modelo avaliativo, como iremos observar mais ricamente no subitem Atitude deste capítulo.

Segundo Charaudeau (2010), a Psicologia entende que certas emoções como o medo, o estresse e a angústia podem ser provocadas fisiologicamente ou até mensuradas quimicamente, pois elas seriam uma reação sensorial do indivíduo ao mundo que o rodeia. Além disso, os indivíduos teriam inclinações a manifestarem determinado humor, o que comumente se denomina de temperamento. Dessa forma, um indivíduo tenderia a ser colérico, ansioso ou medroso. Emoções como vergonha, orgulho ou humilhação estariam relacionadas às reações comportamentais do indivíduo frente a acontecimentos do mundo ou frente à ação de alguém sobre ele, esse acontecimentos atuariam como um detonador de emoções. Em resumo, a Psicologia se preocupa com a emoção, desde uma perspectiva do indivíduo, e busca explicações fisiológicas ou psíquicas para a sua ocorrência.

Em relação à Sociologia, o autor afirma que esta área do conhecimento busca estabelecer categorias interpretativas e típico-ideais resultantes da reconstrução do que era para ser o comportamento humano no jogo das regras e das normas sociais. Nessa perspectiva, as emoções não seriam apenas resultado de pulsões do irracional e do incontrollável, mas seriam geradas a partir da relação do indivíduo com o social. As emoções dariam ao indivíduo a sensação de pertencimento a um grupo. Como já dito anteriormente, as emoções se apoiariam em normas sociais cujas infrações levariam a uma sansão, pois há padrões sociais pelos quais se baseiam os julgamentos de alguém. Se pensarmos na situação de um acidente automobilístico que vitimou uma família inteira, sendo noticiado em um jornal, as normas sociais nos dizem que as pessoas envolvidas nesse incidente merecem nossa compaixão, emoção que será expressa em menor ou maior grau de acordo com o elo que nos liga às pessoas envolvidas, seja esse elo o parentesco, a amizade ou o amor. Essa ideia de julgamento baseado em normas sociais é adotada no sistema avaliativo como veremos nesse capítulo na subseção 3.2.1. que trata do subsistema Atitude e da subcategoria Julgamento.

Charaudeau (2010) analisa as emoções desde o ponto de vista da análise do discurso e apregoa que sua perspectiva não pode ser confundida totalmente com a visão psicológica nem com a visão sociológica da emoção, ainda que seja importante considerar a interação social e a forma como se constitui a representação social.

O objeto de estudo da análise do discurso não pode ser aquilo que os sujeitos efetivamente sentem (o que é vivenciar a cólera), nem aquilo que os motiva a querer vivenciar ou agir (porque ou em que ocasião se vivencia a cólera), nem tampouco as normas gerais que regulam as relações que sobredeterminam o comportamento dos grupos sociais.(CHARAUDEAU, 2010, p. 25)

Se as emoções estão ligadas aos desejos e às intenções do indivíduo, ao social e ao jogo da interação que ocorre entre eles, então a Análise do Discurso necessita da Psicologia e da Sociologia para estudar as emoções. Mesmo não adotando a visão da análise do discurso nesse trabalho, julgamos importante tratar as emoções nessa perspectiva, já que a análise do discurso estuda a linguagem enquanto produtora de sentido nas suas relações de troca. As emoções, manifestadas através da adoção do modelo avaliativo no gênero aqui estudado, são resultados da interação do indivíduo com o grupo social ao qual pertence assim como com o mundo que o rodeia. Dessa forma, o estabelecimento de uma troca comunicativa entre os indivíduos participantes do ato comunicativo, quer seja entre autor/escritor quer seja entre falante/ouvinte, pode sinalizar emoções, ideologias ou julgamentos dos integrantes do jogo comunicativo. É importante destacarmos que nem sempre ao expressarmos uma emoção logramos o objetivo de comover, visto que outros fatores influenciam a emoção. Os efeitos da emoção dependem da situação social e sociocultural na qual ocorre o jogo comunicativo. Charaudeau (2010) afirma que o efeito patêmico depende de três condições:

i.do tipo de discurso produzido, a saber, da finalidade e do lugar dado aos participantes do ato comunicativo. Dessa forma, haveria discursos como o do romance e o do teatro que possibilitariam um maior efeito patêmico, quando comparado ao discurso científico, por exemplo;

ii.da situação de emprego de uma palavra, visto que palavras como "manifestação", "assassino" podem expressar ou não o universo patêmico, dependendo do contexto em que figura;

iii.do emprego de um enunciado que, mesmo não apresentando palavras ditas como patemísantes, provocam a emoção.

Charaudeau (2010; 2011) foca no que ele chama de *efeitos da emoção* ou *efeitos patêmicos* presente no discurso. Segundo o autor, as emoções são de ordem intencional, estão ligadas às crenças e apresentam a problemática da representação psicossocial. Mesmo estando as emoções ligadas ao universo afetivo, elas não são de ordem irracional, mas sim intencional na medida em que o mundo exterior e as ações dos outros podem gerar emoções no indivíduo. As emoções são desencadeadas por algo interpretado pelo sujeito segundo a sua vivência, valores e crenças, sendo, por conseguinte, intencionais. Charaudeau (2010) advoga que a

racionalidade não é critério suficiente para explicar as especificidades das emoções, pois elas não estão reduzidas às simples sensações ou a uma pulsão irracional. É necessário que o indivíduo perceba algo e que este algo seja acompanhado de uma informação, um saber, além disso, é necessário que o indivíduo saiba avaliar esse saber, se posicionando e experienciando a emoção. O saber, conforme indica Charaudeau (2010), se estrutura em torno de valores polarizados que não são verdades visto que dependem da subjetividade do indivíduo e giram em torno de valores socialmente compartilhados. Charaudeau (2010) complementa seu pensamento afirmando que

- i. o sujeito mobiliza uma ou várias das redes inferenciais propostas pelos universos de crença disponíveis na situação onde ele se encontra, o que é susceptível de desencadear nele um estado emocional;
- ii. o desencadeamento do estado emocional (ou a sua ausência) coloca o indivíduo em contato com uma sanção social que culminará em julgamentos diversos de ordem psicológica ou moral.

Desta forma, Charaudeau destaca a influência das crenças e dos valores sociais na constituição das emoções. Quando o autor define a emoção como intencional e relacionada às crenças, ele encontra o problema de representação. A representação é produto de um duplo movimento: o de simbolização e o de auto-apresentação. Na simbolização, o objeto é retirado do mundo pela simbolização através de um sistema semiológico qualquer. Na auto-apresentação, o próprio indivíduo constrói o mundo por meio da reflexividade, isto é, a imagem construída pelo sujeito volta para ele que a reconhece e, através dela, constrói sua própria identidade. As representações, quando existentes por meio de um sistema de signos linguísticos, são denominados de sociodiscursivas. No entanto, faz-se importante afirmar que nos signos isolados do cotexto e do seu contexto de produção não há significado. Nesse caso, podemos retomar a ideia de Bakhtin que afirma não haver enunciado neutro, quer dizer, não há enunciado nos quais não se possa encontrar valores, emoções e ideologias do seu autor.

Após compreendermos as emoções desde uma perspectiva linguística, podemos tratar do Sistema Avaliativo e de seus subsistemas Atitude e Gradação, uma vez que o modelo avaliativo nos permite analisar o enunciado do falante/escritor a fim de encontramos marcas de suas emoções, atitudes e julgamentos.

3.2 O Sistema Avaliativo

Como já dito anteriormente, a Teoria da Avaliatividade é um modelo de análise da Linguística Sistêmico-Funcional e não uma teoria, embora seja assim nomeada. O modelo se organiza por meio de um sistema geral composto por três subsistemas que, por sua vez, se desdobram em subcategorias. Os três subsistemas do modelo avaliativo são a Atitude, a Gradação e o Engajamento, sendo os dois primeiros estudados por nós, já que objetivamos comprovar a possibilidade de ocorrência da hibridização desses dois subsistemas através de um único item lexical.

Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007) utilizam, no desenvolvimento de sua teoria, a noção de estratificação da linguagem, elaborada por Halliday, pois compartilham da ideia de que a língua é um sistema semiótico estratificado em três ciclos de codificação: o fonológico, o léxico-gramatical e o semântico-discursivo, como podemos observar na Figura 2.

Figura 2- Estratos da linguagem



Fonte: Adaptado de Martin e White (2005, p.9)

O primeiro estrato é o grafo-fonológico, nele encontramos as letras e os sons de uma língua. É o estrato que trata tanto da língua falada (fonemas, organização e ritmo) quanto da língua escrita. O estrato léxico-gramatical é o nível das orações, ele se refere às opções gramaticais e lexicais que o falante/escritor utiliza na construção do significado. O vocabulário se enquadraria nesse segundo estrato não havendo, portanto, distinção entre gramática e léxico, já que ambos pertenceriam a um mesmo *continuum*, por isso é comum a adoção do termo léxico-gramática. Nesse estrato, podemos pensar na ideia de escolhas linguísticas defendidas por Halliday. O falante/escritor tem a sua disposição uma gama de escolhas dentro do sistema linguístico para a construção de significado. Desse modo, o

indivíduo pode optar por ser mais ou menos enfático, pouco ou mais formal, mais próximo ou mais distante do seu interlocutor, e pode escolher o grau de suas valorações.

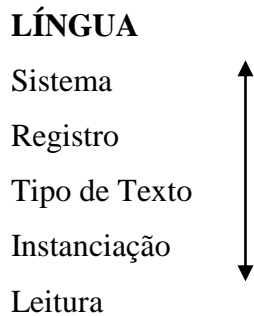
O terceiro estrato é o da semântica do discurso, que aborda o potencial significativo da palavra e da oração. Observando a Figura 2, podemos perceber que o significado está no terceiro nível, um nível mais abstrato, indo além da oração e dos morfemas. Nesse nível é que encontramos o Sistema da Avaliatividade, realizável pelos dois outros níveis: o grafo-fonológico e o léxico-gramatical, e tratando dos significados. O Sistema da Avaliatividade é entendido com um sistema interpessoal no nível da semântica do discurso que é realizável léxico-gramaticalmente de forma a expressar valorações, podendo ainda maximizar ou mitigar as avaliações de determinado elemento, situação ou indivíduo.

Os significados são realizáveis pelo texto, logo faz-se necessário olharmos para o todo textual e não somente para uma palavra ou oração para que identifiquemos os posicionamentos, sentimentos do falante/escritor ou até as vozes presentes no texto. Sabemos que nem sempre uma palavra, vista de forma isolada, tem o mesmo significado ou apresenta o mesmo potencial valorativo se comparada ao significado que ela pode alcançar quando analisada em relação ao todo textual no qual está inserida. Um simples substantivo pode adquirir, em um determinado contexto de situação e dependendo da relação dialógica entre os seus participantes, uma tonalidade ofensiva, por isso a importância da noção de instanciação para o modelo valorativo. A ideia de que a palavra ganha novos significados cada vez que é usada em diferentes textos será melhor demonstrada nas subseções desse capítulo que tratam da definição e realização dos subsistemas Atitude e Gradação.

Quando sugerimos olhar para o todo textual, essa ideia nos remete à noção de instanciação, muito importante para a Avaliatividade uma vez que a instanciação é um processo dialético, pois constrói e reconstrói os significados potenciais de uma cultura. A instanciação trata da estreita relação entre o sistema linguístico e o texto, sendo este visto como produto da interação da linguagem com o contexto em que ela é produzida.

Levando em consideração a relação entre texto e sistema, Martin e White (2005, p.163) propõem a existência da seguinte escala. Vejamos a Figura 3:

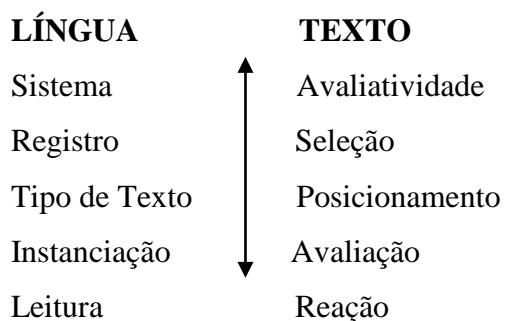
Figura 3- Escala de Instanciação



Fonte: Adaptado de Vian Junior (2011, p.25)

Nessa escala, em um extremo estaria a língua entendida como sistema e, no outro, as situações ou os contextos em que os significados ocorrem individualmente, isto é, a língua como texto. Se pensarmos na relação entre língua e texto, temos que a avaliação é a instanciação das escolhas avaliativas de que a língua dispõe como potencial significativo nos textos, enquanto que a avaliatividade se refere a todo potencial significativo da língua, o que implica na correta expressão de emoções, julgamentos, intensificações e focalizações. Entendendo isso como uma escala de instanciação do texto e fazendo um paralelo com a escala elaborada por Martin e White (2005), Vian Junior (2011; p.25) propõe o esquema da Figura 4:

Figura 4- Escala de Instanciação do Sistema para a leitura e da Avaliatividade para a reação



Fonte: Vian Junior (2011, p.25)

O sistema desenvolvido por Martin e White (2005) e por Martin e Rose (2007) trata do potencial significativo da língua ao abordar os diferentes posicionamentos do produtor do texto, oral ou escrito, frente ao seu ouvinte ou leitor e a forma como ele valora a si e ao mundo que o rodeia. Quando pensamos em expressão de valoração, de julgamentos ou

de emoções, logo pensamos no fato de que a língua oferece ao falante/escritor a oportunidade de expressão pelos mais diferentes recursos, e é dessa gama de possibilidades de expressão que o sistema da avaliatividade se propõe a tratar. Alguns fatores influenciam essas escolhas tais como a relação envolvida na comunicação e a natureza do texto. Afirmamos que a relação presente na comunicação influencia na escolha, porque dependendo da relação estabelecida entre o falante/escritor e o ouvinte/leitor, há um distanciamento ou não do enunciador frente àquilo que está se posicionando. Além disso, a natureza do texto influencia na escolha do léxico, pois textos narrativos tendem a ampliar as atitudes, enquanto que um texto expositivo não, como afirmam Martin e Rose (2007, p. 45), por isso escolhemos o gênero Memórias Literárias para a análise da realização da hibridização entre Atitude e Gradação, já que apresenta a sequência narrativa como predominante.

No entanto, a avaliatividade não se prende apenas às formas pelas quais a valoração se manifesta nos textos, orais ou escritos, mas também se preocupa com os meios pelos quais os textos evidenciam as valorações.

Os autores explicam as três principais funções para os estudos da avaliatividade:

1. evidenciar o posicionamento atitudinal do falante/escritor em determinada situação;
2. mostrar a neutralidade ou o posicionamento do falante/escritor por meio da aceitação ou recusa do posicionamento do outro;
3. explicar os recursos dialógicos utilizados para estabelecer as relações interpessoais entre falante/escritor e ouvinte/leitor.

Devido ao objetivo geral desse trabalho que é o de investigar a possibilidade de ocorrência da hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação, através de um único item lexical, no gênero Memórias Literárias, fixaremos apenas na primeira e na terceira funções. Como mencionado antes, o sistema da avaliatividade encontra-se dividido em três domínios semântico-discursivos: Atitude, Gradação e Engajamento. Os dois primeiros subsistemas são abordados em nosso estudo, o que não nos impede de fazermos algumas rápidas considerações sobre o subsistema Engajamento.

O Engajamento trata da influência de outra(s) voz (es) no texto e está diretamente ligado à concepção dialógica bakhtiniana, pois toda interação verbal, seja ela oral ou escrita, é dotada de marcas de outros discursos, de outras vozes. Martin e White (2005) afirmam que quando o falante/escritor escolhe citar a voz do outro ou simplesmente fazer referência à voz do outro o autor já está avaliando.

O Engajamento pode ocorrer de duas formas: pela Contração Dialógica e pela Expansão Dialógica. Na Contração Dialógica há um alinhamento entre a voz textual e a voz externa que adquire um tom de verdade e de confiabilidade, isso causa um fechamento do espaço dialógico, não permitindo a alternância de outras vozes. A Contração Dialógica se manifesta por meio da Refutação e da Declaração. Quando há a Refutação, o autor claramente não concorda com a(s) voz(es) citada(s), mas se ocorre a Declaração, há a discordância do autor de forma velada. A Refutação se subdivide em Negação e Contraposição. A Negação é evidenciada quando a opinião do locutor é contrária a opinião da voz citada: se ela for positiva, o autor terá uma postura negativa; se ela for negativa, o autor terá uma postura positiva. A Contraposição prevalece na noção de concessão, sendo comum o uso de itens léxico-gramaticais como “apesar de”, “embora” ou outros itens equivalentes. A Declaração, por sua vez, ocorre de três formas possíveis: por meio da Concordância, do Endossamento ou da Afirmação. Na Concordância, o autor mostra concordar com o que é proposto sendo comum o uso de expressões como “naturalmente”, “é claro” etc. O Endossamento diz respeito à validade ou não da proposição do outro. Por fim, tem-se a Afirmação que enfatiza ou traz intervenções explícitas do autor nas proposições alheias.

A Expansão Dialógica evidencia uma pouca confiabilidade ou uma maior questionabilidade textual, abrindo espaço para a alternância de vozes. Ela ocorre por meio de dois recursos: a Consideração e a Atribuição. A Consideração é o recurso utilizado na definição da voz do locutor dentre as demais vozes a ele misturadas. Os marcadores modais de probabilidade é o recurso léxico-gramatical pelo qual a Consideração mais se realiza e indica se a proposta/ proposição é mais ou menos provável. A Atribuição trata da voz do outro no texto de forma que o autor se aproxima ou se distancia dessa voz de acordo com a sua intenção. A Atribuição ocorre por meio do uso de estruturas neutras usadas simplesmente para relatar pontos de vista de vozes externas. Nesse caso, é comum o uso de verbos como dizer, relatar, declarar e o uso de expressões como “de acordo com” ou “em seu ponto de vista”, entre outras.

Em resumo, a Contração e a Expansão Dialógica ocorrem das seguintes maneiras:⁷

⁷ Para mais informações ler Martin e White (2005).

a) Contração dialógica:

Refutação

- Negar: *É uma posição com a qual não compactuo*, não deve haver pena de morte no Brasil.⁸
- Contrapor: *O que causa espanto é* o fato dos políticos não fazerem nada diante da onda de violência que assola o país.

Declaração

- Concordar: Os professores, *é obvio*, não aceitaram a proposta do governo que reduzia seus salários em 40%
- Endossar: As pesquisas do IBGE *mostram* um crescimento no número de brasileiros pertencentes à classe média.
- Afirmar: *Está absolutamente claro para mim* que você está mentindo para mim e que você não foi para o nosso encontro porque não quis.

b) Expansão dialógica:

Consideração:

- Ponderar: **Provavelmente**, a dor maior que ela já sentiu foi a da perda do filho.
- Evidenciar: **Acreditamos** ser possível a paz no futebol.

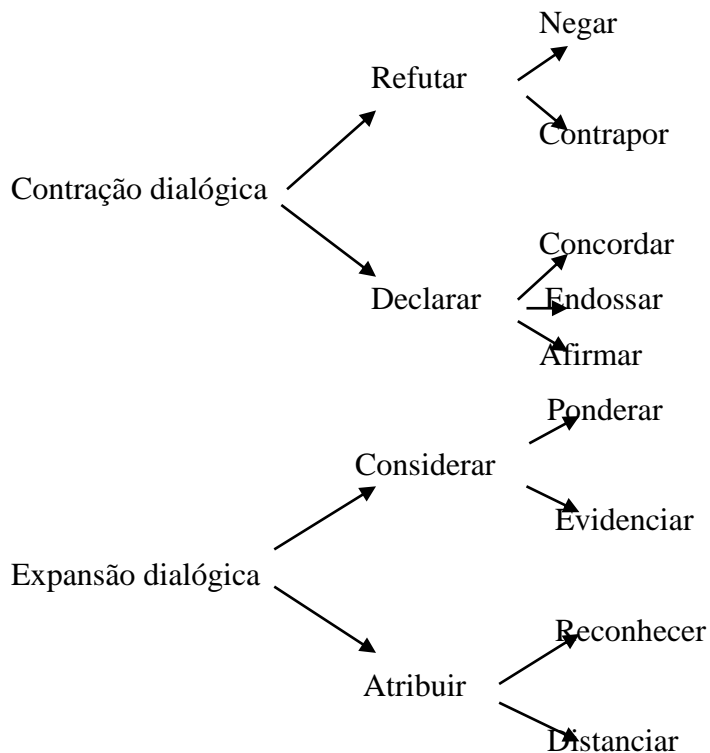
Atribuição:

- Atribuir/ Reconhecer: A ONU **declara** apoio ao projeto emergencial do governo na Saúde brasileira.
- Atribuir/ Distanciar: Alguém **disse que** tomar manga com leite mata.

Podemos compreender melhor o subsistema Engajamento através da observação do esquema ilustrado na Figura 5:

⁸ Todos os exemplos citados nessa seção foram elaborados pela autora desse trabalho.

Figura 5- Esquema do subsistema Engajamento



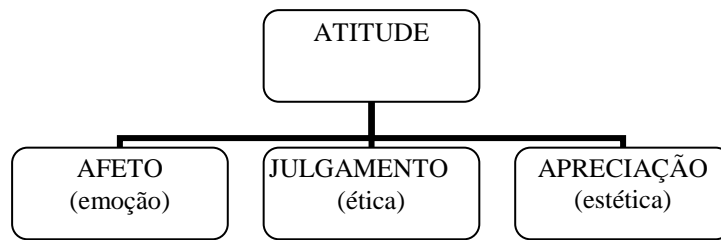
Fonte: Elaborado pela autora.

Após a explicação mais geral dada até aqui sobre o sistema da Avaliatividade, podemos então abordar, de forma mais específica, os subsistemas Atitude e Gradação propostos por Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007), como veremos a seguir.

3.2. 1 Atitude: as emoções reconstruídas através das palavras

O subsistema Atitude tem como eixo central as emoções (positivas ou negativas) do produtor textual em um maior ou menor grau de intensidade, ainda que a atitude possa ser atribuída também a outra voz. Esse subsistema pode ocorrer de três formas diferentes de acordo com o que está sendo avaliado, a fonte ou o *target*. A Atitude se subdivide nas subcategorias Afeto, Julgamento e Apreciação. Cada uma dessas subcategorias abrange outras três áreas semânticas: a emoção, a ética e a estética, respectivamente. A Figura 6 exemplifica cada uma dessas subdivisões e suas áreas semânticas, observemos:

Figura 6- As subdivisões da Atitude



Fonte: Elaborado pela autora

A Atitude pode aparecer de forma explícita ou implícita no texto. Como o próprio nome indica, a avaliação explícita é aquela que é facilmente reconhecida pelo ouvinte/leitor, pois apresenta elementos linguísticos que indicam avaliação, espalhados por todo o texto. As avaliações implícitas ocorrem de forma velada, somente com o olhar atento do indivíduo sobre o texto é que se pode observar a sua realização. Esse último tipo de avaliação atitudinal é muito importante na indução do leitor a compartilhar um sentimento ou uma avaliação, mas é de difícil identificação, já que se realiza por meio de um enriquecimento lexical, pelo uso de uma linguagem figurada ou pelo uso de uma simples menção diluída no texto. Martin (2000) chama essas avaliações implícitas de *tokens* de atitude.

Charaudeau (2010) trata da expressão da emoção ou da expressão patêmica no discurso e afirma que ela pode ser obtida tanto por um discurso explícito e direto, devido às palavras terem uma tonalidade patêmica, quanto por um discurso implícito e indireto, pois, apesar de uma aparente neutralidade de certas palavras, elas apresentam marcas patêmicas. No entanto, o autor advoga que

há palavras que descrevem de maneira transparente emoções como "cólera", "angústia", "horror", "indignação etc... mas sua aparição não significa nem que sujeito que as emprega as sinta como emoções (problema de autenticidade), nem que elas produzirão um efeito patêmico no interlocutor (problema de casualidade) . [...](CHARAUDEAU, 2010, p. 37)

O Afeto trata da avaliação dos sentimentos e das atitudes de alguém. Esses sentimentos podem ser expressos como processos comportamentais ou como predisposição mental e relacional. Antes de prosseguirmos com a abordagem da subcategoria Afeto, é importante explicarmos o que são esses processos mentais e relacionais pelos quais o Afeto é expresso.

Halliday (2004) entende por processos as representações linguísticas das ações que ocorrem no mundo real. Segundo esse teórico, os processos se dividem em seis tipos que

se diferem quanto a sua carga semântica são eles o material, o mental, o relacional, o comportamental, o verbal e o existencial.

O processo material trata da ação concreta do ator, é o processo do fazer. Podemos apontar como exemplo desse processo o uso de verbos de ação como "escreveu", "leu", "pintou" etc. Nesse processo há o Ator e a Meta, o ator é figura obrigatória no processo já que todo processo tem um ator. A meta trata de quem é atingido pela ação ou o "a quem o processo é dirigido". Há ainda outros participantes como o Receptor, o Cliente e o Escopo.⁹ Como exemplo¹⁰ de realização desse processo, observemos (1):

1	Ana Beatriz	escreveu	uma carta de despedida
	Ator	Pr. material	Meta

O processo mental representa a percepção de alguém sobre algo, são os processos de sentir ou de expressão do nosso mundo interior. Os participantes desse processo são o Experienciador e o Fenômeno. O primeiro diz respeito à mente na qual o processo está ocorrendo, o segundo trata do elemento percebido pelo Experienciador. O exemplo (2) exemplifica esse processo:

2	Eu	sinto	saudades do meu pai.
	Experienciador	Pr. mental	Fenômeno

O processo relacional é o que estabelece relação entre dois elementos diferentes são os processos do ser, do ter e do pertencer. Observemos o exemplo (3):

3	Ana	é	triste.
	Elemento X		Elemento A

O processo comportamental trata de comportamentos tanto físicos quanto psicológicos que se dão de forma simultânea. Nesse tipo de processo há a necessidade de que pelo menos um dos participantes seja consciente ou uma figura personificada. Participam desse processo o Comportante e o Comportamento, este diz respeito ao escopo do processo, aquele trata da entidade que faz a ação. Em (4) temos um exemplo desse processo:

⁹ Para mais informações ler Halliday & Matthiessen (2006).

¹⁰ Todos os exemplos apresentados nessa subseção foram elaborados pela autora deste trabalho.

4 Marina está nervosa.
Comportante pr. comport Comportamento

O processo verbal é o processo do dizer, mas que não precisa de um participante humano. Esse processo está em uma região de fronteira entre os processos mentais e relacionais. Halliday o considera como um processo de simbolizar que possui quatro participantes: o Dizente, quem faz a ação; a Verbiagem, mensagem passada; o Receptor, a quem a mensagem é direcionada e o Alvo, entidade atingida pelo processo. Observemos o exemplo (5) como forma de realização desse processo:

5 Lucas me contou uma fofoca
Dizente Receptor Pr. Verbal Verbiagem

Por fim, temos o processo existencial definido como o que representa a existência de algo, é comum a sua realização pelos processos haver, existir, ter entre outros. Nesse tipo de processo só há um participante: o Existente. Vejamos o exemplo (6):

6 Houve Um assalto Na esquina
Pr. Existencial Existente Circunstância

No que diz respeito à realização do subsistema Atitude, podemos perceber que ocorre verdadeiramente com os processos mental, relacional e comportamental. Em (2) observamos marcas de emoção e de tristeza no uso do processo material "sinto" associado à expressão de saudade. Em (3) percebemos marcas de um julgamento do comportamento de Ana, avaliada como "triste" e marcas de sentimentos. Em (4) vemos outro julgamento do comportamento de alguém, no caso, de Marina, avaliada como "nervosa". As marcas avaliativas também podem ser expressas pelos processos verbais.

O Afeto pode se manifestar por meio dos mais variados recursos léxico-gramaticais tais como:

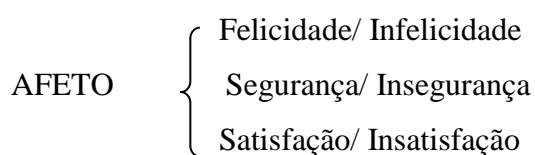
- adjetivos (marido precioso, amado);
- nominalizações (Tudo era muito triste.)
- advérbios (infelizmente, tragicamente),
- processos mentais (chorar, sorrir)

- estruturas mais amplas como sintagmas completos (Quando ela partiu, uma lágrima caiu dos meus olhos.)

No entanto, como a abordagem do subsistema Atitude é estritamente semântica, não há como encerrar em padrões fixos as categorias de realização desse subsistema, uma vez que a língua é potencialmente significativa. É importante destacarmos que a Atitude é gradual, ou seja, ela pode ser intensificada ou mitigada, dependendo de quão forte são os sentimentos expressados. Abordaremos essa questão mais detalhadamente na subseção Gradação.

Martin e White (2005) apontam seis fatores que devem ser levados em consideração na identificação do afeto. O primeiro fator diz respeito aos sentimentos que de acordo com a cultura na qual um indivíduo está inserido podem ser categorizados como positivos ou negativos. Os sentimentos positivos são, logicamente, aqueles agradáveis de se experimentar, já os sentimentos negativos são os ditos desagradáveis de se experimentar. Como exemplo de sentimentos positivos *versus* negativos podemos citar a alegria e a tristeza. O segundo fator compreende os sentimentos como resultado das emoções, gramaticalmente, se realizam na oposição entre o processo comportamental e o processo mental ou relacional. O terceiro fator diz respeito à ideia de que os sentimentos são resultantes de alguma reação externa, sofrida pelo indivíduo, o que nos remete às ideias de Charaudeau (2010). O quarto fator aborda a questão que toda emoção é realizável lexicalmente em uma escala de intensidade baixa, média e alta. Essa ideia condiz com a noção de gradação das emoções através do subsistema Gradação. O quinto fator está relacionado ao fato de que os sentimentos envolvem intenções mais do que reações. Essa afirmação também coincide com a de Charaudeau (2010) declara que as emoções são de ordem intencional, como já discutimos anteriormente neste trabalho. Segundo Martin e White (2005), o sexto fator faz referência à ideia de que as emoções, representadas pela subcategoria Afeto, são agrupadas em três conjuntos como mostra o esquema da Figura 5 elaborado por Almeida (2011):

Figura 7- Variação da tipologia de Afeto



A In/felicidade se refere às emoções relacionadas ao coração como amor, tristeza, paixão, ódio etc. A In/segurança diz respeito às emoções relacionadas ao bem estar social como ansiedade, medo, confiança, determinação etc. A In/satisfação trata das emoções relacionadas aos objetivos realizados, lidam com emoções de concretização ou frustração como desprazer, respeito, curiosidade, entre outros.

A subcategoria Julgamento trata das posições adotadas pelo falante/escritor em relação ao comportamento dos outros e, assim como o afeto, pode ser positivo ou negativo, explícito ou implícito. Segundo Martin e Rose (2007), o Julgamento trata dos significados cujos alvos são seres conscientes (individuais ou coletivos) ou instituições e a forma como eles se comportam; suas atitudes, ações, caráter, reações são avaliados seguindo critérios éticos, morais ou legais. A forma como o falante/escritor vê o mundo, suas crenças e ideologias interferem nos julgamentos feitos, por isso um mesmo referente pode ter avaliações diferentes dependendo da perspectiva ideológica adotada. As avaliações são feitas com base na moralidade, legalidade, capacidade e normalidade segundo a cultura na qual cada falante/escritor está inserido. Essa concepção de que valores culturais e sociais interferem no saber do indivíduo também é defendida por Charaudeau (2010) como já explicitado no início deste capítulo.

Quando julgamos o comportamento de alguém, está implicado uma aceitabilidade ou não desse comportamento. A aceitabilidade ou não do comportamento alheio está relacionada às questões de Estima Social e de Sanção Social, por isso os julgamentos são classificados de acordo com essas duas questões. Os julgamentos relacionados à Estima Social tratam dos valores sociais, compartilhados com a família ou com os amigos e conhecidos, e apresentam marcas de admiração ou de crítica pessoal. Nesse âmbito, os julgamentos tendem a ser observados por uma ótica cultural, através de boatos, fofocas, entre outros.

Os julgamentos referentes à Sanção Social tratam de questões relacionadas à legalidade e à moralidade, ou seja, abordam aspectos ligados à ética, à honra e à religiosidade. Nessa perspectiva, o comportamento de alguém é avaliado seguindo as normas do Estado ou da Igreja. As questões que envolvem a quebra de um padrão social, no âmbito religioso, são tratadas como pecado; já as voltadas para a área jurídica são tratadas como crimes. As quebras de sanções são passíveis de punições religiosas ou legais, por isso o uso do termo sanção.

Para White (2004, p. 187)

Os Julgamentos de estima social podem estar ligados à normalidade (até que ponto alguém é estranho ou pouco usual), capacidade (quão capaz esse alguém é) e tenacidade (quão determinado ele é). Os Julgamentos de sanção social têm a ver com a veracidade (quão sincero alguém é) e a propriedade (quão ético ele é).

Os quadros que se seguem trazem exemplos da realização dos Julgamentos por Sanção Social e por Estima Social.

Quadro 2- Julgamento baseado na sanção social

SANÇÃO SOCIAL	POSITIVA	NEGATIVA
veracidade [verdade] 'qual honesto?'	verdadeiro, honesto, confiável...	desonesto, enganoso, mentiroso...
	franco, sincero, direto...	enganoso, manipulativo, desviado...
	discreto, diplomático...	áspero, tagarela
propriedade [ética] 'quão distante está da repreensão?'	bom, moral, ético...	mau, imoral, diabólico...
	legal, íntegro, justo...	corrupto, desonesto, injusto...
	sensível, amável, cuidadoso...	insensível, vil e cruel...
	altruísta, generoso, caridoso..	interesseiro, voraz, avaro...

Fonte: Martin e White (2005) *apud* Cabral (2007, p. 61)

Quadro 3- Julgamento baseado na estima social

ESTIMA SOCIAL	POSITIVA	NEGATIVA
Normalidade 'quão especial?'	sortudo, afortunado, encantado	azarado, infeliz, 'sem graça'
	normal, natural, familiar...	esquisito, excêntrico...
	tranquilo, estável, predizível...	errante, imprevisto...
	'in', na moda, de vanguarda...	antiquado, retrógrado...
	famoso...	obscuro, 'sem classificação'...
Capacidade 'quão capaz?'	poderoso, vigoroso, robusto...	débil, fraco, queixoso...
	sadio, saudável, capaz...	adoentado, doente, mutilado...
	adulto, maduro, experiente...	imaturo, infantil...
	gracioso, humorístico, cômico...	triste, melancólico, sombrio...
	critério, inteligente, talentoso...	atrasado, estúpido, grosso...
	equilibrado, ajuizado...	neurótico, insano...
	experiente, inteligente...	ingênuo, inexperiente, insensato...
	letrado, educado, instruído...	mal-educado, ignorante...
	competente, talentoso...	incompetente, sem cultura...
bem-sucedido, produtivo...	mal-sucedido, improdutivo...	
Tenacidade 'quão dependente?'	corajoso, bravo, heróico...	tímido, covarde, medroso...
	cauteloso, cuidadoso, paciente...	imprudente, impetuoso...
	metucioso, perfeito...	precipitado, indiferente...
	incansável, perseverante...	fraco, distraído...
	confiante, dependente...	inseguro, independente...
	leal, fiel, constante...	desleal, inconstante...
	flexível, adaptável, acomodável...	teimoso, determinado...

Fonte: Martin e White (2005) *apud* Cabral (2007, p.60)

Como é possível perceber, os quadros 2 e 3 apresentam exemplos de julgamentos feitos somente por meio de adjetivos, mas acreditamos que a realização do subsistema Atitude pode ocorrer por inúmeros recursos linguísticos como verbos e sintagmas. Optamos por acrescentar esses quadros a título de exemplificação da subcategoria Julgamento, visando uma melhor compreensão acerca da realização da subcategoria em questão.

A Apreciação, segundo Martin e White (2005), é a subcategoria pela qual se fazem valorações, desde o ponto de vista da estética, sobre determinados produtos, objetos, processos ou elementos naturais. A Apreciação difere do Julgamento porque este valora o comportamento de um ser consciente enquanto aquela não. No entanto, uma pessoa também pode ser alvo de Apreciação desde que esteja sendo avaliada a partir de uma perspectiva estética como ao dizer que ela é bonita.

A Apreciação se subdivide em três tipos de avaliações: as que se referem à maneira de como reagirmos às coisas; as que tratam do quanto elas chamam nossa atenção ou do quanto elas nos agradam e, por fim, as avaliações que remetem à composição (equilíbrio e complexidade) e ao seu valor. O quadro 4 apresenta um resumo de alguns dos recursos utilizados pelas subcategorias da Apreciação.

Quadro 4- Tipos de Apreciação

	POSITIVO	NEGATIVO
Reação: impacto Isso mexeu comigo?	chamativo, cativante, atrativo... fascinante, excitante, comovente... animado, dramático, intenso... notável, surpreendente, sensacional...	sem-graça, tedioso, cansativo... seco, ascético, pouco atraente... unidimensional, previsível, monótono... banal, comum...
Reação: qualidade Eu gostei disso?	adorável, lindo, esplêndido... atraente, encantador, bem-vindo...	comum, feio, grotesco... repulsivo, revoltante, repelente...
Composição: equilíbrio Isso me parece bem elaborado?	equilibrado, harmonioso, unificado, simétrico, bem proporcionado... consistente, bem elaborado, lógico bem formado, curvilíneo, longilíneo...	sem equilíbrio, discordante, irregular... contraditório, desorganizado mau formado, amorfo, retorcido...
Composição: complexidade Isso foi difícil de entender?	simples, elegante... claro, preciso... intricado, rico, detalhado...	complicado, extravagante, insignificante misterioso, obscuro, vago... simples, monolítico, simplista...
Valorização Isso valeu a pena?	inovador, original, excepcional, único... autêntico, real...	superficial, reducionista, insignificante... convencional, falso...

Analisando o quadro 4, percebemos que o léxico representativo da Apreciação por Reação pode apresentar, além de marcas de Apreciação, marcas de afetividade. Dessa forma, entendemos que as fronteiras entre as subcategorias atitudinais são muito tênues.

As emoções, atitudes e avaliações podem ter sua força valorativa aumentada ou reduzida através de elementos linguísticos variados, que podem ser enquadrados no subsistema Gradação. A seguir, tratamos de forma mais específica desse subsistema.

3.2.2 *Gradação: a intensificação das emoções e das avaliações*

A Gradação é o subsistema pelo qual se expressa uma maior ou menor intensificação das emoções e dos julgamentos do falante/escritor e que pode ser aplicado aos subsistemas Atitude e Engajamento. Em relação à Gradação no subsistema Atitude, podemos expressar a intensidade de como nos sentimos em relação a algo ou alguém, sendo que algumas escolhas linguísticas tendem a graduar para mais ou para menos determinadas avaliações. Martin e Rose (2007) chamam de "turning the volume up" e "turning the volume down" a maximização e a minimização das valorações, respectivamente, expressa pela Gradação.

Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007) explicam que a Gradação possui dois eixos: a Força e o Foco. O Foco se refere às categorias que não são passíveis de graduação e trata da classificação prototípica dos seres e dos comportamentos, ele pode maximizar ou suavizar categorias semanticamente não graduadas através de locuções acentuativas como "de verdade", "legítimo", "genuíno" e "mesmo". Outras locuções podem atenuar o foco tais como "uma espécie de", "um(a) certo (a)", "suposto" etc. Reiteramos aqui o fato de abordarmos somente a categoria Força, visto o interesse de nossa pesquisa.¹¹

A Força trata da gradação de elementos léxico-gramaticais pertencentes a uma determinada escala gradual. Nessa escala estariam termos linguísticos que contrastam em grau de intensidade com outros membros da sequência. Os elementos linguísticos estariam dispostos em uma ordem que vai de um nível mais baixo para um nível mais alto e se realizariam por meio de itens lexicais que denotam intensificação ou quantificação. Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007) apresentam dois tipos possíveis de intensificação. O primeiro se refere à intensificação para mais ou para menos. Nesse tipo de intensificação, estão as palavras com significado intensificador, em língua portuguesa, podemos apontar o

¹¹ Para mais informações sobre o subsistema Gradação ler Souza (2011) em Vian Junior *et al* (2011).

uso dos advérbios. Bechara (2009) chama essas palavras de advérbios com intensificação gradual, se enquadram nessa condição sobretudo os advérbios que são classificados pela gramática normativa como advérbios de modo, já que podem expressar uma relação intensificadora gradual, quando utilizados no comparativo e superlativo, da mesma forma que os adjetivos.

Bechara (2009) propõe que os comparativos podem apresentar a ideia de inferioridade, igualdade ou de superioridade. Como exemplo de advérbio comparativo de inferioridade temos "menos...que"; de igualdade "tão...quanto (ou como)"; e, por fim, de superioridade temos a possibilidade de duas formas: a sintética como "melhor" ou "pior que (ou do que)" e a forma analítica "mais...que (ou do que)". Os advérbios de intensificação gradual no superlativo absoluto também podem ter duas formas; a sintética como no uso de "baixíssimo", "pessimamente" etc., e a forma analítica "muito", "extremamente" etc. O autor aponta a existência do uso de palavras no diminutivo com valor de superlativo como no caso de expressões como "andar devagarzinho". Apesar de que o sufixo -zinho seja empregado normalmente como indicativo de diminutivo, isso não indica uma redução da força apreciativa. Quando esse sufixo é acrescido à forma devagar, formando a palavra "devagarzinho" em "andar devagarzinho" significa que o andar de alguém é muito devagar, portanto, há uma intensificação da avaliação do modo de andar desse alguém. Nesse caso, podemos afirmar que um único item lexical "devagarzinho" expressa uma avaliação por Apreciação, através do uso do nome "devagar", e uma intensificação por meio do acréscimo do sufixo -zinho à palavra "devagar", sendo um caso do que estamos propondo chamar de hibridização de subsistemas avaliativos.

A Força manifesta-se por meio de alguns recursos, a saber, a lexicalização, o uso de figuras de linguagens como metáforas e hipérboles, as repetições de palavras e até o uso de palavras tidas como ofensivas, de baixo calão ou os chamados palavrões. A lexicalização diz respeito ao uso de itens lexicais que expressam intensificação, um exemplo é a escala gradual feliz/ encantado/ excitado. Como podemos observar, a escala vai de um item que expressa uma menor intensificação da felicidade até um que expressa uma maior intensificação da emoção, sendo clara a percepção de sentimentos envolvidos em palavras como feliz/ encantado/ excitado. A escala gradual estabelece um tipo de comparação já que compara o quanto algo que sentimentos é forte ou não, mas nem sempre é fácil organizamos determinados itens lexicais em uma escala gradual. As comparações são possíveis porque o valor das coisas, segundo Martin e Rose (2007), são graduais; bom/ melhor; mal/ pior. O

falante/escritor, como afirma Halliday (2004), opta, dentre uma gama de opções, por aquela que mais se adéqua ao seu propósito comunicativo. O que vai determinar a escolha de uma forma linguística ou a de outra é a intenção do falante/escritor seja por uma economia da língua, por uma ênfase ao que se está enunciando ou por qualquer outro motivo funcional ou estrutural que leve ao falante/escritor a fazer determinada escolha. Martin e Rose (2007) afirmam que os advérbios como "muito", "mais...que" podem ser considerados como uma forma de intensificação por lexicalização, ainda que esses elementos sejam considerados mais como itens gramaticais do que como itens lexicais, pois eles não apresentam um significado referencial. Nós concordamos com os autores, por isso vamos chamar esses elementos de itens gramaticais.

As figuras de linguagem como a metáfora e a hipérbole podem também expressar intensificação de valorações. Se alguém afirma que algo está tão limpo quanto um cristal, está afirmando que algo está muito limpo, mas, por uma questão de estilo, optou por construir um enunciado valorativo com uma linguagem mais elaborada. Outro exemplo de emprego de uma linguagem mais criativa pode ser observado no exemplo abaixo:

7 Depois que te conheci, vejo a vida *mil vezes melhor*¹².

No enunciado acima, a vida é avaliada por meio do item lexical "melhor" que também expressa uma intensificação, uma vez que a vida é colocada em uma escala gradual boa/melhor/ ótima; há outro caso de intensificação da avaliação no uso da hipérbole "mil vez". Nesse caso temos uma dupla intensificação: a primeira ocorre por lexicalização, no uso de um elemento lexical que se encontra em um extremo de intensificação para mais, se pensarmos em uma escala gradual, e a segunda se manifesta pelo uso da hipérbole "mil vezes".

A repetição de acordo com Vian Junior (2008) é um dos recursos linguísticos mais utilizados em língua portuguesa para expressar intensificação de uma qualidade ou característica sejam elas boas ou ruins. Imaginemos que alguém, ao fazer uma comparação descritiva da cidade de Fortaleza, estabelecendo uma relação entre a situação da cidade nos dias atuais e a vivida na década de 60, produza o seguinte enunciado:

8 *Muito* roubo, *muita* poluição, *muita* gente, *muita* coisa mudou.

¹² Todos os exemplos enumerados nessa subseção foram criados pela autora desse trabalho.

O uso repetitivo da palavra *muito* evidencia uma intensificação das características ruins da cidade, o que revela que a intenção do falante/escritor é reforçar os aspectos negativos da cidade de Fortaleza, dando ênfase a sua avaliação. Nesse caso, temos a intensificação de uma valoração apreciativa por meio da repetição de um mesmo item gramatical "muito" e "muita". No entanto, a repetição como forma de intensificar a avaliação de um objeto, pessoa, lugar ou processo não ocorre somente pela repetição de um mesmo item gramatical, visto que ela também pode ocorrer através da repetição de termos pertencentes ao mesmo campo semântico. Como observamos em (9).

9 Nossos políticos? Não passam de um bando de *ladrões*, *bandidos*, *enganadores* e *corruptos*.

O uso dos termos *ladrões*, *bandidos*, *enganadores* e *corruptos* funciona como elementos intensificadores da avaliação negativa, pertencentes à subcategoria Julgamento, direcionada aos políticos de determinada localidade. Percebemos que as palavras em destaque no exemplo (9) pertencem ao mesmo campo semântico já que todas são características ruins.

Em português é muito comum, sobretudo na língua falada, o uso de palavras vulgares para intensificar um nome ou uma ação. Quando paramos para analisar o uso de palavras vulgares como intensificadores, pensamos que, nesse caso, haveria a realização de pelo menos dois subsistemas, sendo portanto um caso de hibridização. Vejamos os exemplos a seguir:

10 Ontem eu vi um **puta** filme.

11 Ela mereceu o Oscar, porque é uma **puta** de uma atriz.

No exemplo dado em (10), entendemos que alguma qualidade do filme é exaltada. O filme pode ser considerado como sendo de alta qualidade em relação ao seu enredo, a sua imagem ou fotografia, enfim observamos através do uso do item lexical *puta*, a realização de uma apreciação do filme, aliado a uma exaltação dessa qualidade. Dessa forma, podemos afirmar que temos um caso de hibridização entre o subsistema Atitude por Apreciação e o subsistema Gradação. Assim como no exemplo (10), o exemplo (11) também apresenta uma valorização, mas, nesse caso, temos uma avaliação da capacidade de atuação da atriz, um caso

pertencente ao subsistema Julgamento. Percebemos que essa valoração parece ser intensificada também pela escolha lexical feita, evidenciando, por conseguinte, mais um caso de hibridização, porém agora temos um caso de fusão entre o subsistema Atitude por Julgamento e o subsistema Gradação. No início do nosso trabalho, apontamos a possibilidade de hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação e, observando esses exemplos, ficamos mais confiantes quanto à defesa da ideia aqui apresentada.

Segundo Martin e White (2005), a intensificação pode ocorrer por meio de isolamento ou de fusão. O isolamento ocorre quando há uma acentuação ou atenuação da intensidade da gradação, isso pode ser expresso através de qualquer uma das possibilidades, já apontadas aqui, desde que ela esteja relacionada à qualidade ou ao processo que o falante/escritor queira graduar. Os autores apontam os itens gramaticais como elementos que permitem uma intensificação por isolamento, lembrando que, assim como os autores, nós concordamos em chamar os advérbios de itens gramaticais graduáveis. Temos exemplos de Gradação por isolamento em (12) e (13):

12 Meu pai é *muito* nervoso.

13 O assalto foi *extremamente* violento.

Os itens gramaticais "muito" e "extremamente" estão relacionados às valorações de Julgamento por Capacidade, "nervoso", e de Apreciação por Reação, "violento", respectivamente, e dão às avaliações um caráter intensificador. Os exemplos (12) e (13) evidenciam que a intensificação pode ocorrer com qualidades e com processos. As estruturas graduais "muito" e "extremamente" estão em posição de emparelhamento em relação às avaliações dirigidas ao "pai" e ao "assalto", por isso os autores chamam esse processo de isolamento.

Outra possibilidade de intensificação por isolamento se dá pela lexicalização, ou seja, pela utilização de um item lexical com o intuito de maximizar ou mitigar uma determinada valoração. Um exemplo disso está no emprego da palavra "louco" como item lexical intensificador, vejamos o exemplo (14):

14 Ela parece **louca de raiva** .

Quando dizemos que alguém está "louco de raiva", estamos estabelecendo uma avaliação sobre o comportamento de um indivíduo, sendo que esta avaliação apresenta traços de acentuação. Em casos assim, Martin e White (2005) dizem que o item lexical intensificador perde em carga semântica, uma vez que ele não pode ser visto isoladamente. A expressão *louco* no enunciado acima não implica em uma avaliação negativa da capacidade mental de alguém, isto é, não implica uma avaliação quanto à normalidade de alguém, mas antes expressa a ideia de que a pessoa está com muita raiva.

Neves (2011, p.52) aponta o uso de sintagmas nominais (preposicionados ou não) como intensificadores positivos ou negativos. A autora oferece alguns exemplos dessa realização como em "Tivemos uma sorte *dos diabos*" e "Passada a zonzura, percebeu que fazia um calor *de matar*". Os sintagmas em destaque intensificam os processos mentais "tivemos" e "fazia", evidenciando o aumento da força avaliativa desses processos. A partir da apreciação de Neves (2011), abrimos o entendimento para a existência de possíveis outros recursos linguísticos que expressem o aumento ou a redução da força avaliativa de um elemento linguístico. Dessa forma, além de pensarmos na possibilidade de existência de outros elementos graduais, pensamos na existência de diferentes recursos linguísticos que expressem, simultaneamente, uma intensificação e uma avaliação. Portanto, um dos objetivos desta pesquisa é encontrar outros recursos léxico-gramaticais pelos quais a Gradação se manifesta em fusão com a Atitude nos textos.

Outra possibilidade de realização da Gradação com intensificadores é por meio da fusão. A fusão ocorre quando o grau de intensidade é incorporado ao significado valorativo de um único item lexical. Esse é um conceito importante para o desenvolvimento da ideia de hibridização de subsistemas avaliativos. Como exemplo de palavras em que há a fusão entre significado e intensificação, temos aquelas que podem ser inseridas em uma escala gradual, tantas vezes já abordada aqui, nesse caso, temos a fusão por meio da lexicalização. Outro recurso linguístico que pode favorecer a fusão são os afixos, quer dizer, o uso de prefixo ou de sufixo como indicadores de intensificação para mais ou para menos do que se está sendo avaliado. Vejamos nos exemplos a seguir:

15 Chegou cada *carrão* na concessionária.

16 Meu namorado tem um *corpão*, que vou te contar.

17 Roberto Carlos é um *supercantor*.

18 Ele está *mega*ocupado.

Nestes exemplos, o uso de sufixos (-ão) e de prefixos (super-, mega-) permite uma intensificação dos nomes através da exaltação das qualidades ou do estado de seres e coisas. No entanto, o uso de sufixos pode também reduzir a força avaliativa como nos exemplos a seguir:

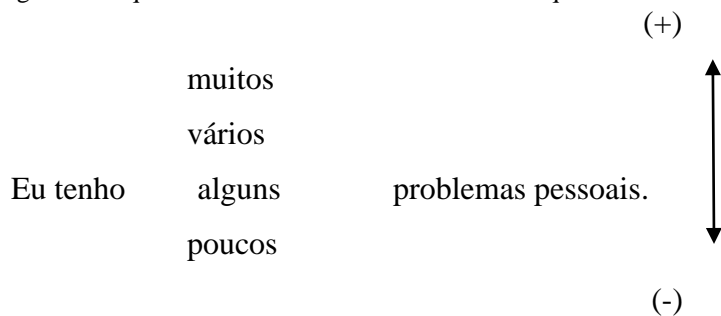
19 *Quartinho* de quinta que você alugou, hein?

20 Nessa cidadezinha não tem nada para fazer.

O uso de sufixos diminutivos (-inho; -inha) em (19) e (20) atribui um caráter depreciativo aos nomes quarto e cidade, causando uma redução da Força avaliativa.

A Força ainda pode expressar quantificação. A quantificação se refere à gradação de entidades concretas ou abstratas e, assim como a intensificação, pode ocorrer por meio do isolamento ou fusão, segundo Martin e White (2005). Os recursos linguísticos pelos quais há a quantificação são os que Halliday (2004) denomina de numerativos quantitativos indefinidos como "alguns", "vários", "poucos" e "muitos". Observemos o esquema abaixo:

Figura 8- Esquema de intensidade dos numerativos quantitativos indefinidos



Fonte: Elaborado pela autora

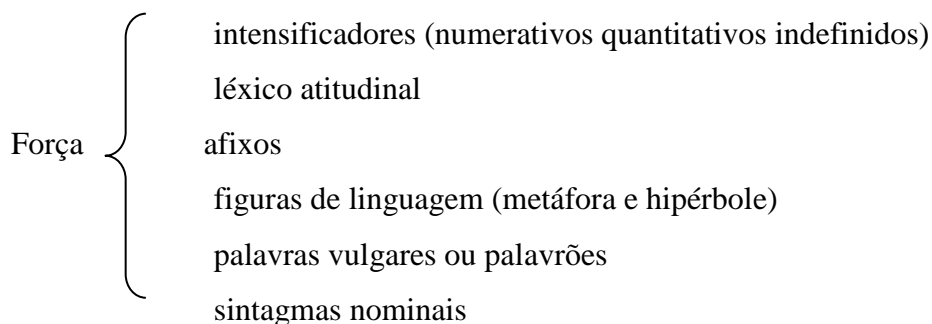
No esquema acima temos os principais numerativos quantitativos indefinidos organizados por grau de intensidade, num exemplo de quantificação por isolamento. Martin e White (2005) afirmam que a quantificação pode ser ainda por volume e extensão. O volume trata das valorações que consideram o tamanho (grande, médio ou pequeno), a altura (alto ou baixo), o peso (leve ou pesado), a espessura (fino ou grosso) e até a luminosidade (escuro, opaco ou claro) de alguma entidade. A extensão, segundo os autores, apresenta duas subopções: a distribuição e a proximidade, cada uma com escolhas nas modalidades tempo e espaço. A distribuição temporal se refere ao quanto uma entidade se encontra extensa no tempo, ou seja, se refere ao quanto ela é curta ou duradoura. A distribuição espacial trata do

quanto uma entidade está difusa no espaço, quer dizer, trata do seu posicionamento, mais geral ou localizado. A proximidade temporal corresponde ao quanto uma entidade está próxima ou distante do tempo atual, a saber, se ela corresponde a algo recente ou antigo. Por fim, temos a proximidade espacial que alude à localização de uma entidade, levando em consideração a noção de distância, ou seja, se ela está próxima ou distante de algo de praticar alguma ação.

Esses são apenas alguns dos recursos apontados por Vian Junior (2008) para a manifestação da Gradação em Língua Portuguesa. Acreditamos que esse subsistema pode ocorrer através de outros recursos ainda não explorados como através de sintagmas nominais, que podem ser expressões idiomáticas, ou de estruturas oracionais completas.

O esquema abaixo sintetiza as possibilidades de realização da Força no subsistema Gradação, expostas até aqui:

Figura 9- Realização da subcategoria Força



Fonte: Elaborado pela autora

Após compreendermos melhor o Sistema Avaliativo e a realização dos subsistemas Atitude e Gradação, julgamos oportuno tratar da possibilidade de hibridização desses subsistemas, como veremos a seguir.

3.3 Hibridização de subsistemas

O objetivo geral deste trabalho é evidenciar a possibilidade de sobreposição das características atitudinais e graduais em um único item lexical, isso é o que denominamos de hibridização. A hibridização consiste na realização de subsistemas ou de subcategorias avaliativas pelo processo de fusão.

Martin e White (2005, p.58) advogam que as fronteiras entre determinadas subcategorias do sistema avaliativo é algo muito sutil. Os autores tratam da tênue fronteira

entre Julgamento e Apreciação, visto que podem ocorrer casos de enunciados que apresentem a subcategoria Apreciação de forma explícita e a subcategoria Julgamento de forma implícita ou *vice-versa*. Dessa forma, podemos encontrar enunciados nos quais ocorrem avaliações de participantes não conscientes, mas que também podem ser interpretados como avaliações quanto à capacidade de alguém, ao realizar algo, exemplificando um caso de Julgamento. A fim de exemplificarmos melhor esses casos, analisemos os exemplos abaixo:

21 Os jogadores são **excelentes**.

22 O jogo foi *excelente*.

Em (21) temos um Julgamento baseado na capacidade dos jogadores, enquanto que em (22) temos um exemplo de Apreciação pelo fato de que o alvo da avaliação é um ser não consciente, o jogo. Porém, no exemplo (22), dependendo da interpretação dada ao enunciado, o texto pode ser considerado como uma expressão da subcategoria Julgamento ou da subcategoria Apreciação. Se levarmos em consideração que o jogo foi excelente porque contou com a presença de bons jogadores, pois uma partida não seria considerada excelente se tivessem participado apenas maus jogadores, percebemos um Julgamento. No entanto, se considerarmos apenas o evento, o jogo, como o algo valorado temos um exemplo de Apreciação. Não acreditamos que seja adequado o uso da palavra hibridização, nesse caso, já que uma leitura do enunciado exclui a outra. Dizendo em outras palavras, quando interpretamos o enunciado como uma manifestação de Julgamento, ele só será considerado como exemplo de Apreciação, se houver uma outra leitura do enunciado, portanto, não ocorre a fusão de subcategorias.

Outro caso que exemplifica as tênues fronteiras do sistema avaliativo ocorre no exemplo abaixo em que há a ocorrência explícita de Julgamento, mas que também apresenta uma Apreciação invocada. Observemos:

23 Ela provou ser uma cantora **extraordinária** durante o concurso de música.

Em (23) temos uma avaliação explícita da cantora, através da palavra "extraordinária" o que implica em uma avaliação do seu desempenho, quer dizer, há um Julgamento baseado na Estima Social quanto à Capacidade de cantar do indivíduo em questão, mas há também uma avaliação implícita do ato de cantar, ou seja, há uma avaliação

apreciativa do processo material. O mesmo raciocínio pode ser aplicado aos subsistemas, pois as escolhas do falante/ escritor por uma ou por outro subsistema ou subcategoria refletem as suas perspectivas na elaboração do discurso. De acordo com a perspectiva adotada pelo falante/escritor, será utilizado, por exemplo, uma ou outra subcategoria da Atitude. Se o falante/ escritor parte da perspectiva da emoção do sujeito, então há o uso do subsistema Afeto como em “Esta música me entristece.”, porém, se o falante/ escritor parte da perspectiva de que os objetos podem ter emoções, então há o uso da Apreciação como em “Que música triste!”.

Martin e White (2005) não utilizam o termo hibridização entre subsistemas, mas tocam no que concerne a fusão em um processo de realização de um subsistema. Os autores advogam que o processo de Gradação na subcategoria Força pode ocorrer por quantificação, através de um processo de fusão, quando envolver realizações metafóricas de quantificação. Objetivando exemplificar e melhor explicar o que afirmamos, observemos o exemplo abaixo:

24 A professora passou uma *montanha* de tarefas.¹³

As tarefas são avaliadas quantitativamente através de uma figura de linguagem, a metáfora expressa pelo uso do item lexical "montanha". A quantidade de tarefas ganha uma maior força quando comparada a uma montanha, porque indica que a professora passou muitas tarefas. Os autores consideram que esse tipo de realização quantitativa, expressa em (24), não indica a ocorrência do subsistema Gradação por isolamento, já que a quantidade não é expressa por um elemento modificador, mas sim por um substantivo núcleo do sintagma nominal. Levando isso em consideração, começamos a pensar na possibilidade de um único item lexical mostrar traços sobrepostos de pelo menos dois subsistemas, já que o item lexical "montanha" pode também ser entendido como uma avaliação implícita das tarefas quanto a sua composição. Além disso, nos inquietou o pensamento de Martin e Rose (2007) *apud* Collins Cobuild (1998). Segundo esses autores, muitos intensificadores envolvem traços atitudinais. Como exemplo, podemos citar:

25 O namorado da minha amiga é **perigosamente atraente**.

¹³ Os exemplos apresentados nessa subseção foram criados pela autora deste trabalho.

Nesse enunciado, temos um Julgamento positivo por Capacidade do aspecto físico do homem em questão, que é avaliado como "atraente". Acrescido a essa informação temos o uso do advérbio "perigosamente". Retomando ao que já expomos ao longo deste trabalho, Bechara (2009) afirma que os advérbios podem indicar uma avaliação e uma intensificação simultaneamente. A escolha pela combinação dos itens lexicais "perigosamente atraente", indica uma avaliação acentuada da beleza do indivíduo. A beleza do rapaz é tida como perigosa, talvez pelo fato de que ela desperte a atenção e o interesse do enunciador, podendo provocar uma atração e um desejo pelo o que não lhe pertence. Esse Julgamento está baseado em normas sociais que condenam o indivíduo que possa ter algum tipo de interesse amoroso no cônjuge de um(a) amigo(a). Martin e Rose (2007) falam da existência de palavras graduais com insinuações atitudinais, ou seja, eles apontam a existência de traços sobrepostos dos subsistemas Atitude e Gradação. Isso é o que nós denominamos de hibridização de subsistemas. Em (25) temos um exemplo de hibridização entre Atitude e Gradação expresso no uso do item lexical "perigosamente".

O tema da fusão entre dois subsistemas é tratado por Martin e White (2005) e se refere à aplicabilidade do subsistema Gradação nos outros subsistemas, Atitude e Engajamento, como exemplificado nas tabelas 1 e 2 apresentadas pelos autores e traduzidas por Sousa (2013). No entanto, eles falam de aplicabilidade de um subsistema a outro e não da sobreposição deles. Vejamos a Tabela 1:

Tabela 1- A graduabilidade dos significados atitudinais

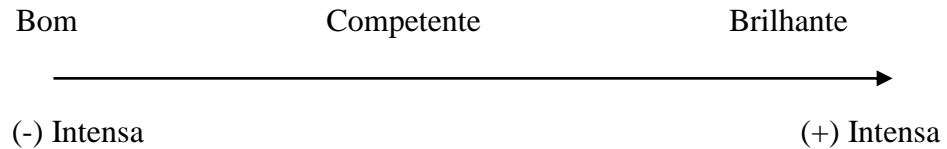
	Baixo grau	←————→	Alto grau	
Julgamento	Jogador competente	Bom jogador	Jogador brilhante	
	Jogador razoavelmente bom	Bom jogador	Jogador muito bom	Jogador extremamente bom
Afeto	Contentemente	Felizmente	Alegremente	Extasiadamente
	Levemente chateado	Chateado	Muito chateado	Extremamente chateado
Apreciação	Levemente desorganizado	Desorganizado	Muito desorganizado	Completamente desorganizado
	Atrativo	Bonito	Requintado	

Fonte: Martin e White (2005) apud Sousa (2013, p.33)

Na tabela 1, observamos a disposição do léxico avaliativo em uma escala gradual que vai da maior à menor intensidade e a presença de exemplos de avaliações do comportamento do indivíduo (Julgamento), das emoções e das atitudes (Afeto) e de

participantes não conscientes (Apreciação). No primeiro caso temos a avaliação do jogador como competente/ bom/ brilhante, o léxico avaliativo pode ser disposto em uma escala gradual¹⁴ da seguinte forma:

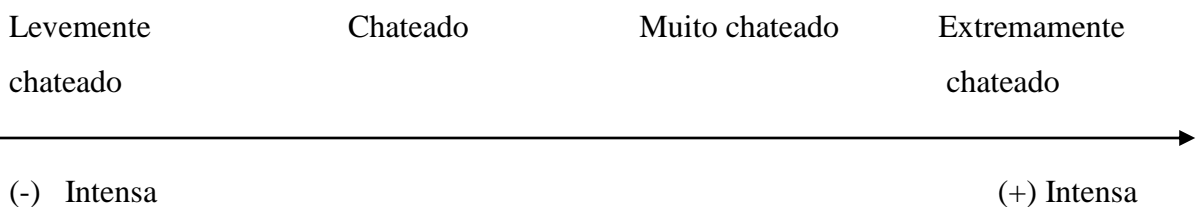
Figura 10- Escala gradual de Bom



Percebemos que os itens lexicais competente/ bom/ brilhante, além de expressarem uma avaliação positiva do jogador, também trazem marcas intensificatórias, uma vez que eles podem ser colocados em uma escala gradual que parte de uma avaliação menos intensa para uma de maior intensidade. Levando isso em consideração, temos um caso de hibridização entre os subsistemas Atitude (Julgamento) e Gradação, pois os itens antes mencionados apresentam sobrepostas as marcas desses dois subsistemas.

O mesmo ocorre com os exemplos da subcategoria Afeto. Embora não vejamos tão claramente uma escala gradual entre os termos "contentemente", "felizmente" e "alegremente", já que acreditamos que eles tenham a mesma força avaliativa, podemos perceber essa intensificação gradual no uso dos termos "alegremente" e "extasiadamente", pois há uma força avaliativa de maior intensidade no uso da expressão "extasiadamente", se comparado com o uso da palavra "alegremente". Em relação à intensificação da avaliação do item lexical "chateado", podemos colocá-lo ao longo de um contínuo de intensificação:

Figura 11-Escala gradual de Chateado



A intensificação da avaliação "chateado", marca da subcategoria Julgamento por Capacidade, ocorre por meio de itens gramaticais "levemente", "muito" e "extremamente".

¹⁴ Todas as escalas graduais utilizadas na discussão da análise dos dados foram elaboradas pela autora deste trabalho.

CAPÍTULO III

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os métodos utilizados para o desenvolvimento desse trabalho. Para isso, descrevemos os objetivos de nossa pesquisa, a origem do *corpus*, o processo de coleta de dados e como ocorreu a sua análise. O nosso objeto de análise são os textos pertencentes ao gênero Memórias Literárias, produzidos por alunos de todo país e enviados para a *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro* (OLPF) no ano de 2010. Levando isso em consideração, julgamos importante explicar detalhadamente esse programa, a fim de que possamos esclarecer como ocorre o processo de produção desses textos. Como dito anteriormente, os pressupostos da LSF defendem que a investigação deve levar em consideração a situação em que a linguagem é produzida e que, portanto, devemos conhecer para quem, onde, como e quando foram produzidos os textos. Sendo assim, é justificável conhecermos o desenvolvimento da OLPEF para entendermos o processo de produção dos textos.

Nas Olimpíadas de Língua Portuguesa, dependendo do ano letivo no qual se encontra o aluno, pode-se produzir textos nos seguintes gêneros: Artigo de Opinião, Crônica, Memórias Literárias e Poema. Escolhemos como alvo de nossa análise os textos que se enquadram no gênero Memórias Literárias por acreditarmos que determinados gêneros favorecem o posicionamento emocional do autor mais do que outros, que primam pela imparcialidade, o que nos transporta às ideias de Martin e Rose (2007) que apregoam que a natureza do texto influencia nas escolhas lexicais. Estando o gênero Memórias Literárias relacionado ao lembrar e ao contar momentos tristes ou felizes de alguém, acreditamos que esse gênero nos possibilitaria uma maior ocorrência dos subsistemas Atitude e Gradação, já que a primeira trata das emoções do autor; enquanto que a segunda se refere à intensificação ou à mitigação das atitudes e das emoções do autor. Sendo assim, poderíamos encontrar mais exemplos que comprovassem a ocorrência da hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação em um mesmo item lexical.

4.1 A pesquisa

A pesquisa, aqui apresentada, surge do estudo e da análise da realização do sistema avaliativo em língua portuguesa. Ao longo de nossas observações, percebemos que algumas manifestações avaliativas não poderiam ficar encaixotadas em determinado subsistema ou em determinada subcategoria, uma vez que apresentava, ao mesmo tempo, traços de pelo menos dois subsistemas. Afirmamos anteriormente que a palavra é potencialmente significativa, o que lhe dá uma gama de possibilidades de usos nos mais diferentes contextos, por isso não podemos amarrar determinado item lexical ou determinada estrutura sintagmática como representante deste ou daquele subsistema. Em razão disso, haveria avaliações que apresentariam marcas atitudinais e graduais sobrepostas. Chamamos esse fenômeno de hibridização no sistema avaliativo. Os casos que envolvem elementos híbridos no sistema avaliativo são caracterizados pela existência de marcas próprias de pelo menos dois subsistemas avaliativos em um só item lexical. Como o sistema avaliativo abarca três subsistemas (Atitude, Gradação e Engajamento), subdivididos cada um em outras subcategorias, optamos por analisar somente a possibilidade de ocorrência da hibridização entre Atitude e Gradação, visto a impossibilidade de abrangência de todas as manifestações de hibridização entre os outros subsistemas ou subcategorias e a escassez de tempo para o desenvolvimento de um trabalho tão profundo como esse.

Analizamos a realização linguística de todas as três subcategorias do subsistema Atitude (Afeto, Apreciação e Julgamento), porém nos detemos na ocorrência da subcategoria Força do subsistema Gradação. Faremos isso uma vez que o nosso objetivo geral é provar que atitudes, emoções e avaliações podem ter sua força intensificada ou reduzida e que podem ser expressas por um único item lexical .

Inicialmente, defendíamos a ideia de que o item lexical é o recurso linguístico que possibilita a hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação uma vez que a palavra, pelo seu potencial significativo (BAKHTIN, 2009; 2011), pode marcar para mais ou para menos, simultaneamente, uma atitude ou uma emoção do indivíduo. Além disso, afirmamos que o item lexical é o principal elemento pelo qual a hibridização de subsistemas se manifesta, porque o léxico é o meio de ocorrência do processo denominado de fusão, segundo Martin e White (2005). Acreditávamos que estruturas maiores como os sintagmas adjetivais favoreciam a ocorrência por isolamento da Gradação e da Atitude ou como estamos nomeando o emparelhamento de subsistemas e não a hibridização desses subsistemas, o que

determinaria a escolha pela realização desses subsistemas nos textos através do isolamento ou do hibridismo é a intenção do autor ou a sua preocupação com os aspectos formais da escrita. Essas hipóteses sobre a ocorrência da hibridização entre Atitude e Gradação são o norte para a análise de dados e são testadas através da tentativa de respostas às seguintes perguntas: a hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação ocorre por meio de quais elementos linguísticos? Que elementos linguísticos ou extralinguísticos influenciam na escolha do autor pelo uso de determinada forma híbrida ou de uma determinada estrutura construída por isolamento ou emparelhamento?

Ao longo da análise do *corpus*, percebemos que também pode haver fusão entre Apreciação e Afeto, já discutido por Martin e White (2005), em um mesmo item lexical, mas essa questão não será alvo de nossas considerações, deixando, por conseguinte, um caminho a ser trilhado rumo às pesquisas e aos estudos futuros.

Desenvolvemos uma pesquisa descritiva e qualitativa, já que pretendemos descrever, por meio da análise linguística do gênero Memórias Literárias, a ocorrência da hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação. Além disso, objetivamos analisar as implicações de determinadas escolhas lexicais na produção das memórias e na marcação das emoções do autor ou de outrem no texto. Como afirma Gil (2002, p.42), referindo-se ao tipo de pesquisa descritiva "Essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos."

De acordo com a classificação de Lakatos e Marconi (2012), o método de abordagem adotado nesta pesquisa é o hipotético-dedutivo, uma vez que percebemos uma lacuna no estudo do modelo avaliativo, no que se refere à realização da hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação, e pretendemos testar a hipótese da ocorrência desse fenômeno em itens lexicais.

4.2 O corpus

O *corpus* é constituído por 38 textos finalistas das *Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro* (OLPEF) do ano de 2010, pertencentes ao gênero Memórias Literárias. É importante esclarecer que esses textos foram produzidos a partir do relato das memórias de uma outra pessoa da comunidade, onde o aluno participante da OLPEF vive. Essas lembranças são contadas através de uma entrevista e estão relacionadas com o local onde o entrevistado e o aluno vivem, assim como com a história e os costumes do lugar. O

texto é produzido em 1ª pessoa, ou seja, o aluno se coloca no lugar do entrevistado. Inicialmente, escolhemos esses textos porque estão publicados e disponíveis para quaisquer leitores, pois se tratam de textos de domínio público e se encontram disponíveis no portal da *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*¹⁵. Além da facilidade de acesso aos textos, outro fator que influenciou a sua utilização na formação do nosso *corpus* foi a existência de textos de Memórias Literárias, uma vez que esse gênero possibilita uma maior posição atitudinal e avaliativa do autor. As Memórias Literárias permitem que o indivíduo rememore suas lembranças mais íntimas ou as de alguém, sendo assim, temos um terreno propício para a aplicação do modelo avaliativo. Martin e Rose (2007) apontam que alguns gêneros facilitam uma maior intensificação valorativa do que outros, como os gêneros cuja sequência predominante é a narrativa. Gêneros como as Memórias Literárias, o diário pessoal e o relato pessoal são tidos como gêneros autobiográficos. Esse tipo de gênero é de difícil identificação, já que apresenta mais traços de semelhanças do que de diferenças entre si. Dessa forma, utilizamos o modelo de caracterização do gênero Memórias Literárias proposto pela OLPEF, aplicando-lhe o sistema avaliativo no estudo aqui apresentado.

4.2.1 As Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro

Devido ao grande alcance nos últimos anos das *Olimpíadas de Língua Portuguesa*, esse programa já é visto como parte dos projetos públicos educacionais de estados e de municípios brasileiros. Em 2014, a OLPEF atingiu uma grande quantidade de adesão de professores e alunos, fato que merece ser destacado. Todas as 27 federações brasileiras aceitaram participar da olimpíada, totalizando 170.267 inscrições distribuídas entre as categorias Artigo de Opinião, Crônica, Memórias Literárias e Poema; foram inscritas 46.902 escolas e 100.283 professores em todo país. O Ceará é o estado com maior número de adesão em todo território brasileiro, pois todos os seus 184 municípios aderiram ao programa. Na capital, Fortaleza, houve 1156 professores inscritos, distribuídos entre 1 escola federal, 160 escolas estaduais e 177 escolas municipais. Esses números recordes evidenciam que o programa vem alcançando o seu objetivo, que é o de envolver professores e alunos no processo de produção de textos.

A *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro* é fruto de uma parceria entre o Ministério da Educação e a Fundação Itaú Social, sob a coordenação técnica do Centro

¹⁵ Para mais informações acesse <https://www.escrevendoofuturo.org.br>

de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. Sua primeira edição ocorreu no ano de 2008, sendo resultado do programa governamental *Escrevendo o Futuro*, desenvolvido nos anos de 2002 a 2007, e cujos objetivos eram colaborar para a melhoria do ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, assim como ofertar uma formação continuada para professores do 5º e 6º anos do Ensino Fundamental de escolas públicas. Inicialmente, o programa atendia apenas duas séries iniciais, o 5º e 6º anos. No entanto, no ano de 2008, passaram a ser atendidas seis séries: 5, 6º, 8º, 9º anos do Fundamental e 2º e 3º anos do Ensino Médio, o programa foi incluído como uma ação do Plano de Desenvolvimento da Educação e passou a ser chamado de *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*. Em 2010, em sua 2ª edição, o programa permitiu a participação de alunos do 5º ao 9º anos do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º anos do Ensino Médio, totalizando seis anos escolares. A OLPEF ocorre de dois em dois anos e tem um caráter contínuo de formação de professores. Nosso *corpus* foi coletado da 2ª edição desse concurso.

O tema adotado na OLPEF é *O lugar onde vivo*. Os alunos a partir dessa ideia são instigados a buscar a história do lugar onde moram e a aproximar-se dos moradores mais antigos da comunidade. Como dito anteriormente, o programa aborda quatro gêneros textuais: o Poema, as Memórias Literárias, a Crônica e o Artigo de Opinião. Cada um desses gêneros é disponibilizado para a participação de professores e de alunos de acordo com o ano escolar em que se encontram. A divisão dos gêneros por ano escolar atende a seguinte ordem:

- Poema : 5º ao 6º anos do Ensino Fundamental.
- Memórias Literárias: 7º ao 8º anos do Ensino Fundamental.
- Crônicas: 9º ano do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio.
- Artigo de Opinião: 2º ao 3º anos do Ensino Médio.

No caso do nosso estudo, analisamos as produções de alunos finalistas do 7º e do 8º ano do Ensino Fundamental.

A realização da Olimpíada no ambiente escolar ocorre em quatro etapas. A primeira diz respeito à adesão das escolas estaduais e municipais ao programa. A segunda trata do recebimento do material que vai servir de estudo para o professor e que vai orientá-lo na execução da Olimpíada (Caderno do Professor¹⁶, CD-ROM¹⁷ e Coletânea de textos nos gêneros textuais Poema, Memórias Literárias, Crônica e Artigo de opinião). A terceira etapa

¹⁶ SE BEM ME LEMBRO... : caderno do professor: orientação para produção de textos / [equipe de produção Regina Andrade Clara, Anna Helena Altenfelder, Neide Almeida]. Coleção da Olimpíada, São Paulo: Cenpec, 2010

¹⁷ Apresenta os mesmos textos presentes na Coletânea com a opção sonora ou gráfica.

se refere à realização de oficinas de apropriação e de produção do gênero abordado. Essas oficinas são sugeridas ao professor e trabalhadas em sala de aula como sequências didáticas¹⁸ e encontram-se disponíveis no Caderno do Professor. O professor tem total liberdade de adaptar ou não essas oficinas. A última etapa alude à escolha e, finalmente, ao envio do melhor texto produzido na escola em cada categoria. Os textos são enviados pela escola para o portal da OLPEF e, posteriormente, avaliados por uma equipe competente.

Após o envio dos textos para o portal, ocorre a seleção do melhor texto pela Comissão Julgadora Municipal. Podem participar dessa comissão no mínimo 3 integrantes, sempre em número ímpar, que tenham domínio da língua portuguesa (repentista, poeta, jornalista, escritor etc.). Após esse processo, ocorre a escolha do melhor texto a nível estadual. Nessa fase, são selecionados os textos finalistas do estado participante em cada uma das quatro categorias antes mencionadas. A comissão estadual é composta por no mínimo cinco integrantes, sempre em número ímpar assim como na comissão municipal. Depois da seleção estadual ocorre a seleção regional, participarão dessa seleção 500 textos finalistas, julgados por no mínimo 7 integrantes de uma banca formada por representantes do MEC, do Itaú Social, do Cenpec, das universidades públicas, entre outros. Nos encontros de cada regional, são escolhidos até 152 textos finalistas de todo Brasil, sendo 38 de cada categoria. Após, essa seleção, ocorre a seleção final a nível nacional, em que alunos, professores e escolas vencedores podem ganhar desde medalhas até computadores.

Os textos foram produzidos ao longo de 16 oficinas¹⁹ cuja função era desde apresentar o gênero Memórias Literárias até a produção final do gênero. Cada oficina foi organizada de maneira que abordasse um tema específico como introdução ao gênero, orientações para a realização da entrevista que serviria de base para a escrita da memória, revisão do texto e produção final. As oficinas teriam uma duração, dependendo da adaptação do professor, de 2 a 4 aulas. Em resumo, a situação de produção dos textos do nosso *corpus* foi a seguinte: primeiro, os alunos foram apresentados ao gênero Memórias Literárias para que fossem feitas análises das características formais e contedísticas do gênero; em seguida, houve algumas orientações sobre a produção de uma entrevista com o morador mais antigo do local onde o aluno vive. A partir dessa entrevista foi construído o texto em 1ª pessoa, solicitando ao aluno que se transportasse para o lugar psicológico do entrevistado, repassando ao máximo a emoção presente na memória por ele contada.

¹⁸ Para mais informações sobre sequência didática ler Dolz, J. ; Noverraz, M. e Schneuwly, B. (2004).

¹⁹ Para mais informações ver Se bem me lembro... : caderno do professor :orientação para produção de textos / [equipe de produção Regina Andrade Clara, Anna HelenaAltenfelder, Neide Almeida]. São Paulo :Cenpec 2010.

4.3 Procedimento para a coleta de dados

A coleta e seleção dos dados ocorreu da seguinte forma: primeiro, acessamos o portal das *Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*, em seguida, selecionamos os 38 textos finalistas, representantes do gênero Memórias Literárias. Após a seleção do *corpus*, analisamos a fim de que encontrássemos marcas linguísticas de realização dos subsistemas Atitude e Gradação. Inicialmente, esses subsistemas foram tratados de forma isolada. Somente após a identificação de sua realização nos textos é que partimos para a observação de possíveis realizações de hibridização entre eles. A fim de que pudéssemos visualizar mais facilmente a ocorrência dos elementos atitudinais e graduais nos textos analisados, elaboramos uma codificação com marcas para cada realização das subcategorias de cada subsistema. A legenda de codificação de marcas pode ser descrita da seguinte forma: **HIBRIDISMO** (Maiúscula e em negrito), Afeto (Sublinhado), *Gradação por Força* (Itálico e negrito), Apreciação (Itálico e Sublinhado) e **Julgamento** (Negrito), como pode ser observado no Anexo.

A fim de facilitar a localização dos dados no *corpus* e evitar a reescrita de todo o título do texto a cada referência feita a eles, optamos por codificar os nossos dados. A codificação é formada por códigos que variam de 4 a 7 elementos. O primeiro elemento de todos os dados do *corpus* é representado por um **T**, simbolizando texto; o segundo elemento é um número, que varia de 1 a 38 devido a posição do texto dentro do *corpus*, seguindo a ordem em que se encontra o texto no portal das *Olimpíadas de Língua Portuguesa*; do terceiro elemento do código ao último temos a representação por letras das iniciais do título do texto analisado.

4.3.1 Instrumentos

Após a identificação dos elementos graduais e atitudinais nos textos, partimos para a observação da ocorrência da hibridização dos subsistemas em análise. A análise consistiu na descrição dos elementos linguísticos pelos quais o hibridismo se realiza no sistema avaliativo. Aliado a isso está a interpretação dos dados, determinando as suas implicações para a construção das memórias. O gênero Memórias Literárias é tratado a partir do modelo avaliativo, por isso observamos as marcas de emoção, atitude e julgamento do autor na apresentação, corpo e no fechamento do texto.

Os dados foram observados tendo por base o modelo de análise desenvolvido na Teoria da Avaliatividade por Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007), expostos no capítulo II. No entanto, não nos prenderemos somente na simples classificação e nomeação dos itens lexicais pelos quais a hibridização se apresenta, já que pretendemos ir além dessa mera identificação e avançar em direção aos efeitos que determinadas escolhas lexicais produzem no texto.

CAPÍTULO IV

A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.

(Gabriel García Márquez)

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos um estudo sobre os gêneros autobiográficos, enfatizando o gênero Memórias Literárias e a realização dos subsistemas Atitude e Gradação nos textos pertencentes a esse gênero. Inicialmente, fazemos algumas considerações sobre os gêneros Diário Pessoal, Autobiografia e Memórias Literárias, a fim de que possamos compreender as características de cada gênero e assim possamos diferenciá-los para a sua correta produção. Partimos da análise do gênero Memórias Literárias, através do modelo oferecido pela Teoria da Avaliatividade. Por esse motivo, damos alguns exemplos da realização dos subsistemas Atitude e Gradação nas três partes que compõem a estrutura do gênero Memórias Literária: apresentação, corpo e fechamento. Os exemplos são analisados quanto à sua composição estrutural e quanto aos efeitos semânticos produzidos na construção do texto. A análise e discussão dos dados foi feita com base em todo o aporte teórico apresentado neste trabalho, quer dizer, levamos em consideração as categorias avaliativas propostas por Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007) e a noção de efeito patêmico de Charaudeau (2010; 2011). Os casos de hibridização dos subsistemas atitudinais e graduais são analisados e explicados também através de exemplos.

5.1 O gênero Memórias Literárias e o Sistema Avaliativo

Como já dito anteriormente, o *corpus* analisado é constituído por 38 textos finalistas coletados do banco de textos das *Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLPEF)* 2010, pertencentes ao gênero Memórias Literárias. O gênero Memórias Literárias enquadra-se na lista dos gêneros confessionais ou intimistas (MACIEL, 2014), nessa lista podemos acrescentar o diário pessoal e a autobiografia. Os gêneros confessionais são como um retrato que o autor escolhe em qual ângulo lhe é mais favorável aparecer. Em determinados gêneros confessionais, o autor pode escolher ou manipular sua imagem, a fim

de que o leitor tenha somente a imagem que lhe apraz passar. Como esses gêneros apresentam traços semelhantes que podem confundir o leitor quanto a sua classificação, optamos por fazermos algumas considerações sobre esses três gêneros a fim de evitarmos quaisquer dúvidas quanto às suas características formais e conteudísticas.

O diário pessoal se diferencia dos outros gêneros confessionais pelo seu caráter íntimo e secreto. Quando alguém ousa violar, tornando público, o íntimo relato contido nas páginas de um diário, essa ação é mal vista e condenada já que o que está escrito ali não é dirigido a ninguém que não seja o próprio autor. No caso do gênero diário pessoal, autor e leitor se confundem uma vez que o que está sendo expresso nesse gênero são as emoções e os sentimentos mais íntimos do autor, importando e permitindo somente a ele ler. Como exemplo disso que estamos afirmando, podemos apontar os diários escritos pelos adolescentes, cadernos de capa e folhas coloridas, cujos segredos estão protegidos por um pequeno cadeado. Assim como os outros gêneros autobiográficos, o diário contém uma retrospectiva dos fatos passados, porém esses fatos estão inseridos dentro de um espaço temporal relativamente pequeno, pois o autor segue as datas do calendário, fazendo em cada dia uma retrospectiva do que lhe aconteceu. As datas permitem, por conseguinte, a organização da narrativa.

O teórico francês Lejeune oferece o conceito de "pacto autobiográfico" para facilitar a diferenciação da autobiografia dos demais gêneros intimistas. Segundo esse teórico, faz-se necessário um pacto entre o autor e o leitor, a fim de que quem escreva se comprometa com a verdade dos fatos de sua vida. Não que o autor tenha que se preocupar com uma demasiada exatidão histórica, mas sim com a sinceridade dos fatos. No entanto, esse conceito de "pacto autobiográfico" recebeu várias críticas, pois quem conseguiria afirmar, categoricamente, que o autor está sendo sincero ou qual o comportamento do leitor diante do texto. Levando isso em consideração, o autor elaborou uma definição para o gênero autobiografia a fim de sanar os questionamentos. De acordo com o pensador francês, a autobiografia pode ser entendida como "Relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo ênfase em sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade" (LEJEUNE, 1994, p. 50).

As Memórias Literárias são, como já dito, um gênero autobiográfico caracterizado pela volta ao passado, mas com o objetivo de recriá-lo dando um novo significado ou um novo matiz às lembranças. Nesse gênero, não há uma preocupação central com a veracidade dos fatos contados, mas sim com a possibilidade de recriação de uma realidade passada,

porém isso não impede que identifiquemos marcas históricas através desse gênero. Ao estabelecer uma relação entre presente e passado, as Memórias Literárias permitem identificar traços de uma época passada através do léxico utilizado ou da narração de situações comuns a um determinado período do passado. O que diferencia esse gênero dos outros textos gêneros confessionais é a liberdade imaginativa, por isso o uso do termo Literárias. O gênero é tido como literário porque o texto estabelece uma relação entre o eu e o mundo ou entre o objeto e a sua imagem, permitindo uma recriação do mundo e das coisas que há dentro e fora dele. Gedoz e Costa-Hübes (2010) advogam que o gênero Memórias pertence a esfera literária, porque cumpre uma função estética:

(...) o gênero memórias literárias caracteriza-se como um texto pertencente à esfera literária, já que cumpre com um dos traços mais marcantes dos gêneros dessa esfera, a função estética. Opondo-se a uma função utilitária cujo fim é o de informar, convencer, explicar, o autor de memórias literárias procura representar a realidade através de sua visão, interpretando aspectos que considera mais importantes, sem uma preocupação em retratá-la de modo fiel. (GEDOZ e COSTA-HÜBES, 2010, p. 7)

Além disso, a linguagem empregada no texto busca despertar as emoções do leitor por meio do enriquecimento dos recursos linguísticos utilizados. O enriquecimento do texto ocorre pelo uso de uma linguagem de caráter estético, plurissignificativo e subjetivo. O uso de uma linguagem predominantemente conotativa confere ao texto a possibilidade de expressão de sentimentos e de impressões do autor. O uso de comparações e contrastes, por exemplo, ao descrever fatos atuais e antigos, também favorece ao enriquecimento do texto e à manifestação das emoções do sujeito. Esse enriquecimento pode ser analisado por meio do modelo avaliativo de Martin e White (2005) e de Martin e Rose (2007), como veremos posteriormente nesse capítulo.

Segundo Marcuschi (2002), os gêneros surgem a partir da necessidade social de comunicação. No caso das Memórias Literárias, a necessidade é a de rememorar fatos em detalhes ou dando uma nova leitura para o ocorrido, talvez antes esquecidos, mas importante. Maciel (2014; p.9) afirmam que “as inexatidões da memória, capacidade humana de armazenar dados, transformam os fatos em recordações por meio da linguagem”, quer dizer, o ato de contar ou recontar as memórias pessoais ou as de alguém traz à vida as lembranças e origina o gênero Memórias Literárias. O que está presente na memória de alguém está presente porque é de alguma forma significativo para ela, sendo assim, o que se conta nas memórias são trechos de um momento marcante da vida de alguém, quer sejam positivos quer sejam negativos.

As Memórias Literárias estão relacionadas à expressão das emoções e dos sentimentos pessoais do autor, se narrado em 1ª pessoa, ou de alguém, se narrado em 3ª pessoa. Normalmente, as Memórias são narradas em 1ª pessoa, mas há casos em que a narrativa ocorre em 3ª pessoa, como em alguns textos da OLPEF analisados para essa pesquisa. Nos casos em que a narração ocorre em 3ª pessoa, o autor escuta o relato das memórias de alguém e reconta essas lembranças dando-lhes uma maior força expressiva. Há tanta expressividade que parece que as lembranças foram vividas pelo próprio autor. Nos textos analisados, o lugar psicológico de onde provém as experiências é o do narrador em 1ª pessoa. O autor, mesmo assumindo o lugar psicológico de outro, necessita convencer para comover, por isso lança mão de vários elementos atitudinais e graduais na construção de seu texto.

Observando os 38 textos do nosso *corpus*, percebemos que eles apresentam a mesma estrutura composicional: apresentação, corpo e fechamento. Além disso, eles apresentam os elementos essenciais da tipologia narrativa, predominante no gênero Memórias Literárias, que são personagens, tempo, espaço, narrador e enredo. Isso ocorre porque há uma orientação da OLPEF para a escrita desse gênero.

No início de cada texto do *corpus* há a apresentação onde o autor coloca o que vai ser relatado, situando o leitor no espaço e no tempo das memórias. Dessa forma, alguns apresentam desde o início marcas dos subsistemas Atitude e Gradação, já que a intenção do autor é dividir com o leitor seus sentimentos e impressões, chamando a atenção para o que será relatado, como podemos observar nos exemplos que se seguem:²⁰

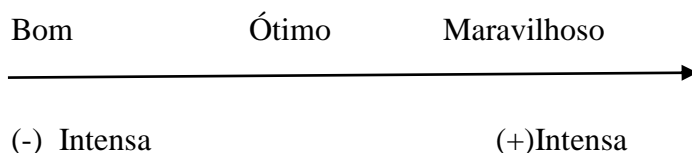
T2ADRS

No **MARAVILHOSO** e *tranquilo* Engenho Pirauá passei *grande parte de* minha vida. Recordo-me de que jogávamos bola às margens do **ENORME** rio Sirigi que corta a cidade de Aliança. Esse rio foi *muito importante* em minha vida, pois era a nossa principal *fonte de diversão e renda*. Era sua vida que mantinha a nossa vida. Sobrevivíamos tirando as areias que nele repousavam e vendíamos aqui em Aliança e depois do trabalho descansávamos em suas águas *claras e fresquinhas*.

²⁰ Como afirmado no capítulo sobre metodologia, elaboramos um código de marcação para a realização de cada subsistema. A fim de facilitar a leitura do nosso trabalho, reafirmamos a codificação: **HIBRIDISMO** (Maiúscula e em negrito), *Afeto* (Sublinhado), *Gradação por Força* (Itálico e negrito), *Apreciação* (Itálico e Sublinhado) e **Julgamento** (Negrito).

No exemplo **T2ADRS**, percebemos, claramente, através de sua avaliação, a apresentação da localização do espaço da narrativa que é em Engenho Pirauá. O local é avaliado por meio da subcategoria **Apreciação por Valorização** como "maravilhoso" e por **Composição** como "tranquilo". O uso do adjetivo "maravilhoso" indica um julgamento do autor com base na impressão que o lugar lhe causa, o que reflete também traços de afetividade. Além disso, percebemos uma intensificação da avaliação já que o local não é considerado nem bom nem ótimo, mas sim maravilhoso. Observamos com a análise da Figura 14 que o item lexical "maravilhoso" apresenta uma maior força avaliativa, se comparado a outros itens lexicais como "bom" e "ótimo". Pensando dessa forma, podemos dispor o item lexical "maravilhoso" em uma escala contínua de gradação, como vemos a seguir:

Figura 14-Escala gradual de Maravilhoso



Encontramos, por conseguinte, no item lexical "maravilhoso" os subsistemas **Atitude e Gradação** na medida em que apresenta a intensificação de uma avaliação por meio de um item lexical. O mesmo raciocínio pode ser utilizado na análise da palavra "enorme" em "as margens do enorme rio Sirigi", visto que o que é enorme é o que é muito grande. Nesse caso, há uma intensificação da avaliação por quantificação de tamanho, ou seja, o item lexical "enorme" assim como "maravilhoso" apresenta marcas de intensificação avaliativa. No entanto, não iremos esmiuçar, nesse momento, os casos de hibridização entre esses dois subsistemas, já que esse tema será melhor tratado na subseção seguinte.

Dando continuidade à análise do trecho supracitado, verificamos que ocorre a intensificação da força avaliativa no uso da expressão quantitativa "grande parte de" e do sintagma adjetival "muito importante". Essas estruturas aumentam a avaliação da vida e da importância do rio, respectivamente, para o narrador. Em ambos os casos, há a aplicabilidade do subsistema **Gradação** ao subsistema **Atitude** por um processo de isolamento. A **Apreciação por Reação**, presente na avaliação do rio, ocorre através do uso do adjetivo "importante", cuja força avaliativa é intensificada pelo uso do advérbio "muito". O mesmo acontece no uso da expressão "grande parte de". Entendemos essa expressão de forma conjunta como um caso de **Apreciação**, expresso pelo item lexical "grande", e de **Gradação**, expresso por "parte de".

Nesses casos, temos o que chamamos de emparelhamento ou, como afirma Martin e White (2005), a ocorrência da graduação das avaliações por isolamento dos subsistemas Atitude e Gradação. Esses exemplos comprovam a nossa hipótese inicial de que estruturas maiores, como os sintagmas adjetivais, não possibilitariam a ocorrência da hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação já que esse tipo de estrutura favorece à ocorrência desses subsistemas por isolamento.

Continuando com a análise de **T2ADRS**, temos que, ao descrever a importância do rio para as pessoas do local e como eram as suas águas, observamos a presença da subcategoria Gradação por Foco em "principal" (referindo-se a fonte) e da subcategoria Apreciação por Composição em "claras e fresquinhas" (referindo-se às águas) e em "fonte" (referindo-se ao rio). O item lexical "fresquinha" é formado pelo acréscimo do sufixo -inha à forma "fresca", resultando em um aumento da força avaliativa, pois indica que as águas do rio eram muito frescas. Sendo assim, o subsistema Gradação se manifesta por meio de sufixo.

Seguindo com os exemplos de trechos que exemplificam uma apresentação do local ou do fato a ser contado nas memórias, temos:

T5BLUF

Naquela época, o carreirinho que ia à igreja já estava *branquinho* de neve, como se tivesse chovido algodão sobre a mata ainda *virgem*. Os galhos dos pinheiros – até os *mais fortes* – quebravam devido ao peso da neve. Os barrancos ficavam todos *cobertos* por uma manta *branca* e *suave*, formando um verdadeiro *escorregador*. Fazíamos bonecos de neve com nariz de cenoura, braços de galhos *secos* e uma panela *velha* como chapéu.

Levando em consideração o aporte teórico apresentado, percebemos que em **T5BLUF** há a apresentação detalhada do local lembrado, o caminho que leva até a igreja. A riqueza de descrição da narrativa favorece a manifestação de vários subsistemas: a mata é avaliada como virgem (Apreciação por Composição); os galhos dos pinheiros são avaliados como fortes (Apreciação por Composição) ainda podemos perceber nessa avaliação dos galhos um aumento da força avaliativa (Gradação por Força) no uso do advérbio "mais"; os barrancos são descritos como cobertos (Apreciação por Composição) por uma manta branca e suave (Apreciação por Composição) formando um verdadeiro escorregador (Apreciação por Composição), nesse caso, há um aumento do foco da avaliação por meio do uso do item

lexical "verdadeiro". O autor avalia os galhos utilizados para fazer o braço dos bonecos de neve como "secos" (Apreciação por Composição) e a panela, usada como chapéu no boneco, como "velha" (Apreciação por Valorização). Em resumo, afirmamos que, no trecho supracitado, a avaliação de seres não conscientes indica o uso do subsistema Atitude na subcategoria Apreciação aliado à intensificação da força e do foco avaliativo por meio da Gradação.

O uso do sufixo -inho em "carreirinho", como o próprio sufixo indica, evidencia a valoração do caminho quanto à sua composição como "pequeno" (Apreciação por Composição). Em "branquinho de neve", o adjetivo "branquinho" é formado pelo acréscimo do sufixo -inho (considerado sufixo que expressa diminuição) ao adjetivo "branco", o que demonstra uma avaliação pela subcategoria Apreciação por Composição. No entanto, não temos marcas de redução da força avaliativa com o uso do sufixo -inho, pois o caminho não ficou menos branco, ao contrário, o caminho é compreendido como mais branco, pois está coberto pela neve. Além da ideia de intensificação da força avaliativa, entendemos o uso do sufixo diminutivo como evidência de emotividade, ou seja, como evidência do sentimento do autor, que relembra com ternura do local onde acontece suas memórias, por isso se refere ao ambiente no diminutivo. Dessa forma, temos um exemplo de manifestação do subsistema Atitude por Afeto (Felicidade) por intermédio de um sufixo.

Outro exemplo que corrobora com a demonstração da emoção do autor pode ser encontrado no sintagma nominal "maior diversão". O narrador avalia positivamente a época rememorada através do léxico atitudinal "diversão" (Apreciação por Reação). Essa avaliação tem sua força maximizada pelo uso do adjetivo "maior", o que aponta um caso de aplicabilidade do subsistema Gradação ao subsistema Atitude (Apreciação) por isolamento. Percebemos também traços emotivos em "maior diversão" uma vez que o período lembrado causou certo impacto na vida do narrador, sendo assim há a presença da subcategoria Afeto (Felicidade).

Seguindo com exemplo de realização do subsistema Atitude na subcategoria Afeto, temos o trecho abaixo retirado de **T15GLBS**:

T15GCLBS

Mais uma vez sinto o calor da lembrança, e o calafrio da saudade... Meu ser anuncia a hora de lembrar o **MARAVILHOSO** tempo de criança, as ideias *inesquecíveis*, brincadeiras *memoráveis* e *contagiantes* daquele tempo...

O autor escolhe começar a narrar suas memórias fazendo uso de um léxico atitudinal sensitivo e antitético expresso por "calor" e "calafrio". Os sentimentos do autor são desnudados ao relacionar o calor às lembranças, nos dando uma ideia de aconchego e de bem estar, enquanto que o calafrio é relacionado à saudade, à frieza e ao incômodo desse sentimento. O tempo de criança do autor também é avaliado através do subsistema Afeto (Felicidade), sendo que a intensificação dessa avaliação se dá pelo uso do adjetivo "maravilhoso". Compreendemos o termo em questão como uma expressão simultânea de avaliação e de intensificação, exemplificando a fusão de características atitudinais e graduais, quer dizer, exemplificando uma hibridização em um único item lexical. Na próxima subseção desse capítulo, desenvolveremos essa nossa análise.

Em **T15GCLBS**, encontramos a subcategoria Apreciação por Reação, já que há avaliações positivas de participantes não conscientes, as ideias e as brincadeiras de infância, tidas como inesquecíveis (ideias), memoráveis e contagiosas (brincadeiras). Percebemos nesses itens lexicais um aumento da força avaliativa.

Os trechos retirados e analisados de **T2ADRS**, **T5BLUF** e **T15GCLBS** são marcados por uma riqueza descritiva que introduz o leitor nas memórias e nas emoções do narrador, por isso a presença do subsistema Atitude que por sua vez é intensificado pelo subsistema Gradação. No entanto, há apresentações que são menos detalhadas como em **T25MUR**:

T25MUR

Já faz tanto tempo, mas as lembranças dos meus tempos de infância vividos na zona rural não me saem da memória.

Após a análise e interpretação do *corpus*, entendemos que quanto mais descritivo é o relato, mais o autor exhibe suas emoções no gênero Memórias Literárias ou pelo menos mais revela aquilo que ele escolhe mostrar como emoção. Dessa forma, há muitas marcas atitudinais e graduais nos textos, possibilitando a ocorrência de estruturas híbridas. Quanto mais geral é o relato do autor, mais ele se preserva e, por conseguinte, menos elementos avaliativos são usados nos textos, como podemos observar em **T25MUR**. Nesse exemplo encontramos a avaliação dos momentos rememorados, tempos de "infância" e que "não saem da memória". Os momentos são avaliados através do subsistema Atitude (Apreciação por

Composição), expresso pelo item lexical "infância", e pela subcategoria Afeto (Felicidade), expresso implicitamente pelo sintagma verbal "não me saem da memória" (Felicidade). Nesses exemplos não há marcas explícitas do subsistema Gradação.

No corpo dos textos em análise, encontramos as memórias narradas em detalhes. A riqueza de detalhes permite uma melhor expressão das emoções, sensações e impressões do autor, aproximando o leitor do que é revivido. Sendo assim, encontramos muitos exemplos de realização dos subsistemas Atitude e Gradação como veremos a seguir:

T4APDC

A cada dia, o passeio até o banheiro era uma *surpresa diferente*, mas havia *sempre* uma *especial*: Josué, que estava *sempre* lá. Ele era **alegre, cantava sem parar**, me fazendo companhia e afastando a magia *fantasmagórica* das trevas *noturnas*.

E antes que eu esqueça... preciso lembrar que Josué era um sapo, *muito grande, verde, de olhos esbugalhados*. Por muito tempo foi meu **amigo mais fiel**, até que conheci um *novo* mundo – o da escola.

O narrador descreve o momento em que ia ao banheiro, que ficava fora de casa, e o que ele encontrava no caminho. Observamos pela distribuição das marcações em **T4APDC** a presença do subsistema Atitude por meio da Apreciação e do Julgamento, além de marcas do subsistema Gradação. O momento é avaliado positivamente como "surpresa diferente", o instante é avaliado assim, principalmente, pelo surgimento de um personagem, Josué, um sapo. Entendemos que a avaliação do sapo, apesar de não ser considerado um participante consciente, acontece por meio da subcategoria Julgamento. Pensamos dessa forma, porque o narrador estabelece uma relação de proximidade com o bicho, dando-lhe características e ações conscientes evidenciadas na afirmação do narrador de que o sapo era "alegre", "cantava sem parar" e que era seu "amigo mais fiel". Nas avaliações expressas por "muito grande, verde e de olhos esbugalhados" temos marcas de Apreciação por Composição, uma vez que o sapo está sendo avaliado desde uma perspectiva estética. Em **T4APDC**, o subsistema Gradação se manifesta por isolamento, em uma estrutura paralela à avaliação atitudinal, por meio dos advérbios "muito", "mais" e "sempre". O item gramatical "sempre" aumenta a força avaliativa de "especial" e de "estava lá". A magia, as trevas e o mundo também são avaliadas por meio da Apreciação por Reação como fantasmagórica, noturnas e novo, respectivamente.

Outro exemplo de realização do sistema avaliativo no corpo do texto está em **T7CV**, vejamos:

T7CV

Todos os dias saía de casa correndo rumo à escola que ficava *bem, bem longe...* Uma *grande aventura*, mas para meus irmãos **menores** era um *desafio* de seus medos, por passarmos em um **ESTREITO** caminho dentro de uma mata *sombria*. As marcas do **LONGO** caminho ficavam no meu ombro pelo peso do embornal (sacola que era como uma mochila na época, feita em casa pelas próprias mães). Sempre na volta da escola um *inimigo* me perseguia: o sol – *que sufoco!*

No exemplo acima, podemos ver a descrição do momento em que o narrador saía de casa correndo rumo à escola, que ficava distante de sua casa. Esse momento é revivido através da descrição detalhada do tempo, do lugar e dos personagens envolvidos na lembrança. O tempo é delimitado pelo marcador temporal "Todos os dias", o lugar é identificado através dos itens lexicais "casa", "escola" e "caminho" e os personagens são o narrador e os seus irmãos menores.

Percebemos a intensificação da avaliação da distância entre a casa do narrador e a escola pelo uso repetido do advérbio "bem" associado ao adjetivo "longe". Esse caso exemplifica o que já temos destacado ao longo deste trabalho: o aumento ou a diminuição da força avaliativa, a saber, a realização do subsistema Gradação ocorre por repetição de um termo. O autor preferiu reforçar a avaliação da distância percorrida até a escola pela repetição do item lexical "bem" e não pelo uso de afixos ou de um único item isolado, caso que não é observado no sintagma nominal "grande aventura". No sintagma nominal "grande aventura", o adjetivo "grande" é marca de intensificação da avaliação do momento, tido como "aventura", por conseguinte, há a realização do subsistema Gradação, por um processo de isolamento, associado a subcategoria Apreciação por Reação.

Enumeramos outros exemplos de realização da subcategoria Apreciação como em "desafio", referindo-se a ação de passar por um caminho estreito até chegar em casa, e em "inimigo", referindo-se ao sol. No entanto, **T7CV** apresenta dois casos de ocorrência simultânea das subcategorias Apreciação e Afeto em um único item lexical, expresso pelo uso do adjetivo "sombria", uma vez que apresenta a avaliação de um ser inconsciente, mas com marcas da emoção do autor, seu medo. Essa fusão de subcategorias atitudinais está também

presente no sintagma nominal "que sufoco", pois revela a emoção implícita do narrador do texto em uma avaliação negativa do momento da volta da escola. Esses seriam possíveis casos de hibridização de subcategorias. Tema que não será tratado nesse trabalho, mas que pode ser aprofundado em outras oportunidades.

Além das subcategorias anteriormente apontadas, observamos em **T7CV** a manifestação de um Julgamento, quanto à Capacidade, dos irmãos do narrador através do uso do adjetivo "menores". Destacamos os itens lexicais "estreito" e "longo" como manifestações avaliativas híbridas porque encerram em si a ideia de uma avaliação intensificada, mas esse tipo de manifestação será melhor tratado em 5.1, quando abordaremos a questão da hibridização de subsistemas avaliativos.

Outro exemplo de realização do sistema avaliativo no corpo do texto encontra-se no fragmento que se segue:

T10DRA

Defronte a minha *casinha de taipa* eu via se perder na **IMENSIDÃO** da areia da caatinga o azul do céu, misturando aos *poucos* pés de caju, uma mistura feita de cores sob o sol **ABRASADOR**, daquele sertão *tão seco*.

Isso aconteceu nas eras de 50, quando a seca castigava *sem pena e sem dó* o nosso povo.

O exemplo supracitado é marcado pela descrição da casa do narrador, do local e do tempo vivido por ele. A casa é avaliada quanto ao seu tamanho por meio do sufixo -inha, que indica diminutivo, ou seja, a casa do narrador era uma casa pequena. No entanto, o uso do sufixo -inho não indica apenas um diminutivo em relação ao tamanho da casa, antes expressa uma ideia depreciativa ou simplória do local, que por ser uma construção de taipa configura-se como uma casa pobre, humilde. O autor optou por escrever "casinha" ao invés de "pequena casa" justamente para aumentar a capacidade significativa da palavra, não ficando o seu significado restrito a uma simples avaliação física da casa, pois o uso do sufixo -inha também retrata a impressão do narrador quanto a simplicidade do seu lar. Ocorre uma Apreciação por Composição no uso de "de taipa", pois avalia a composição de um ser não consciente, a casa.

O local onde o narrador vivia é avaliado como uma "imensidão". O uso desse item lexical mostra a realização da subcategoria Apreciação por Composição, porém essa avaliação é duplamente aumentada. Afirmamos isso porque o próprio item lexical "imenso", sem o

acréscimo do sufixo -ão, exprime uma carga semântica intensificatória, pois o que é imenso é o que é muito grande, marca do subsistema Gradação. O narrador, objetivando enfatizar ainda mais a avaliação do local, aumentando-lhe sua força avaliativa, acrescenta o sufixo -ão que, segundo Bechara (2009), é um sufixo aumentativo. O termo "abrasador" também manifesta uma avaliação, no caso do sol, exemplo de Apreciação por Reação e uma intensificação, posto que o minidicionário Aulete (2004) define abrasador como o que é muito quente. Esses exemplos podem ser tratados como formas híbridas atitudinais e graduais, que discutiremos na próxima subseção.

Encontramos manifestações do subsistema Gradação por isolamento em "tão seco" e em "sem pena e sem dó". O primeiro sintagma nominal intensifica a avaliação do sertão, Apreciação por Reação, através do item gramatical "tão". Os subsistemas Atitude (Apreciação por Composição) e Gradação figuram emparelhados, por isso dizemos que ocorre um processo de isolamento. O segundo sintagma nominal mostra o que afirmamos na subseção que trata da Gradação e o que Neves (2011) destacava: o caráter intensificatório de alguns sintagmas nominais. O sintagma "sem pena e sem dó" é uma expressão idiomática que significa, no contexto em análise, que a seca era muito intensa. Essa ideia é reforçada no uso no enunciado do processo material "castigava", a própria palavra apresenta uma carga semântica pesada e emocionalmente negativa, o que nos permite identificar traços da subcategoria Afeto (Felicidade) no emprego dessa palavra.

A subcategoria Afeto continua presente no trecho em análise, quando a emoção e a impressão do narrador são reveladas através da avaliação positiva do céu visto como "uma mistura feita de cores sob o sol abrasador". A riqueza da linguagem empregada na avaliação do céu comprova a carga emotiva do narrador, pois dá um caráter literário e expressivo ao que é dito. O céu é definido através de um sintagma nominal que se constitui em uma metáfora. Dessa forma, o subsistema Atitude se revela por meio de uma Apreciação por Composição, mas também por meio da subcategoria Afeto (Felicidade), já que identificamos nessa construção uma emoção relacionada ao coração do narrador.

Prosseguindo com a análise do gênero Memórias Literárias, através do Sistema Avaliativo, tratemos do estudo do fechamento do texto. O fechamento dos textos é marcado pelo relato do desfecho dos acontecimentos junto a uma avaliação das experiências vividas, a seguir explicaremos alguns exemplos de realização dessa avaliação nos textos constituintes do nosso *corpus*.

T1AVV

Depois de *muita* explicação *cantada*, alguns deram dinheiro para comprar bebidas e outras coisas para a comemoração e a maioria juntava-se ao grupo, que *saía cantando*. Tudo terminou com um *belo* café da manhã preparado com o que fora arrecadado durante o cortejo. Após o café, aos poucos, todos iam embora, mas ficou a promessa que tudo iria se repetir no ano seguinte. E assim foi feito. Todos os anos, após a meia-noite, iniciava-se a *brincadeira*, a qual passou a fazer parte dos festejos *juninos* de nossa cidade e ficou conhecida por todos como “Acorda, vem ver!”. Depois de alguns anos, meu pai faleceu. A pedido dele e da comunidade continuei com aquela *tradição*, a qual é *sempre esperada* por todos na cidade.

Em **T1AVV**, há a apresentação de uma sequência de fatos narrados que encerram o relato do narrador. A morte do pai do narrador aponta o fim do relato. Como podemos perceber na visualização das marcações no trecho em análise, há poucos elementos avaliativos no texto. Acreditamos que isso aconteça porque trata-se de um trecho cuja sequência predominante é a narrativa. Afirmamos anteriormente que quanto mais geral for o relato, mais o narrador preserva a sua identidade, pois se prende ao narrar dos fatos, sendo assim, haverá pouca expressividade e, conseqüentemente, poucas realizações avaliativas. O próprio gênero em estudo, Memórias Literárias, pelo seu caráter literário e pela sua linguagem conativa é um terreno fecundo para a expressividade, no entanto, ao passo que o narrador escolhe esconder-se, ele opta por evitar as descrições e por focar no simples relato das sequências de acontecimentos, o que diminui a força expressiva do texto. No entanto, mesmo com essa tentativa do autor de se esconder, é possível identificarmos traços implícitos das suas emoções e impressões, através da análise do texto e tendo como base o modelo avaliativo de Martin e White (2005).

Levando em consideração o que foi dito no parágrafo anterior, identificamos cinco ocorrências avaliativas em **T1AVV**. Ocorre uma Apreciação por Composição em "cantada", referindo-se ao termo "explicação". Essa avaliação é intensificada através do advérbio ou do item lexical "muita", configurando um caso de Gradação por isolamento. Outra manifestação da subcategoria Apreciação, mas agora por Valorização, se dá na utilização do item lexical "belo" referindo-se à qualidade do café. Nesse caso, percebemos uma avaliação positiva de um ser não consciente, o café. Seguindo com o exemplo de manifestação da subcategoria Apreciação, o narrador avalia a tradição das brincadeiras dos

festejos juninos como "sempre esperada". Verificamos, nessa avaliação, traços emocionais, visto que o que é esperado por alguém o é por ser algo marcante, importante. Por essa razão, há ocorrência das subcategorias Afeto (Felicidade) e Apreciação por Reação no sintagma verbal "sempre esperada". Mais um caso de manifestação de Afeto (Felicidade) é identificada no uso do sintagma verbal "saía cantando", já que mostra implicitamente a alegria do grupo que participava da tradição junina.

Exploremos mais um exemplo de realização do sistema avaliativo no gênero Memórias Literárias com o trecho retirado de **T2ADRS**:

T2ADRS

O deslizar *suave* pelos trilhos me proporcionou uma sensação que *jamais esqueci*: o vento batia em meu rosto, acompanhado de uma visão **MARAVILHOSA**. Passavam por mim casas, animais, árvores, pessoas... Para onde me levaria não perguntei, não queria saber. *Estava fora de mim*. Porém, algo me trouxe de volta à realidade: avistei meu rio Sirigi, distante de mim. Naquele momento surgiu um *grande medo* e *comecei a chorar*. Queria voltar para o meu rio, porque *ele era a minha vida*.

Rio e trem são lembranças *que jamais sairão de minha memória*.

No exemplo **T2ADRS**, o narrador lança mão de um relato marcado pela descrição e pelo uso de elementos avaliativos para fazer um fechamento de suas memórias. A subcategoria Afeto (Felicidade) é bastante presente nesse trecho como revela o uso do sintagma verbal "jamais esqueci", referente à sensação lembrada do andar de trem. A emoção do narrador é intensificada através do advérbio ou do item gramatical "jamais", que indica que a sensação era inesquecível. Dessa forma, temos um exemplo de realização dos subsistemas Atitude e Gradação por isolamento. Além disso, constatamos marcas da subcategoria Afeto (Felicidade) no uso do item lexical "maravilhosa". Afirmamos que há a expressão dos sentimentos do autor, nesse item lexical, porque a visão e as sensações vivenciadas pelo narrador provocam um efeito patêmico, quer dizer, despertam uma emoção positiva e agradável no autor. Dando prosseguimento à análise do termo "maravilhosa", podemos perceber a presença de uma avaliação positiva intensificada, uma vez que a visão não é boa, nem ótima, mas sim maravilhosa. Se colocarmos esses itens lexicais em uma escala gradual, perceberemos que na extremidade mais intensa ficaria o item lexical "maravilhosa".

Por essa razão, podemos afirmar que o termo "maravilhosa" apresenta traços sobrepostos dos subsistemas Atitude (Afeto) e Gradação (Força), evidenciando uma fusão de características de subsistemas ou uma hibridização de subsistemas. Analisando o termo "maravilhosa" por outra subcategoria, vemos que essa avaliação é um exemplo de realização da subcategoria *Apreciação por Reação*, já que o alvo da avaliação é um ser não consciente.

Como se trata de um trecho descritivo, encontramos muitas marcas da emoção do narrador. Sendo assim, a emoção do narrador é expressa pelo sintagma nominal "grande medo" e pelo processo mental presente no sintagma verbal "comecei a chorar". No primeiro caso, o léxico atitudinal "medo" permite identificarmos explicitamente um caso de realização da subcategoria Afeto (Insegurança). O medo do narrador, sentido após deixar para trás o rio Sirigi, local que lhe desperta boas emoções, é intensificado através do adjetivo "grande", logo temos em "grande medo" o subsistema Gradação aplicado ao subsistema Atitude (Insegurança) por isolamento. No segundo caso, o processo mental expresso por "comecei a chorar" apresenta uma avaliação negativa implícita da emoção do narrador, visto que exprime a sua tristeza, realização da subcategoria Afeto (Infelicidade).

Verificamos outra ocorrência implícita da emoção do narrador no processo mental expresso pelo sintagma verbal "Estava fora de mim.", já que pela leitura do sintagma percebemos uma mudança no estado emocional do narrador, uma instabilidade emocional, realização do Afeto (Insegurança). O rio e o trem são avaliados positivamente através do sintagma verbal "que jamais sairão da minha memória", essa avaliação apresenta, implicitamente, marcas afetivas do narrador, já que o que não sai de sua memória é algo que de alguma forma é importante para ele, é inesquecível. Sendo assim, concluímos que o rio e o trem despertam no narrador efeitos patêmicos. A avaliação do rio e do trem ocorre por intermédio do subsistema Atitude e da subcategoria Afeto (Felicidade), essa avaliação tem sua força elevada com o uso do advérbio "jamais". O deslizar do trem sob os trilhos é avaliado positivamente como "suave", marca do subsistema *Apreciação por Reação*, uma vez que avalia um ser não consciente a partir da reação causada no narrador. A última frase do trecho em análise de **T2ADRS** é um bom representante de exemplo de fechamento do gênero Memórias Literárias, pois sintetiza o relato através da expressão da emoção do narrador cuja força é aumentada.

Se compararmos o trecho em análise de **T2ADRS** com o anteriormente explorado, **T1AVV**, percebemos que o primeiro apresenta uma maior detalhamento dos fatos e, conseqüentemente, uma maior incidência do Sistema Avaliativo.

Prosseguindo com a análise de trechos que representam a parte de fechamento das Memórias Literárias temos o fragmento abaixo:

T5BLUF

Nessa cidade, que hoje não é mais *tão pequena*, e é *bastante diferente* da Santa Cecília de **ANTIGAMENTE**, eu morei e moro até hoje, relembrando o passado. E é de onde não quero sair, porque é para mim o meu cantinho gelado, mas o **MELHOR** para viver, enquanto existirem as lembranças dessa terra de alma suave como a neve e imponente como a araucária.

Em **T5BLUF**, o narrador opta por fazer o fechamento do texto recorrendo ao recurso da comparação entre a sua cidade natal Santa Cecília de antigamente e a atual. Dessa forma, a narrativa apresenta uma grande quantidade de elementos descritivos, o que facilita a ocorrência de elementos avaliativos. Martin e Rose (2007) advogam que determinadas sequência ou gêneros textuais facilitam a expressividade emotiva do autor. No exemplo supracitado, constatamos que os subsistemas Atitude e Gradação ocorrem por isolamento nas avaliações expressas pelos sintagmas adjetivais "tão pequena" e "bastante diferente". A cidade de Santa Cecília é avaliada quanto a sua infraestrutura como "pequena" e "diferente", exemplificando uma ocorrência da Avaliação por Composição. A força dessas avaliações é aumentada por intermédio dos itens gramaticais "tão" e "bastante", portanto, o subsistema Gradação é aplicado ao subsistema Atitude (Apreciação por Composição) pelo processo de isolamento.

A cidade natal do narrador é todavia avaliada como "cantinho", ou seja, um lugarzinho. Ao acrescentar o sufixo -inho, geralmente associado ao diminutivo, à palavra "canto" não implica, exclusivamente, em uma redução da força avaliativa, já que o uso desse sufixo pode significar que o lugar ou o canto é uma região pequena, mas também pode indicar marcas de afetividade ou de depreciação do autor pelo alvo de sua avaliação, a cidade. Entendemos que o item lexical "cantinho" apresenta marcas de afetividade do narrador. Afirmamos isso porque compreendemos que o uso do sufixo -inho, nesse caso, indica traços emotivos do narrador, que demonstra uma afetividade pela sua terra natal, através do uso de uma palavra no diminutivo, fazendo uma referência carinhosa a ela. Em língua portuguesa é comum o uso do diminutivo como marca de afetividade. A cidade também é avaliada como um "cantinho gelado", o item lexical gelado é categorizado como ocorrência do subsistema

Apreciação por Reação, pois o lugar é avaliado a partir da reação que ele causa ou que faz sentir no narrador.

As emoções do narrador estão implícitas no texto e são passíveis de análise através dos processos mentais presentes nos sintagmas verbais "relembrando o passado" e "não quero sair" e do sintagma nominal "de alma suave como a neve e imponente como a araucária". Defendemos a ideia de que esses sintagmas são exemplos velados da representação linguística da emoção do narrador e, portanto, são exemplos de realização da subcategoria Afeto (Felicidade/ Satisfação) porque quem relembra, relembra algo ou alguém que de alguma forma foi importante. Além disso, o processo mental "não quero sair" expressa o desejo do narrador e o seu afeto pelo lugar, que é tão importante para ele que o faz não querer sair de lá.

A avaliação positiva da terra, descrita como "de alma suave como a neve e imponente como a araucária" (Apreciação por Composição), é feita por meio de figuras de linguagem: comparação e personificação. A terra é comparada à suavidade da neve e à imponência da araucária e é considerada como um ser que tem alma. Pela própria escolha do autor, verificamos que há uma preocupação estética com a língua, uma vez que o uso de figuras de linguagem evidencia uma preocupação com o tornar a língua mais rica de significados.

Os exemplos analisados comprovam o que já afirmamos anteriormente: o gênero Memórias Literárias apresenta, pelos seu caráter estético, uma linguagem conativa e, por conseguinte, plurissignificativa que possibilita a expressão das emoções e das impressões do autor. Por essa razão, o gênero favorece à manifestação do sistema avaliativo e pode ser analisado de acordo com o modelo avaliativo. Essa comprovação é importante para o ensino e para a aprendizagem desse gênero porque permite não só a identificação dos elementos linguísticos capazes de indicar, implicitamente ou explicitamente, as emoções, aumentadas ou reduzidas, do autor, mas também permite compreender a carga significativa que a escolha por uma forma híbrida ou não pode acarretar na construção da expressividade do narrador. O que nos parece evidente é que quanto mais descritivo é o relato mais valorações serão encontradas e maiores as chances do autor conseguir provocar um efeito patemizante no leitor de suas memórias. Quando o autor escolhe expor suas emoções e impressões, elas se revelam avaliativamente ao longo das três partes que constituem o gênero, a saber, apresentação, corpo e fechamento.

A seguir, analisaremos a realização das formas híbridas avaliativas e a sua utilização na construção da expressividade do texto.

5.2 A hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação

Levando em consideração que apontamos como caso de hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação o fato de que um elemento linguístico apresente as características de cada um desses subsistemas de forma sobreposta, analisamos os dados do *corpus* tendo essa ideia em conta. Dessa forma, encontramos diferentes realizações da hibridização atitudinal e gradual, na medida em que encontramos realizações linguísticas que denotam emoção assim como a sua maximização ou redução.

Inicialmente, observamos que a hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação ocorre pelo uso de palavras pertencentes a um mesmo campo semântico e que se encontram em uma escala gradual de intensidade. Esse tipo de ocorrência foi abordado por Martin e White (2005) e Martin e Rose (2007) na realização do subsistema Gradação por lexicalização, no entanto, ela foi abordada de forma isolada, sem estabelecer uma interseção entre subsistemas. Levando em consideração o aporte teórico aqui apresentado, a gradação das emoções ou dos julgamentos ocorre por lexicalização quando há a intensificação ou redução da emoção ou da avaliação por meio de um item que pode ser disposto em uma escala gradual de intensidade.²¹ A Gradação, como exemplificado na subseção 3.2.2., ocorre por isolamento ou por fusão. Os casos em que o significado atitudinal é somado à intensificação ou redução exemplificam a fusão atitudinal e gradual, quer dizer, exemplificam uma hibridização desses subsistemas. A fim de explicitarmos melhor essa nossa constatação, observemos os exemplos abaixo:

T1AVV

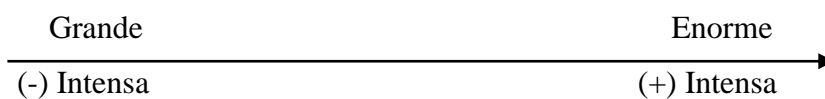
Há alguns dias durante a madrugada, ouvi um **ENORME** barulho na porta de casa.

No exemplo **T1AVV**, percebemos a realização de uma avaliação do barulho que vinha da porta da casa do narrador, o barulho é avaliado quanto a sua composição através da subcategoria Apreciação por Composição como "enorme". O item lexical "enorme" pode ser

²¹ Ver subseção Gradação (p.45).

disposto em uma escala gradual de intensidade em cuja extremidade de menor grau estaria a palavra "grande" e na outra, mais intensa, a palavra "enorme". O mesmo raciocínio deve ser aplicado na análise do exemplo **T2ADRS**, explorado na subseção anterior deste capítulo. Em **T2ADRS** o rio Sirigi é avaliado positivamente quanto a sua Composição como "enorme". Objetivando melhor compreender a disposição gradual da palavra "enorme", apresentamos a Figura 15 a seguir:

Figura 15- Escala de intensidade Enorme



Afirmamos que temos um caso de Apreciação em relação à Composição porque se trata da avaliação de um ser não consciente, o barulho, em relação a sua complexidade. Podemos perceber que aliado à avaliação do elemento há também uma intensificação dessa avaliação, pois a palavra "enorme" está inserida em um contínuo de intensidade. O minidicionário Aulete (2004) define o verbete enorme como muito grande, muito intenso ou muito grave. Se o autor tivesse escolhido qualquer uma dessas definições do verbete enorme para a escrita do seu texto, ele estaria realizando uma avaliação atitudinal intensificada por um processo de isolamento do subsistema Gradação. No entanto, o autor, objetivando enfatizar o que é dito ou fazer uma economia da língua, optou pela intensificação da avaliação por meio de um único item lexical, "enorme". Pensamos da mesma forma na análise do item lexical "abrasador" presente no fragmento **T10ADR**, citado na subseção anterior. O mesmo argumento pode ser considerado nos exemplos **T4APDC** e **T11CV**, como explicaremos em seguida.

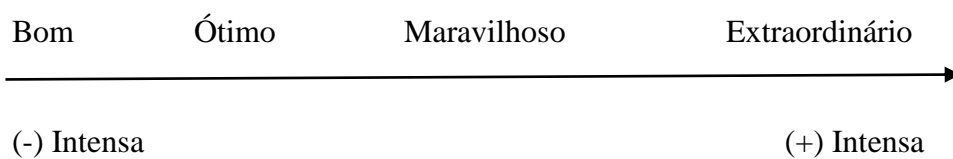
T4APDC

O banheiro ficava fora, era uma latrina: no chão, assim rústica, um buraco, onde cada 'passeio' era uma excitação mental **EXTRAORDINÁRIA**.

No exemplo **T4APDC**, ocorre o mesmo tipo de hibridização, ou seja, há a sobreposição das características do subsistema Atitude e da sua subcategoria Apreciação com o subsistema Gradação. No entanto, nesse exemplo, o que está em avaliação é a emoção

resultante da ação de "passear" até ao banheiro, que ficava fora da casa, ou seja, temos a avaliação de um processo material. O efeito patêmico é desencadeado pela vivência do narrador e é avaliado positivamente como "extraordinária". Observamos que o uso da forma adjetiva apresenta traços de Apreciação por Valorização, pois indica o quanto isso foi importante para o narrador. Podemos ainda enquadrar o item lexical "extraordinária" em uma escala gradativa de intensidade que varia de bom, ótimo, maravilhoso até extraordinário.

Figura 16- Escala gradual de Extraordinário



No fragmento retirado de **T2ADRS** o local de origem do narrador, o Engenho Pirauá, é avaliado positivamente como "maravilhoso". Aproveitando a explicação dada na Figura 16, observamos que o item lexical "maravilhoso" se aproxima da extremidade mais intensa da escala gradual, o que mostra que esse elemento, além de expressar uma avaliação baseada na emoção do autor, já que é produto da relação do autor com o mundo, também expressa uma intensificação dessa avaliação emotiva.

Vejamos outro exemplo de realização da hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação por meio do léxico:

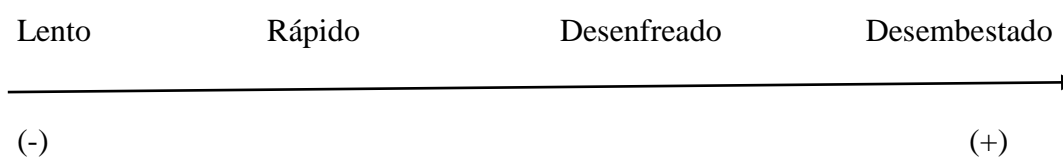
T11CV

Brincávamos de casinha, de esconde-esconde e, às vezes, quando papai nos mandava pasturar o plantio do arroz, para enxotar passarinhos, nós aproveitávamos para jogar pedrinha-diversão arriscada, que papai nem sonhava acontecer! Por isso quando víamos vir em direção do roçado, começava a gritaria **DESENFREADA**: 'Xô, passarinho, xô!'.

No trecho **T11CV**, o autor escolheu utilizar a palavra "desenfreada" para referir-se, avaliativamente, à gritaria que se formava ao perceber a proximidade do seu pai do plantio de arroz descrito por ele. Embora, como afirma Martin e White (2005), em certos casos seja difícil dispor determinadas palavras em uma escala gradual de intensidade, percebemos que a palavra "desenfreada", além de indicar uma avaliação por Composição do subsistema

Apreciação, sugere gritos sem moderação ou muitos gritos. Em razão disso, afirmamos que o item lexical "desenfreada" encerra ideias de Apreciação, já que avalia os gritos (ser não consciente), e de Gradação, uma vez que perpassa a ideia de intensidade dos gritos. Dessa forma, ousamos elaborar uma escala de graduação para a palavra "desenfreada", vejamos a Figura 17:

Figura 17: Escala gradual de Desenfreada



Na subseção anterior deste capítulo, analisamos um fragmento retirado de **T7CV** e identificamos dois casos de hibridização no uso dos itens lexicais "estreito" e "longo". O primeiro e o segundo item lexical se referem ao caminho percorrido pelo narrador dentro de uma mata até chegar na escola, se pensarmos em dispor esses itens em uma escala continua gradual, geraria as sequências: estreito/ mediano/ largo e curto/médio/longo. Analisando essas sequências, chegamos a seguinte conclusão: o item lexical "estreito" possui uma força avaliativa menor, se comparado com o item "largo", o contrário acontece com o elemento linguístico "longo" cuja força avaliativa é maior, se comparado com o item lexical "curto".

Seguindo com a comprovação da realização da hibridização atitudinal e gradual pelo léxico, temos o trecho de **T27MVM**:

T27MVM

Meu pai me colocou na escola, e meus irmãos também, para aprendermos a ler uma carta e fazer outra. Eu era **CRAQUE** na leitura e não gostava da tabuada, mas estudava para não apanhar de palmatória.

No exemplo **T27MVM**, percebemos que o uso do item lexical "craque" (termo muito comum no meio esportivo e que se refere a atletas que se destacam em suas categorias, sendo considerados como os melhores naquilo que fazem) traz uma avaliação do nível de leitura do narrador. Aqui o que está sendo avaliado é a capacidade do narrador quanto à leitura, portanto temos um caso de Julgamento por Capacidade, pois indica o quão capaz o

autor é na leitura. Aliada à avaliação do comportamento do narrador está a ideia de maximização dessa avaliação, afinal o narrador se avalia como um craque, ou seja, o melhor na leitura.

Outra possibilidade de ocorrência da hibridização é pelo uso de afixos. No caso da Gradação, alguns autores como Vian Junior (2008) apontam o uso de prefixos e de sufixos gregos e latinos como forma de intensificar ou reduzir a avaliação do elemento com o qual os afixos se agregam. Esse estudo do uso de afixos como forma de graduar emoções ou avaliações é realizado em língua portuguesa e não aborda a questão da hibridização, posto que estuda apenas o uso de afixos como forma de maximizar ou minimizar a força avaliativa e não concebe o uso destes como uma possibilidade de ocorrência do processo de fusão entre Atitude e Gradação. Analisando o *corpus*, observamos a realização da hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação pelo uso de sufixos. Vejamos:

T4APDC

Como nosso bairro era *muito pequeno*, não tinha escola, e os padrões de meu pai achavam **IMPORTANTÍSSIMO** que eu tivesse estudo. Assim decidiram que meu pai me levaria todos os dias de carroça para a cidade e eu achava tudo isso a *mais INCRÍVEL aventura*, como as das novelas do rádio, que ouvíamos na época.

O exemplo **T4APDC** apresenta fusão do subsistema Atitude pela subcategoria Apreciação (Valorização) com o subsistema Gradação. A fusão ocorre na avaliação da opinião dos padrões do pai do narrador em relação à importância da educação para a vida do autor, ou seja, há uma avaliação do processo mental, "achavam", através do acréscimo do sufixo -íssimo a forma importante, formando um adjetivo superlativo sintético "importantíssimo". Segundo Bechara (2009), o sufixo -íssimo expressa a ideia de aumentativo e o seu uso indica que o falante/escritor deseja enfatizar o que é enunciado. O uso de uma forma sintética "importantíssimo" em detrimento de uma analítica "muito importante" não implica em uma redução da força avaliativa, posto que, embora reduzida, a forma sintética mantém a sua força aumentada no uso do sufixo -íssimo. Acreditamos que o uso da forma sintética possibilita ao autor economizar na escrita das palavras, mas sem perder a intensidade de suas avaliações. No mesmo trecho, encontramos o uso de uma Gradação por isolamento em "muito pequeno" e em "a mais incrível aventura". Nesses casos, há o emparelhamento de subsistemas avaliativos atitudinais e graduais. Isso possivelmente acontece porque o narrador,

O uso do superlativo sintético "pouquíssima" evidencia uma redução da força avaliativa ou uma diminuição da avaliação quantitativa das casas, logo percebemos também a presença do subsistema Gradação. O autor preferiu a forma "pouquíssima" à "muito pouca" e gerou uma forma híbrida. O fragmento acima citado apresenta o uso do sufixo -íssimas acrescido a um adjetivo, "pouca", como forma de intensificação avaliativa. Porém, essa intensificação não é para mais, mas sim para menos, dessa forma ocorre uma atenuação da força avaliativa. Martin e White (2005) tratam dessa possibilidade de atenuação da força gradativa. O que é avaliado em **T29OD** é o número de ruas do local onde o autor mora, quer dizer, as casas sofrem uma avaliação com respeito à sua quantidade. As casas são avaliadas como "pouquíssimas", sendo uma expressão avaliativa da subcategoria Apreciação por Composição.

No mesmo exemplo, o narrador, ao definir a planta gravatá, a descreve ou a avalia a partir de sua composição estrutural, definindo-a como "espinhosa", a saber, cheia de espinhos. Temos, nesse caso, um exemplo de Apreciação por Composição. Encontramos no uso do adjetivo espinhosa, formado a partir do acréscimo do sufixo -osa ao substantivo espinho, uma avaliação e uma intensificação da descrição física da planta, pois "espinhosa" é o que tem "muito espinho". Mais uma vez o autor opta pela estrutura mais econômica, dentro da gama de possibilidade que a língua lhe dá, para se expressar, mas sem abrir mão do caráter intensificador da escrita.

Observemos agora o trecho de **T26MI**:

T26MI

Cheguei a Rosário em 1972, aos 12 anos de idade, e fui morar na Rua Eurico Macedo, com minha mãe, irmãos e avós.

A rua era *bem calma*, tinha *poucas* casas e não era *asfaltada*, somente a piçarra com sua **VERMELHIDÃO**.

O exemplo **T26MI** apresenta uma avaliação da coloração do material que constitui a rua onde o narrador mora, a piçarra. O uso do sufixo -ão que, segundo Bechara (2009), é utilizado para indicar o aumentativo de determinados nomes, pode ainda ter uma conotação pejorativa ou afetiva. Nesse exemplo, na junção do sufixo -ão ao substantivo "vermelho" não percebemos uma intenção pejorativa do autor, ao descrever a cor do chão da sua rua, mas sim marcas de maximização da avaliação. Como já explicitamos, o que está

sendo avaliado é a cor da piçarra, definida por uma cor vermelha intensa, resumida pelo uso da palavra "vermelhidão". Temos, portanto, em um único item lexical um caso de avaliação apreciativa por Composição e uma marca de Gradação (intensificação) da avaliação feita. O mesmo pensamento pode ser usado na explicação do item lexical "imensidão" presente no trecho de **T10ADRA**, mas, como dito anteriormente, com uma dupla intensificação: uma pela própria carga semântica da palavra "imenso" e a outra pelo acréscimo do sufixo -ão ao adjetivo imenso.

Dando continuidade aos exemplos de uso de sufixo como forma de realização da hibridização, analisemos o fragmento que se segue:

T24LFSA

Terminava a missa, bastava sair da igreja para os meus sentimentos começarem a mudar. Ali o cheiro da comida mineira dominical alvorocava minha vontade de comer. Era perceptível o cheiro da macarronada, do frango caipira e do doce caseiro, que era meu maior desejo. Como eu gostava de doces! E por me lembrar de **GOSTOSURAS** me vêm a memória as festas de São João.

No trecho **T24LFSA**, o narrador traz à memória sensações agradáveis provocadas pelas lembranças olfativas das comidas mineiras. Essas memórias olfativas são resumidas através da palavra "gostosura", que encerra em si uma avaliação das comidas, mais uma vez vemos marcas do subsistema Apreciação mas agora por Valorização. O autor poderia ter utilizado a expressão "muito gostosas", mas preferiu o acréscimo do sufixo -uras ao adjetivo "gostoso", aumentando a força avaliativa expressa em um único item lexical. Dessa forma, percebemos a hibridização atitudinal e gradual em um único elemento linguístico por meio do uso de um sufixo.

Outro recurso linguístico pelo qual a hibridização entre os subsistemas Atitude e Gradação pode ocorrer é no uso de expressões idiomáticas ou de palavras de uso informal, como veremos nos exemplos a seguir.

As expressões idiomáticas são caracterizadas pela não possibilidade de identificação de seu significado por meio da análise isolada ou literal de cada palavra. Elas surgem das peculiaridades de cada cultura e dependem de cada grupo social no qual elas são formuladas. Sendo assim, as expressões idiomáticas estão relacionadas, dentre outros fatores

que influenciam na sua formação, à profissão e à região de um indivíduo. Em **T13EDMI**, encontramos um exemplo de expressão idiomática, vejamos:

T13EDMI

Em noite de lua cheia meus amigos e eu brincávamos na bagaceira da cana, que mais parecia um escorregador, no qual rolávamos de cima a baixo, num sobe e desce **DE FAZER GOSTO!**

Quando analisada de forma separada, as palavras da expressão "de fazer gosto" parecem improváveis de terem o mesmo sentido quando vistas em conjunto. O narrador utiliza esse recurso na avaliação do processo material "rolar " e mostra traços afetivos mas, ao mesmo tempo, intensificatórios, pois o processo é entendido como prazeroso e repetitivo para o autor. Por essa razão, afirmamos que a expressão "de fazer gosto" encerra uma avaliação positiva, mostra do subsistema Atitude por Afeto, intensificada pelo subsistema Gradação. Por essa razão, temos mais um caso de hibridização avaliativa.

O trecho a continuação apresenta o uso de expressão coloquial, ou seja, apresenta o uso de uma linguagem mais informal e popular. Um dos cuidados do aluno na escrita do gênero Memórias Literárias, segundo as orientações da OLPEF, é com a linguagem que deve ser própria, autoral e pertinente ao gênero. Como o gênero é um gênero intimista e confessional, o narrador tende a tornar os fatos narrados o mais reais possíveis, em uma tentativa de aproximar o leitor daquilo que é lembrado, das suas emoções e impressões. Portanto, é comum o emprego de elementos da fala popular, objetivando dar uma maior veracidade ao relato. Atentemos para o excerto abaixo:

T5BLUF

Fazíamos bonecos de neve com nariz de cenoura, braços de galhos secos e uma panela velha como chapéu. Foi a nossa **maior diversão**.

Contrastando com a neve, estava o marrom **CARNADO** do pinhão no chão. Pinhão tinha **bastante!** Por isso era pinhão no almoço, na janta... [...]

O exemplo **T5BLUF** apresenta uma avaliação quanto à cor do pinhão que estava no chão através do uso do adjetivo, de uso coloquial, "carnado". Essa expressão surge da apócope do adjetivo encarnado (= cor de carne) e indica uma cor vermelho intenso ou muito vermelho. O texto do qual foi retirado esse fragmento é da região sul do país e narra o tempo e o local do narrador no período de sua infância. Nesse fragmento, temos um exemplo de fusão de subsistemas, pois percebemos uma avaliação, através do subsistema *Apreciação por Composição*, intensificada. O autor optou por não fazer a graduação da cor por um processo de isolamento através das formas "muito vermelho" ou "vermelho intenso", gerando assim uma forma híbrida. Por essa razão, afirmamos que determinadas expressões coloquiais podem ser uma das opções para a manifestação dos subsistemas atitudinais e graduais.

Apreciemos o exemplo **T10DRA**, que também apresenta uma expressão coloquial como realização da hibridização:

T10DRA

Conseguimos enfim nos salvar daquela seca **MEDONHA** e nos casar quando a chuva chegou.

Em **T10DRA**, o adjetivo "medonha" evidencia o uso de uma expressão coloquial avaliativa muito comum na região Nordeste do Brasil. O trecho em análise é de uma produção que trata da vida de retirantes do Nordeste, então justifica-se o uso dessa expressão coloquial no texto. Esse termo é utilizado para expressar exagero, como podemos observar no exemplo supracitado. Um ser não consciente, a seca, é avaliado como "medonha" o que implica em dizer que o narrador considera que a seca era intensa, exagerada, grande ou demais. Em vista disso, podemos afirmar que a seca é avaliada segundo o subsistema *Apreciação por Reação*, e tem sua força avaliativa aumentada, já que a própria expressão indica algo intenso, em um exemplo de fusão de subsistemas através do item lexical "medonha".

Por fim, observamos que alguns advérbios ou itens gramaticais são elementos pelos quais a hibridização se manifesta. Vejamos os exemplos a seguir:

T15GCLBS

A chuva caía **VAGAROSAMENTE** e *num passe de mágica* transformava-se numa cachoeira em gotas.

O exemplo **T15GCLBS** apresenta uma avaliação explícita do processo material "caía" manifestada através do uso do advérbio "vagarosamente". Percebemos uma avaliação do cair da chuva, através do subsistema Apreciação por Composição. Assim como afirmamos anteriormente, os advérbios podem indicar tanto uma avaliação quanto uma intensificação, por isso o item gramatical "vagarosamente", além de indicar o modo como acontece o processo, aponta uma intensificação. Os advérbios tem a capacidade de aumentar ou reduzir a força avaliativa ou emotiva de verbos e adjetivos. Pensamos dessa forma, porque compreendemos que o item "vagarosamente" aumenta a força avaliativa do processo material, ou seja, entendemos que o cair da chuva ocorre de forma muito lenta. Sendo assim, o item gramatical "vagarosamente" é uma forma de realização híbrida dos subsistemas Atitude (Apreciação por Composição) e Gradação.

Prosseguindo com a análise dos advérbios como forma de manifestação híbrida, temos:

T17SR

A ida à escola era uma festa, a não ser os momentos de sufoco pelos quais passava quando tinha que repetir, **EXAUSTIVAMENTE**, a tabuada. Se não conseguisse, viria o inevitável: o temido castigo.

Em **T17SR**, o uso do item gramatical "exaustivamente" apresenta uma avaliação do processo material "repetir". O processo de repetir a tabuada ocorre várias vezes até chegar ao extremo do cansaço do narrador. Pelo fato de termos a avaliação de um processo e não a de um indivíduo, afirmamos que ocorre uma Apreciação por Reação, pois o processo desperta no narrador um estado de fadiga intensa. Como dissemos, a palavra "exaustivamente" dá a entender que há avaliação mas também ocorre uma intensificação da ação, logo há traços do subsistema Gradação por Força, tratando-se de forma adverbial híbrida.

Durante a análise dos dados que compõem o nosso *corpus*, constatamos que a realização da hibridização por item gramatical ou por advérbios acontece por um tipo específico de advérbio: os que a gramática normativa categoriza como advérbios de modo ou terminados em -mente uma vez que podem ser substituídos pela paráfrase "de maneira + adjetivo", de maneira vagarosa ou de maneira exaustiva como em **T15GCLBS** e **T17SR**, respectivamente. A continuação veremos mais uma exemplo disso que afirmamos:

T29OD

Eu ajudava minha mãe a carregar os baldes e potes de água na cabeça. Enquanto isso meu pai e meus avôs trabalhavam **ARDUAMENTE** na lavoura de café, pois aqui ainda não existia a fábrica de bonecas de papelão que deu emprego a muita gente, mas logo se transformou em fábrica de macarrão, vendido no Brasil todo.

O exemplo **T29OD** segue o mesmo raciocínio dos exemplos **T15GCLBS** e **T17SR**, o uso do item gramatical "arduamente" também evidencia a avaliação de um processo material, no caso, o trabalho dos avós do narrador. O advérbio "arduamente" surge da transformação do adjetivo árduo no advérbio de modo pelo acréscimo do sufixo -mente e pode ser substituído, sem perda de sentido, pela paráfrase "de maneira árdua". Árduo significa difícil, penoso, quando transformado em advérbio, a palavra transmite uma ideia de intensificação avaliativa, como se o trabalho fosse muito pesado ou muito difícil de ser realizado. Pelo fato de haver uma avaliação intensificada do trabalho do avô do narrador, temos a presença do subsistema *Apreciação por Reação* e do subsistema *Gradação por Força* em um único item lexical, portanto, um exemplo de hibridização desses subsistemas.

Levando em consideração tudo o que já expomos até aqui, por meio de exemplos e de explicações das nossas ideias, podemos afirmar que a hibridização entre os subsistemas *Atitude* e *Gradação*, quando manifestada em um único item lexical, pode ocorrer das seguintes formas:

- pelo uso de lexicalização, distribuída em uma escala gradual de intensidade;
- pelo acréscimo de afixos;
- pela utilização de expressões idiomáticas;
- pelo uso de palavras típicas do discurso coloquial;
- pelo uso de advérbios, sobretudo os advérbios de modo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é um ato social, construído e reconstruído nas interações humanas. Segundo Bakhtin (2009), a língua surge das relações sociais assim como se modifica através delas, pois o significado de cada enunciado depende da situação comunicativa em que é produzido e do seu propósito comunicativo.

Ao longo desse trabalho, refletimos sobre a não neutralidade da língua e sobre o seu caráter dialógico visto que é impossível enunciar sem expressar emoções, atitude ou ideologias do indivíduo enunciatador ou do grupo social ao qual ele pertence. A língua, para Bakhtin, tem um caráter discursivo já que ela não é um amontoado de signos abstratos, ela é a reconstrução do eu no mundo exterior ou interior e é uma ponte que liga o eu ao outro, daí o seu caráter dialógico.

Apontamos as ideias de Halliday e Matthiessen (2006) sobre a capacidade da língua em produzir significado como um argumento que sustenta o pensamento que nos leva a pensar em hibridização avaliativa. Os autores defendem que a língua produz significado e que o falante/escritor teria a sua disposição uma grande variedade de possibilidade de construir significados diversos pela língua. As ideias de Halliday e Matthiessen (2006) são úteis ao que defendemos aqui porque tratam das diferentes possibilidades de expressar significado. Além disso, a base teórica de nossa pesquisa está fundamentada na Linguística Sistêmico-Funcional, corrente linguística na qual esses teóricos se inserem.

O modelo avaliativo, elaborado por Martin e White (2005) e desenvolvido por Martin e Rose (2007), trata da manifestação linguística das emoções, atitudes e ideologias do falante/escritor. Esse modelo tem sido alvo de inúmeros estudos em língua portuguesa, como enumeramos na introdução desse trabalho, todavia ainda faltava abordar o tema das fronteiras entre os subsistemas avaliativos ou entre as suas subcategorias. Assim como os autores desse modelo, que advogam que as fronteiras avaliativas são muito tênues, defendemos a ideia de que as características dos subsistemas Atitude e Gradação podem ser sobrepostas, ocasionando a hibridização desses subsistemas. Com o estudo da realização das emoções, através do subsistema Atitude, e da intensificação dessas emoções ou de avaliações, através do subsistema Gradação, reafirmamos os recursos linguísticos, já elencados por Vian Junior (2011), pelos quais esses subsistemas se manifestam. Os recursos linguísticos apontados como realizadores atitudinais são o uso de adjetivos, de nominalizações, de itens gramaticais

ou advérbios e de processos mentais. Acrescentamos a esses recursos a possibilidade de expressão atitudinal por meio de sintagmas nominais ou de estruturas oracionais completas.

Além de contribuirmos para a identificação de outros elementos (sintagma nominal e estruturas oracionais) que manifestam a emoção, a atitude e o julgamento do falante/ escritor, apontamos para a reflexão de uma questão importante: a da hibridização entre subcategorias atitudinais. Com o olhar mais apurado para o *corpus*, percebemos que alguns elementos linguísticos podem ter traços, por exemplo, das subcategorias Apreciação e Afeto. Esse tema não foi esmiuçado aqui, mas poderá ser alvo de estudos futuros por nós ou por outros pesquisadores. No que se refere à realização do subsistema Gradação, elencamos a sua manifestação pelos seguintes recursos: uso de intensificadores, de léxico atitudinal, de figuras de linguagem, de palavras vulgares e, acréscimo nosso, de sintagmas nominais que podem ser expressões idiomáticas.

Após a análise do *corpus*, comprovamos que a hibridização dos subsistemas atitudinais e graduais acontece por meio de um único item lexical. O processo de fusão desses subsistemas se dá por lexicalização, pelo uso de sufixos, expressões idiomáticas, expressões coloquiais e de advérbios, classificados pela gramática normativa como de modo. O que influencia a escolha do autor por uma forma híbrida em detrimento de uma forma atitudinal/gradual em processo de isolamento é a intenção comunicativa do autor assim como a sua preocupação com os aspectos formais da língua. Observamos que em trechos onde o autor optava pelo uso de várias formas graduais/atitudinais por isolamento, ele tendia a lançar mão de formas híbridas para que não houvesse a repetição de uma estrutura na escrita e, por conseguinte, não tornasse a leitura enfadonha e pouco atrativa. Por essa razão, afirmamos que a preocupação estrutural do autor com a língua influencia no uso da hibridização avaliativa. A preocupação do autor com as questões estruturais da língua se justifica pelo caráter competitivo do texto, visto que é produzido para a OLPEF, um concurso nacional que avalia a escrita de alunos da escola pública.

Verificamos também que, ao optar por uma forma híbrida ou mais curta, se comparada à forma atitudinal/gradual por isolamento, o autor reduz a escrita do signo linguístico, uma questão de economia da língua ou de preocupação formal, mas não reduz a força avaliativa da palavra, por isso ele utiliza de diferentes recursos para avaliar ou expressar suas emoções e intensificá-las, simultaneamente. Dessa forma, a intenção comunicativa do autor, dando ênfase ao que é dito, mesmo em uma forma curta, leva à hibridização dos subsistemas Atitude e Gradação.

Embora aparentemente nosso trabalho seja de uma linguística mais descritiva, o enquadraremos na Linguística Aplicada porque realizamos um estudo do gênero Memórias Literárias por intermédio do Sistema Avaliativo. Esse estudo ajuda no ensino e na aprendizagem do gênero porque detalha as formas de expressão dos sentimentos e impressões do narrador nas três partes que compõem o texto: apresentação, corpo e fechamento. Ao comparamos os gêneros Diário Pessoal e Autobiografia com o das Memórias Literárias, percebemos que existem semelhanças entre eles, já que se tratam de gêneros confessionais, mas que eles guardam diferenças entre si. Os aspectos estruturais e contedúístico que diferem as Memórias Literárias desses dois gêneros confessionais são: o espaço temporal definido pelo calendário e o caráter secreto do Diário Pessoal e o caráter não literário da autobiografia. As Memórias Literárias surgem da necessidade de recriar o mundo ou o tempo vivido pelo narrador, sendo que o que é revivido ou rememorado é o que é impactante para ele. Nesse gênero, a preocupação do narrador não está exclusivamente na veracidade dos fatos, mas sim na recriação expressiva do passado, por isso encontramos uma linguagem conativa e tão potencialmente significativa nos textos. Dessa forma, identificamos muitas marcas de realização dos subsistemas Atitude e Gradação já que o narrador relembra fatos importantes de sua vida.

Com a análise do gênero através do modelo avaliativo, identificamos que a quantidade de marcas avaliativas presentes nos textos está condicionada ao tipo de sequência que predominará na apresentação, no corpo ou no fechamento das Memórias. O que nos ficou evidente foi que quanto mais descritivo for o relato mais produtivamente avaliativo ele o será. Isso nos remete ao que Martin e Rose (2007) afirmam sobre esse tema. Segundo esses autores, determinadas sequências textuais facilitarão a expressividade emotiva do autor. Quando observamos trechos cuja sequência era predominantemente narrativa, percebemos que a avaliatividade não se mostrava tão fecunda nos textos, logo concluímos que a sequência descritiva permite o aumento da carga expressiva e, portanto, permite o uso de elementos avaliativos.

O estudo do gênero Memórias Literárias por meio do sistema avaliativo pode ser utilizado por professores e alunos porque não trata de uma simples categorização de estruturas, mas da análise de mecanismos linguísticos que garantem toda a expressividade do gênero. O professor pode, com a ajuda das análises aqui apresentadas, auxiliar o aluno na busca pelo léxico mais adequado ao seu objetivo comunicativo, que no caso das Memórias Literárias, é fazer um relato das memórias do próprio narrador ou de um outro indivíduo.

Acreditamos que o terreno da análise da Teoria da Avaliatividade ainda não foi de todo explorado, por isso o que aqui está apresentado não é o encerramento de uma ideia, mas sim o início de novos questionamentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. S. D. P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. *In*: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P. **A linguagem de avaliação em língua portuguesa**: Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

AULETE, C. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CABRAL, S. R. S. **A mídia e o presidente**: um julgamento com base na teoria da valorção. 2007. 249 f. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

CENPEC. **Se bem me lembro**. Caderno do professor: orientações para produção de textos. Equipe de produção: Regina Andrade Clara, Anna Helena Altenfelder e Neide Almeida. São Paulo: Cenpec, 2010d. Coleção da Olimpíada.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. *In*: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.) **As emoções no discurso**, volume II. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

_____. Las emociones como efectos de discurso. **Revista Versión**, nº26, junio 2011, La experiencia emocional y sus razones, pp.97-118, UAM, México, 2011

COLLINS, COBUILD **Grammar Patterns 2**: Nouns and Adjectives. London: Harper Collins, 1998.

CRUZ, S. S. M. O. **A Avaliatividade em pareceres de revista científica de Linguística**: uma perspectiva sistêmico- funcional. 2012. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudo da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

DOLZ, J. ; NOVERRAZ, M. e SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: DOLZ, J e SCHNEUWLY, B.; **Gêneros Oraís e Escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, cap. 4, p. 95- 128, 2004.

GEDOZ, S. e COSTA-HÜBES, T. C. **Um tratamento bakhtiniano ao gênero discursivo Memórias Literárias**.*In*: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: *Diversidade, Ensino e Linguagem*, 2010, Cascavel, Anais, Cascavel: EDUNIOESTE, 2010. CD-ROM.

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: Uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Revista Matraca**, Rio de Janeiro, v.16, n.24, p. 13-47, jan./jun. 2009.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. Revisão de Christian M. I. M. Matthiessen. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.
- _____. Hasan, R. **Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social Semiotic Perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- _____. M. A. K e Matthiessen. **Construing Experience Through meaning: a language based approach to cognition**. London: Continuum, 2006.
- JORNADA, D. Z. **Avaliatividade: estratégia discursiva na representação de atores sociais**. 2009, 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.
- LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 7. ed. 2012.
- LEJEUNE, P. **El pacto autobiográfico y otros estudios**. Madrid: Megazul Endymion, 1994.
- MACIEL, S. D. **A literatura e os gêneros confessionais**. Disponível em: <<http://www.eptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/literatura>> Acesso em: 23 ago. 2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade: In DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARTIN, J. R. ;WHITE, R. R. R. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MARTIN, J.R & ROSE, D. **Working with Discourse. Meaning beyond the clause**. 2. ed. London: Continuum, 2007.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Que gramática estudar na escola?** 4. ed.São Paulo: Contexto, 2011.
- SOBHIE, M. T. B. **Análise comparativa de avaliação em press releases e notícia**, 2008. 208 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudo da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- SOUSA, C. S. C. **A Gradação em narrativas infantis**. 2013.105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, p.177-190, 2012.

VIAN JUNIOR, O. Appraisal System in Brazilian Portuguese: Resources for Graduation. **Systemic Functional Linguistics in Use**. Odense Working Papers in Language and Communication. vol. 29, p. 99-129, 2008.

_____, O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P. **A linguagem de avaliação em língua portuguesa**: Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

VOLOSHINOV, V; BAJTÍN, M. M. [1926]. La palabra en la vida y la palabra en la poesía. Hacia una poética sociológica. In: _____. **Hacia una filosofía del acto ético y otros escritos**. Barcelona/San Juan: Anthropos/Universidad de Puerto Rico, p.7-81, 1997.

WEBER, A. F. **Um agricultor exemplar**: Linguagem avaliativa no gênero história de vida. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2007.

WHITE, Peter. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. Tradução: Débora de Carvalho Figueiredo. **Linguagem em (Dis)curso**. v.4, número especial, p.177-205, 2004.

ANEXOS

Codificação:

HIBRIDISMO (Maiúscula e em negrito), Afeto (Sublinhado), *Gradação por Força* (Itálico e negrito), *Apreciação* (Itálico e Sublinhado) e **Julgamento** (Negrito)

TIÁVV

Há alguns dias, durante a madrugada, ouvi um **ENORME** barulho na porta de casa. Eu pensei que havia alguém brigando, corri e chamei meu pai. Imaginei que ele iria chamar a polícia, mas foi até a cozinha e pegou um litro de refrigerante, uma *pequena* quantia em dinheiro e abriu a porta. Fiquei *muito assustado*, mas pude observar que meu pai tinha entregado o dinheiro e a bebida a um dos homens que estavam em minha porta e todos saíram felizes de casa em casa. Eu perguntei o por quê, e ele me respondeu com um *belo* sorriso que era só uma *brincadeira*.

Depois de alguns dias vi o homem a quem meu pai havia dado o dinheiro e perguntei-lhe por que nos acordou com aquele tipo de *brincadeira* em plena madrugada, e ele decidiu me contar:

Tudo começou há quarenta e cinco anos, com o nascimento do meu irmão Nias. Meu pai, *muito feliz* com a chegada de mais um filho, decidiu comemorar: reuniu alguns amigos, os quais trouxeram zabumba, sanfona e triângulo e saíram todos de porta em porta acordando os demais com uma **ENORME** cantoria, acompanhada de instrumentos musicais e *muitos* fogos. Afinal, não estava comemorando somente o primeiro dia de vida do meu irmão, iniciava-se também o mês de comemoração dos santos *juninos*. *Muito alegre* e acompanhado pelos companheiros, meu pai cantava:

Acorda, vem ver
vem ver recordação.
Acorda o povo todo,
hoje é primeiro de São João.
O primeiro de São João,
é dia de alegria,
brincam homem e mulher
até amanhecer o dia.

Segundo meu pai, naquela época, alguns levantavam assustados e enfurecidos por terem sido acordados, mas tudo era explicado com uma **ENORME** cantoria.

Meus amigos, me desculpem
por ter vindo lhes acordar.
Hoje é primeiro de São João,
vamos juntos comemorar.

Depois de *muita* explicação cantada, alguns deram dinheiro para comprar bebidas e outras coisas para a comemoração e a maioria juntava-se ao grupo, que saía cantando. Tudo terminou com um

belo café da manhã preparado com o que fora arrecadado durante o cortejo. Após o café, aos poucos, todos iam embora, mas ficou a promessa que tudo iria se repetir no ano seguinte. E assim foi feito. Todos os anos, após a meia-noite, iniciava-se a brincadeira, a qual passou a fazer parte dos festejos juninos de nossa cidade e ficou conhecida por todos como “Acorda, vem ver!”. Depois de alguns anos, meu pai faleceu. A pedido dele e da comunidade continuei com aquela tradição, a qual é sempre esperada por todos na cidade.

T2ADRS

No **MARAVILHOSO** e tranquilo Engenho Pirauá passei grande parte de minha vida. Recordo-me de que jogávamos bola às margens do **ENORME** rio Sirigi que corta a cidade de Aliança. Esse rio foi muito importante em minha vida, pois era a nossa principal fonte de diversão e renda. Era sua vida que mantinha a nossa vida. Sobrevivíamos tirando as areias que nele repousavam e vendíamos aqui em Aliança e depois do trabalho descansávamos em suas águas claras e fresquinhas.

Oh, saudoso rio Sirigi, tuas águas alimentaram meus sonhos e minha realidade! Hoje fico triste ao olhá-lo: suas águas estão escassas e poluídas. E as pessoas não mais o têm como tesouro.

Lembro-me ainda claramente de mamãe atravessando o rio para me levar à escola, que por sinal era bastante modesta. Ao se despedir, ela sempre dizia: “Boa aula, meu filho! Sei que você é muito inteligente e vai me dar muito orgulho!” Mas eu não era exatamente assim. Aquilo de que mais gostava era da hora da merenda. Depois, pulava o muro da escola, voltava às refrescantes águas do Sirigi. Lá, eu ficava tomando banho até dar a hora de ir para casa. E a sensação que tinha naqueles momentos era que estava em um sonho do qual jamais queria acordar. Hoje me arrependo daquelas fugas da escola!

Ao voltar para a minha humilde casa de taipa – feita de madeira e barro – caminhava direto para o pé de manga e me lambuzava naquela fruta deliciosa. Demorava-me horas entre as folhas daquela mangueira. Esquecia-me de tudo: do trabalho **PESADO**, da escola e de todos os momentos de sofrimento. Sentia-me como um passarinho repousando no ninho e só despertava ao escutar a doce voz de minha mãe chamando para jantar.

Recordo-me da alegria das festas de São João. Esperava por elas o ano inteiro. Nesses dias, acordávamos cedinho para colher milho no quintal e ajudar na produção das comidas. Lembro-me de que quando mamãe desviava o olhar colocávamos o dedo na panela para provar aquelas delícias. **ADORAVA** ajudar a fazer pamonhas e canjicas... Acho até que isso me fez trabalhar vendendo aquelas delícias de minha infância (hoje faço comidas típicas de milho para vender).

À noite, nos arrumávamos para o forró: as meninas, todas de tranças, parecendo bonecas de milho; nós, homens, fazíamos bigodes com pedras de carvão para impressionar os brotinhos. A sanfona e a zabumba começavam a tocar e o coração da gente disparava, pois chegava a hora da paquera. Ao som alegre da sanfona, dancávamos bem agarradinhos e confessávamos ao pé do ouvido os segredos mais íntimos. A noite ia embora e o forró continuava até os raios do sol aparecerem. Que saudades daquele tempo!

Ainda me lembro de que um dia, eu menino já grande, enquanto caminhava pelas **IMENSAS** terras do engenho, achei uma passagem de trem. Nem acreditei. Era felicidade demais! Pois o sonho de todo menino de engenho era viajar naquela máquina puxada pela maria-fumaça. Não disse a ninguém o meu achado. Naquela noite nem dormi, de tanta ansiedade. No outro dia, cedinho, acordei e fui para a estação esperar o trem. Quando o avistei de longe, meu coração disparou e bateu tão alto quanto o apito que saía dele. Entrei, sentei e o sonho começou...

O deslizar suave pelos trilhos me proporcionou uma sensação que jamais esqueci: o vento batia em meu rosto, acompanhado de uma visão **MARAVILHOSA**. Passavam por mim casas, animais, árvores, pessoas... Para onde me levaria não perguntei, não queria saber. Estava fora de mim. Porém, algo me trouxe de volta à realidade: avistei meu rio Sirigi, distante de mim. Naquele momento surgiu um **grande medo** e comecei a chorar. Queria voltar para o meu rio, porque ele era a minha vida.

Rio e trem são lembranças que jamais sairão de minha memória.

T4APDC:

A vida em Tatuí sempre foi **muito tranquila**, ainda mais para mim, que sempre vivi num **pequeno** sítio do bairro dos Mirandas.

Minha casa era uma construção **bastante antiga**, do tempo dos escravos, ainda feita de sapé e barro.

Papai, nessa época, trabalhava numa lavoura de algodão, uma **IMENSIDÃO** de terras cobertas por um branco sem fim, que pareciam mesmo campos repletos de neve. Nessa época, tudo era **mais difícil**. Além de ajudarmos na lavoura, tirávamos água do poço para nossas atividades domésticas. O banheiro ficava fora, era uma latrina: no chão, assim rústica, um buraco, onde cada “passeio” era uma excitação mental **EXTRAORDINÁRIA**.

A cada dia, o passeio até o banheiro era uma surpresa diferente, mas havia **sempre** uma especial: Josué, que estava **sempre** lá. Ele era **alegre, cantava sem parar**, me fazendo companhia e afastando a magia fantasmagórica das trevas noturnas.

E antes que eu esqueça... preciso lembrar que Josué era um sapo, **muito grande, verde, de olhos esbugalhados**. Por muito tempo foi meu **amigo mais fiel**, até que conheci um novo mundo – o da escola.

Como nosso bairro era **muito pequeno**, não tinha escola, e os patrões de meu pai achavam **IMPORTANTÍSSIMO** que eu tivesse estudo. Assim, decidiram que meu pai me levaria todos os dias de carroça para a cidade e eu achava tudo isso a **mais INCRÍVEL aventura**, como as das novelas do rádio, que ouvíamos na época.

Sentia-me como uma princesa ou uma heroína do velho oeste em cima da velha carroça recoberta com um pelego **bastante quente**, que nos dias de frio me aquecia e nos de calor me acalorava **ainda mais**.

O primeiro dia na escola foi algo **bastante incomum**, todos se conheciam, pois, como diziam, moravam na cidade, e eu... com meus pés sujos de terra vermelha, roupas simples, sem uniforme, e uma sacolinha de pano, onde levava a minha merenda: pão feito pela minha mãe, recheado com banana, e o **mais puro** leite numa garrafinha de vidro.

Transformei-me logo no **alvo da risada de todos**, eles não compreendiam que eu vinha de longe e que tudo isso era o melhor que podia ser conferido a nós que morávamos no sítio.

Estava **deslocada, um passarinho fora da gaiola**. A professora d. Lígia, vendo-me **acuada**, tratou logo de reverter a situação, acolheu-me como mãe. Contou que também morava num sítio e pediu-me um pouco do meu lanche e o saboreou como um banquete.

Por um momento, foi como se o mundo tivesse parado, todos **atordoados** com os acontecimentos. Nem podiam acreditar, pois a professora **que nunca mostrava afeição por ninguém** estava bem ali do meu lado, como uma **velha** e querida amiga.

Desse dia em diante todos passaram a me respeitar, não mais me esquecia de chegar à cidade e limpar os pés, trocar os sapatos e escondê-los na árvore defronte da escola para que nunca mais meu lugar ficasse cheio da terra vermelha, terra de que tanto me orgulhava no caminho feito de carroça conduzida por papai, com o dia claro ou com as luzes dos velhos lampiões a gás.

T5BLUF:

Naquela época, o carreirinho que ia à igreja já estava branquinho de neve, como se tivesse chovido algodão sobre a mata ainda virgem. Os galhos dos pinheiros – até os mais fortes – quebravam devido ao peso da neve. Os barrancos ficavam todos cobertos por uma manta branca e suave, formando um verdadeiro escorregador. Fazíamos bonecos de neve com nariz de cenoura, braços de galhos secos e uma panela velha como chapéu. Foi a nossa **maior diversão!**

Contrastando com a neve, estava o marrom **CARNADO** do pinhão no chão. Pinhão, tinha **bastante!** Por isso era pinhão no almoço, na janta... Como a comida era pouco diversificada, a gente dava graças quando tinha alguma coisa diferente. O pinhão dava um sabor **a mais** a nossas refeições!

A gente sabia que o pinhão só dava no inverno, mas queria catar pinhão o ano todo. Ah que saudades daquela época em que a gente fazia o sapecado! O pinhão **quentinho** e o chimarrão eram nossos tesouros, nossa tradição...

Velhos e bons tempos eram aqueles!

Namoro? Só com o pai no meio de nós dois, mesmo nós sabendo que não podíamos nem pegar na mão! Os bailes eram bonitos e nos clubes Guarani e 1º- de Janeiro eram agitados, uma alegria só! Quando os casais começavam a dançar, todo mundo aplaudia, com **muito respeito**. Respeito, por sinal, era a marca registrada daquela época.

A escola não era tão fácil, assim como é hoje. Não podia olhar para o lado que a professora já dava a palmatória. A temida e respeitada palmatória! Talvez, devido a ela, havia **mais respeito** com os pais, com os professores e com as pessoas **mais velhas**. Bastava uma olhadinha e nós já sabíamos o que era!

Tenho saudades daquele tempo, do sabor do pinhão e da suavidade da neve que quando passava deixava tudo com um **INESQUECÍVEL** gosto de “quero mais”...

Nessa cidade, que hoje não é mais tão pequena, e é **bastante diferente** da Santa Cecília de **ANTIGAMENTE**, eu morei e moro até hoje, relembrando o passado. E é de onde não quero sair, porque é

para mim o meu cantinho gelado, mas o **MELHOR** para viver, enquanto existirem as lembranças dessa terra de alma suave como a neve e imponente como a araucária.

T7CV:

Às vezes minha mente flutua no universo e para exatamente na minha infância.

O calor das minhas cobertas era interrompido por uma manhã gelada. Com apenas metade de um olho aberto pensava que estava viajando entre as nuvens. Infelizmente era só a neblina que tentava engolir minha casa. Ao sair da cama já sentia o cheiro do café, que, ao entrar no meu nariz, esquentava meu corpo e até tirava o frio das minhas veias. Na varanda o café descia pela minha garganta em goles rápidos. Olhando para onde eu pensava ser o começo do mundo, via o sol chegando e as pequenas gotas de água que evaporavam devagar da **IMENSA** mata que parecia tocar as mais altas nuvens no céu; o córrego dentro da mata corria devagar... Pertinho de casa, do outro lado do terreiro, tinha pés de laranja e de jabuticaba, que pareciam bolas de gude.

Todos os dias saía de casa correndo rumo à escola que ficava **bem, bem longe**... Uma **grande aventura**, mas para meus irmãos **menores** era um desafio de seus medos, por passarmos em um **ESTREITO** caminho dentro de uma mata sombria. As marcas do **LONGO** caminho ficavam no meu ombro pelo peso do embornal (sacola que era como uma mochila na época, feita em casa pelas próprias mães). Sempre na volta da escola um inimigo me perseguia: o sol – que sufoco!

Eu e meus nove irmãos precisávamos ajudar nossos pais na roça. Apesar de o trabalho ser duro, **nunca reclamei**, pois eu não gostava de contrariar meu pai. Quando chegávamos a casa, após um **DEMORADO** dia na roça debaixo daquele sol forte, só pensava em uma coisa: descanso!

À noite, depois de um banho que aliviava meu cansaço e de ter saboreado a comida preparada por mamãe no fogão a lenha, ia me deitar. A fumaça que a lamparina a querosene produzia poluía meus pensamentos, a última chama antes de ser apagada incendiava meus sonhos!

Hoje, não sei o que sou, ou o que eu fui, mas tenho certeza de que fui e sou **muito feliz!** Apesar das **inúmeras dificuldades** que enfrentei, **nunca desanimei**. Agora as coisas são **bem mais fáceis**, mesmo assim as pessoas **não dão valor à vida**. Percebo, sou feliz por sempre saber viver!

T10DRA:

Defronte a minha casinha de taipa eu via se perder na **IMENSIDÃO** da areia da caatinga o azul do céu, misturando aos poucos pés de caju, uma mistura feita de cores sob o sol ABRASADOR, daquele sertão tão seco.

Isso aconteceu nas eras de 50, quando a seca castigava **sem pena e sem dó** o nosso povo.

Sáimos de lá pelas “varedas”, arruados de paus secos, onde os jumentos abriam caminhos por entre os xiquexiques já amarelados pelo sol **ESCALDANTE**, onde o único verde que restava era um juazeiro, sob o qual colocamos nossos objetos, armamos nossas redes encardidas e sujas por não ter água para lavar.

Ali naquele descanso meu pai abriu um pote de barro com farinha e rapadura, que comíamos com uma gula infinita. Meu pai regravava a comida, lembrando-se dos dias vindouros. Éramos os chamados **retirantes** que na estrada sem fim, de poeira e terra seca, encontrávamos outros que iam e vinham em busca de uma vida mais farta.

Em meio aos jumentos, cangalhos, caçuás (espécie de bolsa de couro que os animais carregam) e traçalheiras, vi um rosto triste, mas de olhos grandes e pretos, como a graúna (que já não existia mais no sertão). Era meu amor, que encontrei diante de tanta miséria.

Conseguimos enfim nos salvar daquela seca **MEDONHA** e nos casar quando a chuva chegou.

Nosso amor não era seco como nos tempos passados, era meloso como o mel que a jandaíra (abelha) fazia nos galhos da umburana que ficava no terreiro da nossa casa, também de taipa, com redes **LIMPINHAS**, vasilhas de barro e fogão a lenha. Os bancos de madeira que ficavam em frente a minha casa serviam para as vizinhas sentarem e prosearem durante a noite ou nas debulhas de feijão. A água limpa do pote servia para matar a sede da boca adoçada pelo doce de gergelim com canela. O cheiro do café da madrugada envolvia o sertão com um aroma gostoso, que convidava os vaqueiros a se apearem dos cavalos e se deliciarem ao nascer do sol.

Hoje tudo é diferente... ninguém mora mais em casas de taipas, ninguém vê a seca como um inimigo, ninguém encontra um amor em meio ao vai e vem de retirantes.

O casamento não dura mais para sempre, pois hoje as pessoas não dizem mais que vão casar, dizem que vão “ficar”.

Tudo diferente da minha mocidade.

Sozinho, morando na casa de outros, sinto uma saudade... uma saudade sem fim. Meu amor já se foi... meu ranchinho continua em pé lá no sertão, como também o pé de umburana no terreiro, quem sabe, esperando novos retirantes, para fazer uma jura de amor eterno, igual ao que eu vivi.

T11CV

Não quero esquecer aquele cantinho só meu, cheio de vida, de sons e de cores que há muito tempo só existe em minha memória: a casinha de tábuas onde morávamos; o fogão a lenha num dos cantos da cozinha, que tisonava tudo, manchando de preto narizes, paredes e o teto de palha; a casa de farinha – lugar de suplício para mim, que odiava lavar mandioca –, e a **DENSA** floresta ao redor, interrompida por pequenos roçados, de onde papai e mamãe tiravam, com muita dificuldade, o sustento da família...

Ali, meus velhos só viviam para o trabalho. E aos sábados, que nem **burrinhos de carga**, lotados de cestas, iam ao **ANTIGO** mercado vender o que colhiam na lavoura e comprar o rancho, como denominavam a feira semanal.

Eu, menina **levada**, e minhas três irmãs, apesar dos trabalhos que éramos obrigadas a fazer (“pastorar” arroz, raspar e lavar mandioca, arrancar ervas daninhas dos roçados), nos divertíamos também. Brincávamos de casinha, de esconde-esconde e, às vezes, quando papai nos mandava pastorar o plantio do arroz, para enxotar passarinhos, nós aproveitávamos para jogar pedrinha – diversão arriscada, que papai nem sonhava acontecer! Por isso quando víamos vir em direção do roçado, começava a gritaria **DESENFREADA**: “Xô, passarinho, xô!”.

Mas eu gostava mesmo era de ir ao roçado sozinha, porque ali procurava um galho de alguma árvore caída e passava a tarde me balançando e cantando o mais alto que eu podia. Eu adorava cantar e achava que estava abafando! Gostava de ouvir o eco da minha voz mata adentro...

Porém, as lembranças que mais me emocionam são da natureza e da simplicidade da vida naquele recanto: os riachos de água límpida e fria, onde passávamos parte do tempo nos banhando, mesmo a contragosto de nossos pais; as plantinhas de cores variadas, cheias de besouros coloridos; as espigas de milho, que para mim eram bonecas de cabelos lindos – cor-de-rosa, amarelinho, esverdeado...; os passarinhos diversos: rolinhas, curiós, beija-flores, sanhaços e outro **MONTÃO** de que nem me lembro mais os nomes. Nunca me esqueci do canto da passarada ao amanhecer: era trinado sem fim, uma festa diária na mata. Durante o dia, o céu limpino me parecia ter sido varrido por alguém, assim como eu varria o terreiro. Santa inocência!

E as noites de verão? Como me encantavam as sombras das árvores que a lua cheia projetava no terreiro, onde ficávamos até mais tarde observando as estrelas, contando-as, nomeando-as, e elas me pareciam mais numerosas que hoje, penduradas no céu como enfeites de árvore de Natal... De repente, aquele estado de contemplação era interrompido por um tiro no meio da mata. Era uma armadilha de papai anunciando que havia paca ou tatu para o almoço de domingo. E lá se ia meu velho herói (Afeto + Julgamento), portando um terçado, uma lanterna a pilha, e acompanhado de um vira-lata corajoso em busca de caça já agonizante. Tempos bons aqueles!

Mas, hoje, só saudades... Daquele lugar mágico, que minha memória resgata com tanta vivacidade, só vejo breves resquícios, prestes a se desfazerem também. Aquela exuberância em verde e vida de toda a natureza ao redor foi apagada em nome do progresso. Pouco a pouco, o verdor da floresta foi sendo engolido pela motosserra, as águas, lambidas pelo fogo, as matas tombaram e cederam lugar a ruas, casas, igrejas, escolas, pastos... E eu, impotente, assisti a tudo, dando a cada dia um novo adeus lacrimajante a algum elemento que se ia embora, sem chance de regresso.

Mataram-me a mata e parte da minha história, destruíram meus castelos de sonho, e nada pude fazer para impedir. Aquele mundo encantado, que existiu concretamente, e ficava aqui em Cruzeiro do Sul, interior do Acre, agora é abstrato, só existe em minha memória.

T13EDMI

Recordo muitos casos, dos tempos da minha infância, do engenho de cana-de-açúcar que havia aqui no Sítio Bonfim dos Pedrosas, uma pequena comunidade onde moro, a 2 quilômetros da cidade de Carrapateira, no alto sertão da Paraíba. Lembro-me muito bem do período das moagens, era uma verdadeira feira, a que vinham muitos habitantes das cidades vizinhas e até mesmo de outros Estados, como Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

O engenho, que foi fundado em 1935, tinha grandes moendas de ferro puxadas por boi, energia elétrica não havia por aqui, vivíamos no escuro, à luz de lampiões e candeeiros, mas isso não importava. Em noites de moagens os trabalhadores se reuniam no galpão do engenho e enquanto o mel engrossava para dar o

ponto da rapadura contavam histórias, anedotas e até contos *de assombração*. Eu adorava ouvir essas conversas, esperando o momento do ponto da rapadura nas gamelas sair – repartimentos onde colocavam o mel em ponto de rapadura: era o momento *mais esperado* por todos nós para comermos a rapa *quentinha* da rapadura que sobrava nas gamelas.

Todos os anos, a partir do mês de agosto até meados de novembro, realizavam-se as moagens durante várias semanas. Eram tempos de *muito trabalho*, mas também de *festa e alegria*. Em noite *de lua cheia* meus **amigos** e eu brincávamos na bagaceira da cana, que mais parecia um *escorregador*, no qual rolávamos de cima a baixo, num sobe e desce **DE FAZER GOSTO!** Pela madrugada, meu pai me acordava, era hora de carregar os jumentos com a cana, que era levada do sítio para o engenho para alimentar os bois que puxavam a moenda. Eram tempos *difíceis*, de trabalho *árduo*, mas os donos do engenho e os produtores ficavam **satisfeitos**, pois gerava renda e emprego para muita gente. A rapadura era o produto *mais famoso* do engenho, que ainda hoje guardo na memória o cheiro e o doce que não encontro nas rapaduras de hoje.

O *velho* engenho cansou, funcionou pela última vez em 1976, ficamos *tristes*, o silêncio no nosso vilarejo fazia doer, tentamos reerguê-lo, mas o esforço foi em vão. Em outros centros a produção era *mais rápida* e com *baixo* custo, enquanto o nosso trabalho era quase *artesanal* e a precariedade já estava sendo vista a olho nu.

O engenho deixou também um rastro *de tragédia e desespero*: a filha de um dos donos do engenho caiu dentro de um cavudo – buraco onde jogavam as brasas do engenho –, a menina gritava, chorava e não conseguia sair, seu corpo derretia nas brasas *como plástico velho em chamas*. Revivo esse momento como se fosse agora, choro e me arrepio de emoção.

A menina sobreviveu, ficou com um dos braços *paralisado* e marcas e cicatrizes em todo o corpo, mas ela foi **forte**, lutou e venceu.

Ainda hoje sento-me debaixo de um juazeiro e, olhando o lugar em que era o engenho, me vem a lembrança daqueles momentos. Hoje sou **agricultor** e aqueles tempos que pareciam mais como festa de criança ficarão para sempre guardados em minha memória.

T15GCLBS

Mais uma vez sinto o calor da lembrança, e o calafrio da saudade... Meu ser anuncia a hora de relembrar o **MARAVILHOSO** tempo de criança, as ideias *inesquecíveis*, brincadeiras *memoráveis* e *contagiantes* daquele tempo...

Bons tempos aqueles: morávamos num lugar *pequeno*, cheio de matas e animais, casas *rústicas*, construídas pelos moradores com paredes de pau a pique – um trançado de ripas como estrutura para fixar o barro batido nos buracos. Hoje as casas são de *alvenaria*, as matas desapareceram e com elas os animais. O lugar é chamado de Córrego Baixo Moacir, município de Governador Lindenberg, interior do Espírito Santo.

Naquela época, com movimentos *rápidos* das mãos, víamos a agulha franzir o babado: era nossa mãe costurando nossos vestidos para irmos à missa aos domingos. Nossos olhares de crianças *puras* brilhavam *feito pequenas esmeraldas*, curiosos em saber qual seria o modelo *mais belo*. Agora o carinho das

mãos habilitosas de nossa mãe foi substituído pela frieza das máquinas. Logo após a missa, na estrada de terra – esta pelo menos ainda existe! –, voltávamos a pé e lá de longe já sentíamos o cheiro do frango caipira, coradinho com a tinta retirada dos fartos pés de urucum que vovô socava no pilão. O frango era acompanhado pela polenta, uma herança da cultura italiana. O aroma que vinha da janela da casa da vovó era convidativo e fazia com que apressássemos o passo.

Eu estimava os dias de chuva, quando bastava ouvir um leve toque anunciando que a feira ia começar. Era só abrir a porta e meus amigos transformavam-se em “campainhas”, cujo barulho de felicidade era demonstrado aos **BERROS**, ao sentir o prazer de cada gota caindo sobre seus corpos, que refrescava a alma. A chuva caía **VAGAROSAMENTE** e num passe de mágica transformava-se numa cachoeira em gotas. Mas nós não estávamos **satisfeitos** e bastava a distração dos familiares para que corrêssemos estrada afora e de poça em poça descobríssemos mais um mistério. Esses eram os dias de que mais gostávamos: os mágicos dias de chuva, que hoje já não são tão frequentes.

Já nos dia em que o sol recobria o telhado de palha de coqueiro, feito por nossas pequenas mãos, nossa diversão era construir nossos próprios brinquedos. Tudo era utilizado: pequenos frutos e pedaços de gravetos. Carretéis e madeira eram usados para fazer os carrinhos, também brincávamos de bonecas costuradas com palha e sabugo de milho colhidos no quintal, o que hoje já não acontece, pois as crianças de agora pensam somente nos brinquedos falantes, jogos eletrônicos e em tudo o que não desperta a curiosidade, a inteligência, e faz com que não usem suas mãos para inventar e construir, preferindo apertar somente um botão.

Nos fins de semana, reunia os amigos para colhermos frutos e degustá-los. Uma delícia! Hoje os frutos são poucos e quando não contaminados pelo **excesso** de agrotóxicos nas lavouras. Nossas roupas branquinhas passadas a ferro em brasa – até então não existia energia elétrica –, os vestidos engomados com uma mistura de água e polvilho, muito usada na época, estavam **COMPLETAMENTE** sujos, o que nos rendiam alguns sermões de nossas mães. E, assim, após o banho, eu ia à casa da vovó ouvir o vovô contar histórias lembrando seu passado, suas memórias, que me faziam adormecer em sonhos, saboreando as primícias de uma infância **bem vivida**.

T17SR

Faz muitos anos que moro em Santa Luzia do Norte. **ANTIGAMENTE** existiam poucas casas. Quando caía a noite, nesse saudoso recanto, conversávamos sobre lendas, casos acontecidos durante o dia, conversas de compadres e comadres, como se dizia. Quando criança, brincava de pega-pega, pular corda, essas brincadeiras seguiam de quintal em quintal, até que se ouvia a voz de mamãe chamando para entrar, já que a noite se aproximava e a luz era de candeeiro.

O cheiro quente e gostoso da comida tratava de convencer-me, se as tentativas de minha mãe não conseguissem. Ah, que lembrança gostosa! Tudo feito no fogão a lenha!

A casa onde morávamos era pequena e de taipa, “casa feita artesanalmente de barro e madeira”, nela só existiam três cômodos. Da cozinha via-se o quintal, celeiro de **grandes** momentos de felicidade, pequeno com um **IMENSO** pé de jambo.

A ida à escola era uma festa, a não ser os momentos de sufoco pelos quais passava quando tinha que repetir, **EXAUSTIVAMENTE**, a tabuada. Se não conseguisse, viria o inevitável: o temido castigo.

Quando a luz elétrica chegou aqui ao município, foi um acontecimento: dormimos à luz de lamparinas e acordamos à luz da eletricidade.

Algumas **poucas** casas tinham televisores e, claro, nelas aglomeravam-se muita gente para se encantar com as maravilhas proporcionadas pela tecnologia.

E só se ouviram as falações: “Como é que aparece esse povo aí falando de **tão** longe!”

Por volta de 1990 consegui minha primeira TV, foi realmente um progresso. Senti como se o mundo entrasse todos os dias dentro da minha casa.

Minha cidade é, ainda hoje, **pouco desenvolvida**, mas **repleta** de antigas histórias que habitam na memória de quem até hoje reside nela.

T24LFSA

Impossível esquecer-me da linda cidade onde passei toda a minha vida. Quando **pequena**, recordo ser também a cidade uma criança que começava a crescer junto comigo. Luz! Os postes de madeira foram colocados nas **poucas** ruas da minha cidadezinha. Eu ficava **maravilhada** com aquelas “estrelas” tão próximas, possíveis de serem tocadas. Os adultos diziam: “É obra do governo, o progresso chegou”. **Acostumados** com a novidade, voltamos à nossa rotina.

A Igreja Matriz: **PEDACINHO do céu** mesmo, sabe por quê? Foi construída pela comunidade, cada um cuidando da sua maneira; com o que podia e com seus respectivos talentos. No ano de 1920 ficou **totalmente pronta**. Nas paredes e no teto, passagens bíblicas que retratam a vida do nosso padroeiro, São João Batista. A imagem que **mais** me impressionava era a da cabeça de São João numa bandeja. Mamãe me explicou o motivo que levara o nosso **SANTINHO** à morte. Eu sentia medo, pena, e ficava **profundamente triste** com **tanta maldade**. Terminada a missa, bastava sair da igreja para os meus sentimentos começarem a mudar. Ali o cheiro da comida mineira dominical alvorçava minha vontade de comer. Era perceptível o cheiro da macarronada, do frango caipira e do doce caseiro, que era meu maior desejo. Como eu gostava de doces! E por me lembrar de **GOSTOSURAS** me vêm à memória as festas de São João. Noites claras, enluaradas, enfeitadas e temperadas com brincadeiras, leilões, guloseimas, bingos e barraquinhas. Eu não tinha dinheiro para comprar nada do que via; no entanto, papai trabalhava **mais do que nunca** nessa época para, ao menos, comprar para mim e meus irmãos um lindo e saboroso cartucho recheado com os **docinhos** que faziam um rio correr na boca.

Outra diversão daquele tempo era participar das brincadeiras do circo. Constantemente, nossa cidade recebia a visita de parques e do circo Lexo-Lexo. Confesso que tinha **enorme preferência** por este último! Ali, no terreno onde montavam aquela tenda, meus sonhos se erguiam também. Nos teatros, eu era **sempre** uma **personagem**. Faltava um autor, outro ator, eu e meu irmão Antônio tínhamos o que fazer; corríamos em volta daquele circo o dia todo e nos divertíamos muito, pois quando entrávamos em cena o circo já estava lotado. E era possível ouvir alguém dizendo: “Olha, os filhos do Filipim”. Eu me sentia bastante orgulhosa, quase me esquecia o que tinha para representar, mas aí era que todos gargalhavam...

Hoje, apesar da saudade daqueles tempos, vejo com **grande satisfação** as mudanças desta cidade. Lugar tranquilo, terra de amigos que não se encontram em canto nenhum. É uma cidade pequena, se comparada a outras, vizinhas, mas posso garantir que é aquela que se destaca por sua beleza, pelos recursos e empregos e por sua gente **tão capaz e competente**, gente feliz.

T25MUR

Já faz **tanto** tempo, mas as lembranças dos meus tempos de infância vividos na zona rural não me saem da memória.

Ao primeiro cantar do galo, meu pai já estava de pé e pronto para começar mais um **LONGO** e fatigado dia de trabalho. O vento frio da manhã acariciava nossos rostos, eu e meus irmãos pulávamos da cama e corríamos para a lojinha, atraídos pelo delicioso cheiro de café que só a mamãe sabia preparar. A mesa estava repleta dos produtos da terra, frutos do suor de um incansável ribeirinho que trabalhava **de sol a sol** para garantir o sustento da família.

E, nos “**MARAVILHOSOS**” dias de sol, quando ainda brincávamos sem nos preocupar com a intensidade dos raios solares, íamos para o rio das Velhas, que passava perto lá de casa. O cheiro de mato **VERDINHO** adentrava em nossas narinas. O céu azul límpido irradiava felicidade.

Ah, como era gostoso! Saíamos correndo e tchibum! Caíamos na água, nadávamos como peixinhos, flutuávamos sobre as águas que ainda não haviam sofrido os efeitos da poluição e chegávamos a **adormecer**, recebendo aquela brisa suave misturada ao calor do sol.

Então, já **cansados** e **famintos**, íamos fazer a festa nos pés de jacas, subíamos nos **mais altos** galhos daquela **FRONDOSA** árvore e saíamos de lá **fartos**. Como não tínhamos compromisso com horário, retornávamos ao rio para pescar.

Quando me lembro disso, lágrimas vêm aos olhos, pois aquele **MAJESTOSO** rio, palco das nossas peraltices de criança, transformou-se em um pequeno riacho ofegante, que insiste em ressurgir após cada temporada de chuva. Mas nada à altura do que era antes. Naquela época, ele corria solto, tanto é que uma das nossas brincadeiras prediletas era disputar quem conseguia chegar à outra margem.

Nisso passávamos quase o dia inteiro.

Naquelas águas claras e límpidas perdíamos tempo a observar a briga dos peixes que disputavam os farelos que atirávamos na água. A ansiedade tomava conta de todos nós. O coração acelerava de tanta felicidade e quando um ingênuo peixinho caía em nossas mãos era uma folia! Não víamos o tempo passar. Só percebíamos quando o céu começava a escurecer, em um belo pôr do sol, levando consigo aquele lindo dia de diversão!

Mas o tempo passou, e a infância marcante desse ribeirinho agora fica registrada apenas em minha memória. (SENTIMENTO DE LÁSTIMA) Um rio de águas límpidas, intermináveis dias de sol estão agora guardados em meu coração. Sinto saudades de uma época em que meus netos não terão a oportunidade de viver, de um tempo mágico, cheio de alegrias e encantos.

Minha **MARAVILHOSA** infância!

T26MI

Essa história se passou numa noite quando minha avó sentou-se e começou a relatar suas lembranças, contando assim:

Cheguei a Rosário em 1972, aos 12 anos de idade, e fui morar na Rua Eurico Macedo, com minha mãe, irmãos e avós.

A rua era *bem calma*, tinha *poucas* casas e não era *asfaltada*, somente a piçarra com sua **VERMELHIDÃO**. Bem diferente da *pequena* cidade *vizinha* onde tínhamos morado anteriormente. Rosário não era *muito povoada*, mas *bem organizada*. Naquela época não existiam hospitais, bancos, supermercados, e tinha *poucas* escolas.

A escola onde eu estudava era *muito simples*, mas *divertida*, porque eu tinha muitos *amigos*. Quando entardecia nos sentávamos ao redor de uma fogueira esperando a noite chegar para nos *alegrar* com o brilho das estrelas no céu.

A chegada da primeira televisão à nossa cidade foi uma *grande novidade* e foi instalada na Praça Matriz. Todas as noites íamos para lá assistir às novelas. Quem não queria ir ficava em casa. A eletricidade já havia chegado, mas eram poucos que a *usufruíam*. Em minha casa usávamos lamparinas.

Era *muito difícil* sair da cidade porque tinha que comprar passagem três dias antes da viagem.

Para comprar comida, objetos e roupas, tínhamos que ficar na fila, esperando o caminhão de mercadorias chegar.

O dinheiro usado era o cruzeiro. Móveis, só *encomendados*. Para você poder ir a São Simão tinha que andar pela estrada a pé até chegar ao rio Itapicuru, dali embarcávamos na canoa, pois para irmos para o outro lado o *único* meio de transporte era a canoa. *Meus amigos e eu brincávamos de caça ao tesouro* e íamos em busca das riquezas que tinha em nossa *pacata* cidade: o forte e a linha do trem.

Assim, minha avó termina a sua história, lembrando com *carinho* daqueles tempos. E eu fiquei *maravilhada* com tudo aquilo e disse: “Que *bom* seria se hoje fosse *tão legal* quanto os tempos da minha *avozinha*”.

T27MVM

Durante minha vida em Graça sempre fui uma garota **agitada**. Lembro-me de que eu e minha melhor amiga gostávamos de passear pelo mercado municipal recém construído, mas **muito diferente** do de hoje: o teto era feito de palha, sustentado por um tronco **ENORME**(ESCALA DE GRADAÇÃO). Passeávamos por lá por não haver outra opção e também para paquerarmos os meninos.

Nascemos quase juntos: eu e o mercado. Somos **uma coisa só**, mas não estamos nos livros, televisão ou qualquer documento. Estamos na memória que marcou minha adolescência. Às vezes sinto saudades daqueles tempos, quando tudo era **mais** tranquilo, não havia quase motos ou carros nas ruas.

Ao chegar em casa, ajudava minha mãe a fazer chapéu. A palha utilizada cortava meus dedos, mas era a única forma de ajudar na renda familiar, garantindo dinheiro para, quando chegassem os festejos, comprar tecido para fazer os vestidos.

Estudava à tarde com a professora Iracy, **mestra muito severa**. Minha mochila era um saco de arroz, em que levava um lápis, a cartilha do ABC e uma tabuada. Meu pai me colocou na escola, e meus irmãos também, para aprendermos a ler uma carta e fazer outra. Eu era **CRAQUE** na leitura e não gostava da tabuada, mas estudava muito para não apanhar de palmatória. Nunca apanhei da professora, pois ficava **bem quietinha**. Durante o recreio, ela mandava-nos capinar o mato que crescia ao redor da escola, tarefa que julgava enfadonha, pois minhas mãos às vezes inchavam.

Quando chegava da escola já era quase hora do jantar. Comíamos feijão com farofa de toucinho. O gosto não era bom, mas de tanto comer já havia me acostumado. **Raramente** comíamos carne ou biscoito, e só tomávamos refrigerante quando caíamos doentes.

Nas festas não havia bebidas alcoólicas, só o arico-rico – suco industrializado em pó colocado em garrafas –, que tinha que ser dividido com os amigos, proporcionando momentos de alegria e confusão.

Apesar das secas, minha família nunca passou fome, pois meu pai criava capotes e cabras; por esse motivo não nos faltava leite. **Raramente** chovia, mas quando acontecia era o **maior alvoroço!** Todos corriam em busca de baldes para armazenar água e eu ainda brincava com as outras crianças na chuva. A água que caía do céu era **FRESQUINHA**, contrastando com a terra quente, e quando se misturavam produziam uma fumaça que causava um clima de mistério. A forte chuva formava um pequeno lameiro, que, misturado à terra, parecia um rio de chocolate. A magia da água tocando o meu rosto era **muito forte**. Nessas horas o trabalho era esquecido.

Naquele tempo, a chuva era **a maior alegria** e a rua transformava-se em um mundo **FANTÁSTICO**. Além das brincadeiras no lamaçal que escorria pela rua, modelávamos panelinhas de barro para brincar de comidinha, fazíamos bonecos de sabugo de milho ou casca de melancia, construíamos casinhas e redes de palha para pastorear o roçado...

Quando não chovia era uma tristeza DE DAR DÓ, não havia mais a magia e sobrava tempo para brincar pela manhã. Então, eu e a minha turma nos reuníamos nas casinhas de palha. Lá construíamos brinquedos, conversávamos, fazíamos comidinhas de frutas e inventávamos histórias cheias de mistérios e paixões.

Nossa vida se enchia de alegria, que vinha de muitos momentos: das brincadeiras, da escola, da família e de quando chovia. O fim da história? Não sei, porque ainda vivo. Enquanto viver, minhas memórias nunca irão acabar.

T290D

Encostado à colina perdia-se um arraial entre os arvoredos dos quintais. Assim era este lugarejo quando cheguei por volta de 1933.

Estava longe de se tornar uma cidade, era o Arraial de São Vicente. Antigamente, onde hoje há a Praça Olegário Maciel, lugarejo no qual construí minha casa, era uma pracinha entranhada de gramas e vassouras onde sossegadamente pastava o gado. Pouco além, o cruzeiro, esguiu na calçada, ponto certo de oração ao entardecer. O terço contemplado pelas carolas não poderia faltar, minha avó puxava a turma - como era forte aquela fé! Lá era também o ponto certo da boa prosa. Talvez seja por isso que ainda se veem os **aposentados** na pracinha até hoje fazendo a mesma coisa - eles conservam a tradição.

E as **POUQUÍSSIMAS** ruelas... ah como eram estranhas! Alguns poucos casarões de pau a pique distanciados por muros de taipas, arame farpado, gravatá – planta **ESPINHOSA** –, cerca de bambu forrado de melão-de-são-caetano. Nunca imaginávamos que na rua do mentrasto, onde havia só casas de capim, verdadeiras taperas, iria haver **tantos** arranha-céus de oito ou dez andares. Ali distinguia-se o sobradinho do sr. Amero, com três janelas de madeira, assoalhos de tábuas e forro de esteiras.

Na praça de baixo, a árvore-do-óleo com casinha de joão-de-barro, ponto visado da meninada, brincávamos de bolinhas de mamonas e boizinhos de bucha. A igrejinha do Rosário estava sempre bem retocada, o sino amarrado de fora da janela. Alguns empórios onde se liam “Casa Comercial”, muitas vezes com o S virado. A do Zé da Gilca era a maior, oito portas com boas trancas, balcão corrido de fora a fora, armarinhos, chapéus, enxadas e todos os modelos de painéis de ferro. O dono era **prosa, espirituoso**, arrancava o couro dos fregueses e ainda achava que estava vendendo barato. Se faltava mercadoria, jurava que iria chegar na próxima semana, mas esperávamos até um mês. Dona Gilca não saía do balcão, vendia até para quem não queria comprar... mulherzinha abusada era aquela! Vivia colocando defeito nas minhas botinas para eu comprar um novo par.

Quando entrava o mês de maio, um barrado vermelho no céu, sinal de que o frio vinha chegando. Como eram lindas aquelas manhãs! Ao anoitecer, no pé do fogão, ficava me aquecendo ao calor das brasas, papai contava histórias enquanto comíamos milho e batata-doce assada. Éramos **mais unidos**, havia mais diálogo, parecia o milagre do inverno. Havia também o respeito entre pais e filhos.

No dia seguinte, aquele cordão de mulheres com latão e potes na cabeça, no beco da saída do arraial, a mina d’água jorrando dia e noite na biquinha da ripa. Lá também lavavam as roupas delas e dos fazendeiros **ricos**, proseavam, contavam “causos”, cantavam, faziam mexericos de comadres. Tudo acontecia ali naquele beco, hoje Rua Eliza Gomes. Havia até um ditado: “Quem bebe da água da biquinha daqui não sai”. Eu ajudava minha mãe a carregar os baldes e potes de água na cabeça. Enquanto isso meu pai e meus avôs trabalhavam **ARDUAMENTE** na lavoura de café, pois aqui ainda não existia a fábrica de bonecas de papelão

que deu emprego a muita gente, mas logo se transformou em fábrica de macarrão, vendido no Brasil todo.

Hoje sou **adulto** e percebo que muitas daquelas *peculiaridades* só eu via, pois enxergava com os olhos do coração. Em minha alma tudo permanece **NITIDAMENTE**.